



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i4.1368>

**UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE POÉTICA E
CULTURA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

CARLOS ALEXANDRE FIRME DE OLIVEIRA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Regina Simonis Richater

SÃO GONÇALO DO AMARANTE - RN
2020

**UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE POÉTICA E
CULTURA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

CARLOS ALEXANDRE FIRME DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado e Doutorado da Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Regina Simonis Richater

SÃO GONÇALO DO AMARANTE - RN
2020
**UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE POÉTICA E
CULTURA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

CARLOS ALEXANDRE FIRME DE OLIVEIRA

Dissertação de Mestrado avaliada em ____/____/____ com conceito_____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof.^a Dr.^a: Sandra Regina Simonis Richater

Examinador

Prof. Dr. Helder Neves de Albuquerque

Examinador

Prof. Dr. Fabio Marques de Souza

Dedico este trabalho inicialmente a todos as pessoas que participaram diretamente ou indiretamente colaborando com esta obra, aos meus alunos por me fazer dia após dia refletir em busca de aprimorar metodologias capazes de aproximar os alunos das aprendizagens que tem por direito ter e desenvolver-se, enquanto seres sociais que são. Finalmente dedico aos meus familiares pelo apoio e a Deus por

me conceder sabedoria e coragem para executar este estudo.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho se concretizou primeiramente, pela capacidade de superar desafios na busca de novos conhecimentos.

Deus como presença divina em minha vida cotidiana para conceder força espiritual, equilíbrio psicológico e direcionamento, sendo um suporte nos momentos de aflição, quanto à realização deste estudo acadêmico e a efetivação de um sonho concretizado.

Agradecemos aos familiares pelo apoio oferecido, aos professores do curso por contribuir com suas experiências durante as aulas vivenciadas na dinâmica de sala, interagindo contribuindo com seus saberes para uma melhor condição de aprender, enquanto aluno que sou. Por fim, teço minha gratidão aos colegas de instituição por suas trocas generosas de conhecimento e aprendizado constante no cotidiano escolar.

*Aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer
constituem aprendizagens indispensáveis que devem ser
perseguidas de forma permanente pela política educacional
de todos os países.*

Edgar Morin

RESUMO

A poesia como objeto de conhecimento na sala de aula é um pressuposto indispensável à prática docente, que propõe um paradigma moderno com vistas a atender as exigências da sociedade atual, pensar o ensino e aprendizagem construtivo, significativo para os estudantes, desenvolvendo-os integralmente. Objetivando investigar as contribuições do uso da poesia pode proporcionar no desenvolvimento das crianças no Ensino Fundamental e inserir as crianças no universo poético. Buscamos desenvolver por meio das poesias ligação cotidianas dos educandos, metodologias ativas possibilitando vários momentos dentro da aula, com atividades variadas na lousa, no caderno, xerocadas, dinâmicas, jogos, oficinas, arte, produção textual, dentro e fora de sala quando preciso. Despertando nos discentes interesses de fazer parte do processo de construção do seu fazer, encontrando desta maneira sentido em vir à escola ou mesmo permanecer em sala participando das tarefas. Chegamos a resultados satisfatórios e evidentes que são sentidos no decorrer das dinâmicas realizadas na classe, com aulas mais leves, menos expositivas e mais construtivas, participativas numa formatação diferente em círculo imagem, declamações de poesias, músicas folclóricas ou cantos, rodinhas de conversas, diálogos, opiniões, discussões, compreensão, produções artísticas e escritas, adaptações de jogos aos textos, construções de brinquedos, brincadeiras fazendo um resgate dessa cultura nos tempos tecnológicos e, sendo bem aceito, proveitoso por ser pertinente para as crianças e, servir principalmente, como fonte de produção de conhecimentos.

Palavras-chave: Cultura. Compreensão. Aprendizagem.

ABSTRACT

Poetry as an object of knowledge in the classroom is an indispensable presupposition for teaching practice, which proposes a modern paradigm with a view to meeting the demands of today's society, thinking about teaching and learning constructive, meaningful for students, developing them fully. Aiming to investigate the contributions of the use of poetry can provide in the development of children in Elementary School and insert children in the poetic universe. We seek to develop, through poetry, the daily connection of the students, active methodologies allowing several moments within the class, with varied activities on the blackboard, in the notebook, xerocadas, dynamics, games, workshops, art, textual production, inside and outside the classroom when necessary. Awakening in the students interests of being part of the construction process of their doing, thus finding meaning in coming to school or even staying in the classroom participating in the tasks. We reached satisfactory and evident results that are felt during the dynamics carried out in the class, with lighter, less expository and more constructive classes, participatory in a different format in an image circle, poetry declamations, folk songs or songs, conversation circles, dialogues , opinions, discussions, understanding, artistic and written productions, adaptations of games to texts, constructions of toys, games making a rescue of this culture in technological times and, being well accepted, beneficial for being pertinent for children and, serving mainly, as source of knowledge production.

Keywords: Culture. Understanding. Learning.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A4	Tamanho de papel ofício
ABE	Associação Brasileira de Educação
ANA	Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
ANEB	Avaliação Nacional da Educação Básica
ART	Artigo
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica.
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
I.A	Inteligência Artificial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
Nº	Número
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAIC	Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa
PNE	Plano Nacional de Educação
PCN'S	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROINFO	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
RN	Rio Grande do Norte
R\$	Real
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC'S	Tecnologias de Informação e Comunicação
TV	Televisão
“Z”	É a definição sociológica para a geração de pessoas nascida, em média, entre meados dos anos 1990 até o início do ano 2010.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Escola Municipal Profª. Luzanira Maria da Costa Cruz.....	96
Figura 2 – Texto espontâneo do aluno Jardson.....	102
Figura 3 – Interpretação da poesia.....	103
Figura 4 – Produção artística com croquis.....	103
Figura 5 – Releitura da poesia.....	104
Figura 6 – Compreensão do texto.....	104
Figura 7 – Meninos jogando tacobol.....	104
Figura 8 – Meninas jogando tacobol.....	104
Figura 9 – Meninos brincando com biloca.....	104
Figura 10 – Dinâmica do papelão ou tacopano.....	104
Figura 11 – Dinâmica do basquete.....	105
Figura 12 – Dinâmica do boliche.....	105
Figura 13 – Releitura da poesia as bolas.....	106
Figura 14 – Fazendo bolha de sabão.....	106
Figura 15 – Competição de bolha de sabão.....	106
Figura 16 – Aluno imitando cavalo de pau.....	107
Figura 17 – Garotos brincando de cavalo de pau.....	107
Figura 18 – Produção textual e análise.....	108
Figura 19 – Garota brincando com carroça.....	108
Figura 20 – Pipa feita em oficina.....	109
Figura 21 – Paródia feita pelos alunos.....	109
Figura 22 – Paródia feita pelos alunos.....	109
Figura 23 – Competição de pião.....	111
Figura 24 – Brincando de pião.....	111
Figura 25 – Escrita sobre a poesia o pião.....	111
Figura 26 – Produção textual do pião.....	111
Figura 27 – Releitura da poesia o carrinho	113
Figura 28 – Interação poesia e crianças brincando.....	113
Figura 29 – No pátio interagindo vivendo a poesia.....	113
Figura 30 – Crianças brincando de carro.....	113
Figura 31 – construção de roladeiras.....	114
Figura 32 – Diversão com roladeiras no pátio.....	114

Figura 33 – Brincando na área da escola interagindo.....	114
Figura 34 – Aluna fazendo análise textual em sala.....	114
Figura 35 – O coelhinho e sua releitura.....	115
Figura 36 – Cópia e análise do coelhinho	115
Figura 37 – Releitura resolvendo multiplicações.....	116
Figura 38 – Releitura resolvendo operações.....	116
Figura 39 – Em fila pulando amarelinha.....	117
Figura 40 – Entendimento da poesia.....	117
Figura 41 – Garota pulando amarelinha.....	117
Figura 42 – Compreensão da poesia e prática.....	117
Figura 43 – Contação de história em círculo.....	119
Figura 44 – Dramatização do conto.....	119
Figura 45 – Compreensão do texto.....	119
Figura 46 – Compreensão do conto e escrita.....	119
Figura 47 – Lista de nomes de animais.....	121
Figura 48 – Tarefa xerocada com ilustração e escrita.....	121
Figura 49 – Pictografia do conto a casa e a laranjeira.....	121
Figura 50 – Escrita de nomes dos animais.....	121
Figura 51 – Leitura compartilhada.....	122
Figura 52 – Aluno declamando.....	122
Figura 53 – Escrita poética de Mariane.....	124
Figura 54 – A arte poética de Mariane.....	124
Figura 55 – Poesia da aluna: (Emiliane)	124
Figura 56 – Poesia da aluna: (Mariana).....	124
Figura 57 - Mural poético coletivo das produções livres.....	125

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 - Você gosta de ler? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 2 - Que tipo de livros gosta de ler? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 3 - Com que frequência você ler livros fora os livros didáticos que utiliza na escola? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 4 - O gênero poesia faz parte de suas leituras? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 5 - Poderá citar algum livro de poesia que gosta de ler? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 6 - Como você trabalha a leitura na sala de aula? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 7 - Enquanto profissional da educação você reconhece a leitura como sendo uma prática relevante e necessária aos processos de aprendizagem? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 8 - Com a tecnologia, estudantes que utilizam de redes sócias, inquieto e ansioso é um desafio para motivação para o desenvolvimento da leitura. Você consegue estimular seus alunos para ler livros? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 9 - Você trabalha o gênero poesia em sua aula? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 10 - Seus alunos gostam de ler livros de poesia? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 11 - Na sua concepção dentre as opções a seguir, qual o principal objetivo da leitura na formação humana? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 12 - O uso constante do gênero poesia em sala de aula desenvolve habilidades de sonoridade, comparação, semelhança, contagem, realidade e ganhos diversos no trabalho interdisciplinar e transversal? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 13 - A leitura literária tem como foco principal a interação entre o texto e os conhecimentos prévios dos educandos. Você considera importante à leitura da realidade dos seus educandos como inicial na produção de saberes? **Erro! Indicador não definido.**
- Gráfico 14 - Usar a poesia e sua interdisciplinaridade no cotidiano escolar pode desenvolver a capacidade mental dos educandos, a compreensão do que foi lido, contemplando todos numa atividade de leitura literária múltiplas? **Erro! Indicador não definido.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I	20
1. A EDUCAÇÃO ATUAL NO BRASIL E A BNCC	20
1.1. LITERATURA CONCEITOS E REFLEXÕES	38
1.2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA	50
CAPÍTULO II	69
2. O GÊNERO POESIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA APRENDIZAGEM	69
2.1. O QUE É A POESIA E SEU CONTEXTO NA ESCOLA	80
CAPÍTULO III	95
3. METODOLOGIA	95
3.1. ABORDAGEM DA PESQUISA	95
3.2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA	96
CAPÍTULO IV	98
4. RESULTADOS	98
4.1. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	98
4.2. METODOLOGIAS ATIVAS	99
4.3. ANÁLISE E DISCUSSÕES DA PESQUISA DE CAMPO	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	156
APÊNDICES	158

INTRODUÇÃO

O trabalho idealizado consta deste tema “Uma experiência de arte poética e cultura no Ensino Fundamental”, faz-se necessário de suma valia se debruçar sobre o assunto em investigação por se tratar de algo de grande significatividade e importância para a comunidade escolar daquela localidade e por que assim não dizer ser salutar, importante a leitura para a sociedade como um todo, sendo o tema uma problemática estudada em todas as academias do território nacional e até mesmo na esfera global, isso mostra a magnitude dessa temática indispensável à construção do saber científico, sistematizado que se exige nas instituições de ensino regular do país.

Torna-se evidente toda colaboração que a leitura como prática interdisciplinar tem notoriedade majoritária quando se trata de um pressuposto elementar ao processo de ensino e aprendizagem efetivados em qualquer instância da esfera educacional inerentes ao desenvolvimento dos seres imbuídos nessa dinâmica e por que não dizer numa atividade humana, sócio histórica a qual se fundamenta na ação dialética em busca de conceitos e conhecimentos pertinentes aos educandos e a sociedade como um todo.

Dissertar sobre um assunto pertinente por todos os motivos já citados, por utilizarmos um tema salutar ao desempenho do intelecto das crianças. Lecionar com uma metodologia que aborde essencialmente a leitura como prática interdisciplinar é mais que fundamental e, diferencial quanto aos conhecimentos que podem ser explorados e desenvolvidos pelo uso desta estratégia de ensino a qual colabora com a aquisição de distintas habilidades, de caráter essencial contribuindo para um aprendizado significativo para os discentes e, sendo uma referência que servirá de base para estudos de trabalhos posteriores.

Em linhas gerais objetiva-se investigar as contribuições que o uso da poesia pode proporcionar no desenvolvimento das crianças no Ensino Fundamental e inserir as crianças no universo poético. Discutir esse tema tão importante e significativo como ferramenta pedagógica no Ensino Fundamental. Investigar as teorias de aprendizagens significativas nos processos interdisciplinares da poesia. Incentivar o uso do gênero poesia em sala de aula como prática interdisciplinar, com o intuito de proporcionar melhor aprendizagem aos discentes.

A referida obra acadêmica elaborada descreve-se em seu desenvolvimento com quatro capítulos. O subtema inicial versa sobre a educação atual no Brasil e a BNCC, nesta abordagem fazemos um breve relato bibliográfico histórico mostrando os primeiros sinais educacionais nas terras brasileiras com o período colonial com os jesuítas a frente das ações educacionais com o foco na catequização, perdurando por aproximadamente 210 anos, após vem o período

pombalino criando outro modelo de educação, onde o estado e a família tem a responsabilidade de educar, assim pequenos grupos elitistas tem acesso educacional.

Neste referencial teórico encontramos subsídios para compreender os mecanismos suficientes de como oferecer cadência, equilíbrio entre a teoria e a prática transferindo estes saberes em prol de uma aprendizagem significativa para o discente, sendo participante de o seu fazer prazeroso e compreendendo sua realidade, vendo sentido em ir à escola para aprender, focando no desenvolvimento humano integral do ser e, conseqüentemente sua humanização por meio das intenções literárias inferidas na dinâmica de ensino e aprendizagem.

Neste segundo subitem temos a literatura conceitos e reflexões relatando com clareza o papel essencial da literatura na escola e refletindo sobre sua aplicabilidade no universo estudantil, assim podemos dizer que nos debruçamos sobre a obra do professor Rildo Cosson e outros, os quais defendem com maestria o uso da literatura e seus benefícios para o campo humano e intelectual. Em síntese podemos dizer que o pensamento do autor neste quesito, embasado em sua obra mostra que a literatura é a representação do mundo, do homem, da sua linguagem e toda a conjuntura social que lhe rodeia, afinal escrevemos textos contando as histórias, cultura, a poesia, a ficção, os contos, as novelas, os filmes, os desenhos, os livros, as fábulas, os gibis entre outros falando do homem e para o homem. O sentido primordial da literatura na área escolar não é de escolarizar a literatura, mas mediar para que seu objetivo maior não seja negado, antes mesmo de se concretizar, que é a humanização dos seres humanos, pela essência única que possui as obras literárias seu papel vem fluindo como sentimos capazes de nos transformar e humanizar.

No item seguinte escrevemos, sobretudo, da importância da literatura literária na escola, fundamentados nas ideias de Teresa Colomer e Ana Camps, Freire na ótica dos autores o fundamento principal da leitura literária é submeter o discente a interagir, relacionando seus conhecimentos de mundo existente adquiridos com os novos saberes, entendendo o texto, havendo conectividade entre autor e leitor numa aptidão mental ativando mecanismos psicológicos com base nas suas experiências, numa ação interativa das suas vivências correlacionando o texto a seus conhecimentos do seu real, desta forma é preciso ter os saberes culturais, empíricos para somar novo saberes, assim podemos chamar esse processo de ação dialética do saber social.

Talvez esse seja o segredo para um novo paradigma na renovação educacional do ensino, favorecendo os métodos ativos, o protagonismo em possibilitar condições de fazer pensar e agir socializando saberes. Acrescentando mais colaborações a este discurso veio ainda às ideias de Ana Teberosky e Emília Ferreiro dizendo que as crianças trazem seus saberes sobre

a língua mesmo sem terem sido instruídas, pois conseguem ler elementos dos distintos do mundo letrado e sua realidade.

Temos a contribuição da poesia como ferramenta da aprendizagem, neste subtema estudamos: Lígia Averbuck, Elias José, Reis entre outros, os quais dissertam de forma fabulosa sobre a contribuição dos textos poéticos para o campo do aprendizado. Citar as vantagens do uso da poesia como ferramenta de aprendizagem é quase que inúmeras, pois é um pressuposto muito rico por surgir das vertentes prévias dos educandos revelando à beleza, o lúdico, a descoberta, a pureza do seu mundo com charme e encantamento mágico, iluminado como é o imaginário das crianças, assim é a poesia luz, traz clareza faz a função de alfabetizar letrando ativamente, na poesia temos a melodia, a rítmica, o som, a rima, o jogo, a música, as canções de ninar, as cantigas de roda, as cirandas, as brincadeiras cantadas, os contos, as parlendas e outros.

A poesia, ainda tem sua beleza, sua magia, sua sensibilidade seu encanto, despertando inovação, inventabilidade, a criatividade, o pensar. Possibilitando interação entre o texto poético e a criança lendo do seu modo, entendendo a plasticidade da arte de se ouvir, escrever seus próprios textos com autenticidade e alteridade, este é o grande objetivo de usar poesia na ação pedagógica, não é estipular as regras, a métrica, mas sim fazer o aluno produzir, expressar-se, representando seu mundo por meio das aspirações poéticas e compreender ampliando seu real.

Refletir acerca da definição do que é a poesia e seu contexto na escola, fica mais claro com as contribuições de Averbuck e outros autores mais uma vez, vimos que definir poesia é enxergar artes, pois podemos perceber poesia em tudo que possamos ver no mundo, como no texto um dos autores diz: que “a poesia é ver, é ler,” no contexto escolar a poesia muitas vezes entra pela porta dos fundos, ou é marginalizada, seja pela incompreensão de alguns professores, pela falta de conhecimento do tema para o campo educacional, seja por ser pouco utilizada não dando o devido respaldo que merece, a poesia na escola tem por finalidade nos libertar, fazer descobrir, seus ganhos psíquicos, intelectuais, a cognição justifica a poesia no contexto escolar e sua relevância para a formação e compreensão da realidade que o insere. Portanto, o professor dentro da escola tem um papel muito importante em ser a porta voz do uso constante da poesia em suas aulas, mostrando sensibilidade em favorecer conteúdos interdisciplinares que permite uma aprendizagem ativa e significativa, se utilizar estratégias adequadas a concepção dos alunos a entender os assuntos relacionando com seus conhecimentos já adquiridos, democratizando o saber e libertando-nos da escuridão da ignorância.

Concluindo, vem as aspirações Vygotskyana, que em síntese aponta a zona de desenvolvimento proximal, onde o contato com a poesia mediada por um adulto motiva o aluno a sair da zona de desenvolvimento real evoluindo para a zona proximal, acrescentando com convívios dialéticos sociais novos conhecimentos a vida e, educação para a vida bem defendidos por Dewey, aprender durante o processo de viver, a poesia interacionista vem com esse foco.

No terceiro capítulo temos a metodologia que descreve como fizemos o trabalho, a pesquisa-ação, se caracteriza por ser realizada no âmbito social, envolvendo o próprio investigador, a interpretação dos assuntos investigados, a luz do método qualitativo. O lócus da pesquisa é a Escola Municipal Professora Luzanira Maria da Costa Cruz, Parnamirim/RN, atende a comunidade nos dois turnos matutino e vespertino, com clientela do ensino fundamental de 5 (cinco) anos, do primeiro ao quinto ano.

O quarto capítulo está subdividido em três etapas sendo a primeira e segunda respectivamente, os relatos de experiências na escola e as metodologias ativas desta maneira discutimos o assunto com ganhos bibliográficos fantásticos apurando com estudos relacionados ao tema ainda mais nossas concepções pedagógicas, relatamos um pouco da habitual prática diária e na sequência, surgem às dinâmicas de sala. Comprovando esta afirmação apontaremos atividades realizadas na sala com os alunos. Mostrando desde o uso da declamação, da música, do conto, do acróstico, das releituras, da dramatização, da análise textual, da compreensão, das atividades físicas, do movimento psicomotor, do áudio visual, dos jogos, das brincadeiras, dos brinquedos, das oficinas, das atividades lúdicas, das tarefas de sala na lousa, das atividades de casa, da pesquisa, das pinturas, da produção de textos autorais sejam pictográficos ou escritos e a interatividade destas poesias em sala de aula.

As ações metodológicas desenvolvidas partindo do gênero poesia se mostram eficazes por ser sensível ao ir de encontro com aquilo que tem relação e faz sentido para as crianças ao lerem, por ter ligação com sua vida, com seu prévio, com sua realidade e seu mundo. Fazendo-os construtores contínuos do seu aprendizado em socializar ampliando o que eles já sabem. É preciso a cada nova aula consolidar o que foi estudado, repetir, treinar, estudar para fazer melhor, abordar os assuntos em todas as áreas do conhecimento, pois o objetivo é desenvolver o aprender, temos alguns registros destes feitos como as fotos mostrando várias ações metodológicas fundamentada nos moldes poéticos apoiados nas teorias de aprendizagem significativas.

Vale destacar que as fotografias evidenciam que os resultados deste trabalho em sala são satisfatórios por mostrar uma diversidade de níveis de aprendizagens dentro do espaço de

sala com alunos, fazendo sua compreensão de modo pictográfico e se apropriando do código escrito nos níveis de escrita silábica, outros já mais avançados com uma compreensão mais clara escrevendo palavras, estando no nível silábico alfabético, depois evoluindo para o silábico ortográfico escrevendo frases e, ao final do ano letivo tivemos grande parte dos alunos produzindo textos com autonomia, como podemos ver nas imagens 2 (dois), 53 (cinquenta e três), 54 (cinquenta e quatro), 55 (cinquenta e cinco) e 56 (cinquenta e seis).

A terceira etapa apontar os resultados da análise e discussões da pesquisa de campo, nas análises dos resultados, conseguimos levantar hipóteses e comprová-las por meio dos estudos teóricos, observação do ambiente escolar e a pesquisa-ação efetivada, aparecendo resultados positivos e negativos, muitas vezes convergindo com a opinião dos pensadores, outrora divergindo, mas que o nosso propósito em atingir os objetivos foram contemplados em investigar as contribuições que o uso da poesia pode proporcionar no desenvolvimento das crianças no Ensino Fundamental e inserir as crianças no universo poético dentro de sala de aula e, conseqüentemente, mediar caminhos rumo ao um ensino e aprendizagem mais eficaz transformando a forma de enxergar o mundo dos seres envolvidos nesta dialética social.

Diante do exposto acima fica que claro as metodologias ativas contribuem de forma significativa para os estudantes, por isso se faz necessário evidenciar que o uso do gênero poesia tem um diferencial único por possibilitar de acordo com o texto, cada professor pode adequar a seu próprio estilo. Tendo liberdade de criar, desenvolver estratégias que possam ser uteis na sua dinâmica de sala de aula, tornando o ambiente escolar mais atrativo, divertido, lúdico, dinâmico e produtivo, com muitas ações metodológicas num mesmo período de aula, saindo da mesmice, da “educação bancária” passiva indo ao proativo, vivo, ativo que é muito pertinente ao mundo das crianças à atividade, o exercício, o movimento, a socialização, o cântico, a música, a arte, as brincadeiras cantadas e, a cultura como forma de a partir disso fazer um aporte de produção de conhecimentos múltiplos.

CAPÍTULO I

1. A EDUCAÇÃO ATUAL NO BRASIL E A BNCC

A educação no Brasil requer uma análise basicamente histórica para compreendermos o sistema atual no país. Os primeiros sinais da educação no Brasil surgem no período colonial com os padres jesuítas da companhia de Jesus, objetivando catequizar os nativos ou índios e colonos existentes na colônia com a igreja estando à frente do processo educacional brasileiro aproximadamente por 210 anos, outro momento que cabe ressaltar foram às contribuições do Marquês de Pombal que ao expulsar os jesuítas mandando-os a Portugal, inicia-se um novo paradigma educacional, onde a educação passa a ser responsabilidade do Estado e da família se voltando para poucos e pequenos grupos privilegiados (chamado de período pombalino).

Um fenômeno importante da educação brasileira é ver o povo submetido ao governo primeiro estrangeiro e, depois nacional, atuando como um quadro político exterior, o qual não se integrava na contextura íntima da sociedade vigente da época. Um governo sem alma, propósito e responsabilidade com a construção de uma nação educada, justa, harmônica. Tudo porque o sistema de exploração imposta a esta terra era unicamente degradante do ponto de vista humano, pois imperava a escravidão, o colonialismo, a subserviência, a dominação, o escárnio, a exploração do homem pelo homem, a submissão na sua pior configuração.

A sociedade brasileira não tinha movimentos próprios. Passava da subordinação à hierarquia igreja à subordinação à hierarquia da coroa ou do estado, que lhe prescrevia a educação reputada indispensável menos para a preservação da sociedade do que da hierarquia predominante. Não há, pois, no sistema escolar nenhum germe de autonomia ou crescimento próprio, sendo resultado, na fase do iluminismo português, da imposição da ordem secular que se pretendia criar em oposição ao domínio antes exclusivo da ordem teocrática. Esta organização de fora para dentro da educação e o seu propósito de formar um grupo especial de funcionários e a elite dominante vão marcar a educação brasileira em toda a sua evolução posterior (TEIXEIRA, 1976, p. 294).

Nesse período a educação tinha seu cunho unicamente elitista, burguês, com finalidade apenas de ler, escrever como privilégio da classe dominante, a exemplo disto à economia que se voltava para a mão de obra rural, escravista braçal. Não havia interesse de massificar ou popularizar a educação as classes subalternas em instruir para, por exemplo, seu bem-estar, salve-se algumas exceções. Pois quando se conseguia um emprego era para ser servidor público exercendo serviços a coroa em suas atribuições, unicamente burocráticas.

Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil se configura uma nova era na educação com a necessidade de ter escolas e instrução para a coroa. Criam-se a partir de 1808,

algumas instituições como a faculdade de Direito em Recife e outras instituições por todo país a fora voltadas ao ensino técnico e superior, sendo deixado de lado o ensino primário e médio.

Com a independência em 1822, se constitui um artigo que garante educação as classes menos favorecidas estabelecidas na constituição de 1824, como direito de todos ao ensino regular e primário, dez anos depois em 1834, um ato institucional transfere a educação aos Estados a responsabilidade do ensino primário e secundário. Longe do papel indo para a realidade gritante, pois tínhamos uma população infantil de aproximadamente 250.000 (duzentos e cinquenta mil) crianças em 1844, enquanto a rede de ensino oferecia 2.400 (duas mil e quatrocentos) vagas.

Havia uma disparidade alarmante entre a lei, o papel e a prática real desastrosa ao desassistir o direito básico fundamental, as crianças daquele tempo. (Mais adiante, entre 1889 e 1929, a nossa educação recebe as influências de Conte, que pregava o ensino leigo, livre e gratuito, Nessa época segundo o IBGE Instituto Brasileira Geográfica e Estatística) o analfabetismo chegava aos 65% da população brasileira mostrando a desigualdade entre as classes e o direito a educação negada como veremos na visão do pensador.

A primeira constituição brasileira, outorgada em 1824, garantia apenas, em seu Art.179, “a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos”. (...) O ato adicional de 1834 e a Constituição de 1891 descentralizaram o ensino, mas não ofereceram condições às províncias de criar uma rede organizadas de escolas, o que acabou contribuindo para o descaso com o ensino público e para que ele ficasse nas mãos da iniciativa privada, acentuando ainda mais o caráter classista e acadêmico, gerando assim um sistema dual de ensino: de um lado, uma educação voltada para a formação das elites, com os cursos secundários e superiores; de outro, o ensino primário e profissional, de forma bastante precária, para as classes populares. (SOUZA, 2018, p. 02).

Após a primeira guerra mundial a chegada dos imigrantes europeus com a mão de obra operária surge o surto industrial, precisando de uma nova ordem social, de ter a necessidade de uma mão de obra qualificada para atender as demandas sociológicas daquele período histórico, político e educacional.

Mais precisamente a Revolução Russa em síntese o processo de modernização do Brasil, acontece intimamente ligados a esses acontecimentos com identificação política pelo simples fato da situação co-nacional, evidenciam-se principalmente pela via do capitalismo e socialismo, nesse sentido se pensa a Escola Nova no Brasil inspirados pelo movimento de reconstrutivíssimo da educação efetuado nos EUA, em destaque como expoente marcante é Dewey, sobretudo por ter a coragem de enfrentar a Corte norte americana, isto culminou com um grupo de operários participando do movimento, cuja deu resultados positivos para a

educação dos EUA, e servindo de exemplo, sendo uma espécie de ideia iluminista aos que defendiam a nossa educação nos moldes modernos, contemporâneos e universal.

Dessa forma almeja-se uma instrução digna, laica, democrática, republicana, ansiada por todos brasileiros a ter direito a uma tão sonhada escola pública de qualidade que atenda os anseios da sociedade como reitera a pensadora.

Este processo de modernização geral da sociedade brasileira envolveu, profundamente, educação que, ao se organizarem, discutirem e formularem propostas pedagógicas, pela primeira vez, se constituíram em categoria profissional autônoma. Com o objetivo de modernizar o ensino, foram efetuadas reformas em diversos Estados, entre as quais estão a de São Paulo, por Sampaio Dória (1920), a do Ceará, por Loureço Filho (1922), a do distrito federal, por Carneiro leão (1922), a da Bahia, por Anísio Teixeira (1924), a do Rio Grande do Norte, por Bezerra de Menezes (1925), a do Paraná, por Lisímaco da costa (1927). Esse período foi marcado, ainda por outros importantes acontecimentos no campo educacional, Em 1924, um grupo de intelectuais preocupado com a educação criou a Associação Brasileira de Educação – ABE – considerada por Paschoal Lemme como de máxima importância para a renovação do ensino, por ter sido um fórum de debates livre e altamente qualificado, que exercia uma função crítica e combativa em relação ao próprio governo. A partir de 1927, a ABE realiza uma série de Conferências Nacionais de Educação. É sempre oportuno frisar o papel extremamente importante que a ABE teve na história contemporânea da educação brasileira, por ter, através de reuniões, conferências e documentos, contribuído para demarcar a autonomia da esfera educacional. Entre os documentos, o mais famoso é, sem dúvidas, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova de 1932. (BUFFA et al, 2001, p. 60, 61)

Não poderia ser diferente mudarmos os rumos da nossa sociedade se não pelo viés da educação como ferramenta de transformação social. Esse fenômeno de modernização do país se consolida com as lutas de intelectuais que se dedicaram em prol de um ideal que busca a metamorfose dos paradigmas de comportamento de uma sociedade, a qual vivia na sombra, na servidão, na escuridão dos senhores feudais dentro de um sistema imperialista explorador, colonialista. Ascendendo para uma escalada gradual, referenciada principalmente em exemplos de sucesso no mundo moderno civilizado e democrático.

Com tudo, nesse sentido de modernidade, também se pensa neste período em reformas que modifiquem o ensino em diversos Estados e os padrões da educação, uma das marcantes obras deste propulsor movimento foi à criação da ABE e, conseqüentemente tendo relevância magistral na modificação dos parâmetros da educação brasileira com conferências, reuniões, documentos tendo destaque notável o documento conhecido como “o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova realizado em 1932”. Acaba que as vozes destes pioneiros intelectuais foi ouvida, pois as políticas acabam incrementando as manifestações adequando-as administração, fazendo essas teorias irem para a prática, dando inclusive autonomia no campo educacional com a criação e nomeação do primeiro ministro da educação.

Lançado O Manifesto dos Pioneiros de Educação Nova, que propõe um sistema escolar público, gratuito, obrigatório e leigo para todos os brasileiros até os 18 anos. O documento foi redigido por Fernando Azevedo e assinado por 24 renomados educadores e intelectuais, que defendiam a reconstrução do sistema educacional menos elitista e aberto á interpenetração das classes sociais com vistas ás necessidades de um Brasil que se industrializava (BRASIL, 2019).

Então, no governo provisório de Getúlio Vargas, marcada historicamente por grandes feitos na educação brasileira especialmente a criação em 1930, do ministério da educação e saúde pública. Pela primeira vez a constituição de 1934, garante que a educação deve ser promovida como direito de todos pelos poderes públicos e a família. Assim se constitui o Estado Novo ou a Era Vargas, com a valorização do ensino profissionalizante, sendo o ensino dividido da seguinte forma: 5 (cinco) anos de ensino primário, 4 (quatro) de curso ginásial e 3 (três) de colegial. Outro marco é a campanha nacional de alfabetização no ano de 1947, numa tentativa de amenizar o número altíssimo de analfabetos.

O ensino de primeiro grau era constituído pelo ensino primário de quatro ou cinco anos, sendo obrigatório para crianças de 7 a 12 anos e gratuito nas escolas públicas. O ensino de segundo grau, posterior ao primeiro, também chamado de ensino médio, era destinado a jovens de 12 anos ou mais. Compreendia cinco ramos, sendo um deles com a finalidade de preparação para o ensino superior e os demais para formar força de trabalho para os principais setores de produção: o ensino industrial, o ensino comercial, o ensino agrícola e o ensino normal. Este último para formação de professores para o ensino primário. (...) Lançada a Campanha Nacional de Educação de Adultos, com participação de todos os Estados e do Distrito Federal (...) (BRASIL, 2018).

Há indícios muito fortes de que todo esse esforço em modificar as condições da educação nacional com a modernidade, tem razões e objetivos claros em atender a demanda sociológica daquele período coma industrialização batendo as portas, o processo de urbanização acelerado, o desenvolvimento no campo científico, principalmente o da psicologia.

Em geral, os educadores entrevistados apontam com causas desse esforço de modernização educacional os incipientes processos de industrialização e urbanização da sociedade bem como o desenvolvimento das ciências, sobretudo, o da psicologia. Além disso, é unânime a referência à influência norte-americana e, especialmente, ao progressivismo em educação de John Dewey, acompanhado de frequentes queixas de que, hoje, nem sempre se compreende o valor desse movimento chamado de Educação Nova. Todos eles concordam que se trata de um movimento progressista. Joel Martins, inclusive, ao refere-se principalmente a Dewey e a Anísio Teixeira, arrisca-se a qualifica-los de socialistas, opinião não compartilhada pelos outros entrevistados (BUFFA et al, 2001, p. 61-62).

Após a Revolução Industrial, a chegada do processo, o crescimento acelerado das cidades, a urbanização desordenada, a classe operária sem instrução e leis que garantissem seus direitos trabalhistas e, uma serie de carências se tinha evidente a necessidade latente de uma

escolarização popular, para instruir as pessoas para atender as demandas tecnológicas, industriais e sociais da época. Havia necessidade de mudanças sociológicas de um período de servidão a tempos modernos, mas não tínhamos tempo para tal preparação, então as coisas iam acontecendo sem planejamento, mas da maneira possível, cabível a época baseando-se principalmente em ideais americanos embalados pelas ideologias de Dewey aqui lideradas por Teixeira querendo uma transformação nos parâmetros da sociedade brasileira ao progresso.

Com o golpe militar iniciado em 1964, indo até 1984, nesse período o Ensino Superior privado ganha destaque com o número de aluno sempre foi muito superior aos de vagas oferecidas se criou o exame de vestibular, garantindo por capacidade classificatória. Com o fim da ditadura militar e a transição democrática do país, professores, intelectuais passaram a discutir o Ensino de uma forma mais ampla, com a promulgação da Carta Magna surge a Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação- LDB, trazendo em seu texto a educação como direito universal de todo o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, a gestão democrática do Ensino público, progressiva autonomia – pedagógica e administrativa das unidades escolares do Brasil, sendo aprovada em 1996 às vésperas do século XXI.

Com o advento da LDB, vimos que a mesma não atingia os anseios da demanda do país deixando muitas lacunas na lei e, desejos da comunidade educacional a quem do que se esperava devido não contemplar na prática a melhoria do quadro da capacitação profissional, deixando o analfabetismo com marcas bem recentes, inclusive nos tempos contemporâneos como bem relata Lima.

Não há, na Lei uma palavra sobre a formação da mão-de-obra de que necessita o País para o seu desenvolvimento; não cogita da criação dos quadros de cientistas, não há qualquer ênfase aos técnicos de nível médio; o curso secundário (desinteressado e acadêmico) continua a ser o ponto nevrálgico das cogitações; não faz referência ao magno e crucial problema do analfabetismo; na área do curso primário, não aflora a questão do preparo para o trabalho; não contém elementos para uma política permanente de investimento educacional, dividindo arbitrariamente as verbas em três parcelas iguais destinadas aos três graus de Ensino; não toca no problema das famílias que se desintegram nas áreas altamente industrializadas; não estabelece relações entre o sistema universitário e o sistema de produção; a própria autonomia universitária é desfeita diante do hibridismo dos quadros funcionais controlados de fora... Quanto ao planejamento da Educação- função altamente especializada de equipes técnicas -, é atribuído aos conselhos sem, contudo, fornecer a tais órgãos real e efetiva autonomia de manipulação dos numerários, que ficam no controle do poder legislativo transformado em eufemismo a atribuição fundamental, delegada aos colegiados (SAVIANI apud LIMA, 2005, p. 102).

Basta uma análise destes dados para entendermos que com a constituição e promulgação da LDB se exemplifica os problemas revelados pela lei. Assim afirmar que a formulação da lei não correspondeu a uma tomada de consciência dos graves problemas arraigados a Educação

Nacional; deixando-os de lado, a margem do cerne do problema central, a lei basicamente trata da escolarização, se eximindo de apontar um caminho, um estudo minucioso da estrutura escolar brasileira.

Percebemos que ao longo da nossa história que educação sempre esteve num patamar abaixo do que deveria ser como ciência humana que é responsável por toda uma construção organizada de uma sociedade desenvolvida. O modelo de exploração colonial a que fomos submetidos explica essa realidade sentida até os dias hoje, sempre estivemos atrasados. Um documento relevante de grande importância para a educação Brasileira é os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's, sendo o referencial para a base educacional desde ensino infantil até o ensino médio.

Criado entre 1997 a 1999, com o objetivo de assegurar um parâmetro para a educação Brasileira e objetiva comum a todas as regiões do país servindo de base para a prática pedagógica. Por ter sido elaborado e muito bem referenciado por especialistas das áreas afins. Nesse interposto também foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério - FUNDEF, foi instituído pela Emenda Constitucional nº 14, de Setembro de 1996 e regulamentado pela Lei nº 9.424, de 24 de Dezembro do mesmo ano, e pelo decreto nº 2.264 de julho de 1997.

Esse Fundo se destinava a financiar apenas o Ensino Fundamental, excluindo os demais níveis de escolaridade tendo vigência de 10 anos, em seu texto obrigava os professores leigos buscar formação em nível superior, muitas vezes sendo subsidiados pelo FUNDEF. Cabe ressaltar que em 1998, se criou o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, com a finalidade de avaliar o Ensino médio, depois se ampliou este exame para que este pudesse ser utilizado como ingresso no sistema de Universidades Brasileiras.

Atualmente, com ênfase a favorecer os estudantes de escolas públicas e as políticas públicas desta área tentando corrigir desigualdades e distorções historicamente vistas ao longo de nossa existência educacional. Em 1999, veio à criação do FIES (Fundo de Financiamento ao Estudante ao Ensino Superior), depois houve a ampliação desse sistema de financiamento com grande abertura do acesso de bolsas de nível superior no programa PROUNI (Programa Universidades para Todos), tentando oportunizar mais vagas e acesso ao ensino superior, pois era muita pouca a participação e o ingresso das camadas populares nesta modalidade de ensino, por muito tempo apenas 3% da população tinha acesso, principalmente, nas instituições públicas, sendo um privilégio de poucos, privilegiando sempre a elite que tinha acesso a rede de ensino privado nos melhores centros de formação desde o ensino infantil ao médio.

Enquanto as demais classes menos abastadas era o contrário, estuda numa escola pública muitas vezes precária pra competir de maneira desigual a uma vaga nas universidades estaduais e federais de nível superior. Outra política pública para tentar garantir as minorias uma chance de ingresso e reparar uma dívida social inserindo no sistema de ensino universitário do país foi a criação das cotas para pardo, indígenas e negros.

Criado o programa Universidade para Todos (ProUni), que concede bolsas de estudo (parciais e integrais) a jovens de baixa renda (Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2004). O programa também define que um percentual das bolsas deve ser destinadas á implementação de políticas afirmativas de acesso ao ensino superior de portadores de deficiência ou de autodeclarados indígenas e negros (BRASIL, 2018).

A partir do ano de 2005, passaram a fazer parte da educação avaliações como a Avaliação Nacional de Alfabetização - ANA, Avaliação Nacional de Rendimento Escolar, conhecida como prova Brasil, a Avaliação Nacional da Educação Básica - ANEB. Todas essas ferramentas, coordenadas pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Anísio Teixeira – INEP, vinculada do Ministério da Educação – MEC dentro do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB.

Essas avaliações foram fundamentais para aferir como andam os níveis de conhecimento de nossos estudantes e, conseqüentemente professores no tocante a Matemática, leitura e escrita. Esses dados deram origem ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Utilizado atualmente como forma de apreciação de toda educação básica e fundamental em seus distintos níveis. Com isso se fez necessário a criação de programas de formação continuada para os professores dos anos iniciais, como por exemplo: o PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Com o fim da vigência do FUNDEF em 2006 a formulação de um novo fundo para a educação, desta vez se tem um cuidado maior englobando toda a grade desde a creche até o Ensino médio, foi então regulamentada o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, de que trata ao Art. 60 do Ato das disposições Constitucionais Transitórias; altera a lei nº 10.195, de 19 de Fevereiro de 2001; revoga dispositivos das leis nº 9.424, de 24 de Dezembro de 1996, lei nº 10.880, de 9 de julho de 2004, e lei nº 10.845, de 5 de Março de 2004; e dá outras providencias.

O FUNDEB entra em vigor em 2009, devido uma ação impetrada por cinco governadores, elegendo ser inconstitucional os trabalhadores em educação os professores da educação básica ter um piso nacional que universaliza toda a classe quanto ao salário. O piso foi aprovado com um valor de 950,00 R\$ por 40 horas semanais e correções anuais de acordo

com a inflação e um aumento anual determinado pelo MEC no ano anterior, para que efetuado as devidas correções no ano corrente por Estados e Municípios.

Pela primeira vez, os trabalhadores em educação recebem atenção, pois já se sabe que não há outro caminho senão o da educação de nossas crianças para mudar o quanto é degradante que vivemos desde o nosso “descobrimento” estamos sempre atrás, é essencial se pensar a educação como plano de Nação, como ferramenta de transformação social. Ascensão, triunfo afinal a educação é a base fundamental para o homem contemporâneo ter uma vida digna e puramente humana.

Para incrementar essa fala vem as concepções do autor, citando a essencial questão de educação.

O conhecimento dos problemas – chave, das informações–chave relativas ao mundo, por mais aleatório e difícil que seja, deve ser tentado sob pena de imperfeição cognitiva, mais ainda quando o contexto atual de qualquer conhecimento político, econômico, antropológico, ecológico... é o próprio mundo. A era planetária necessita situar tudo no contexto e no complexo planetário. O conhecimento de mundo como o mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. É o problema universal de todo cidadão do novo milênio: como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-los e organizá-las? Como perceber e conhecer o contexto, o global (a relação todo/parte), o multidimensional, o complexo? Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento. Entretanto, esta reforma é paradigmática e, não programática: é a questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento (MORIN, 2000, p. 35).

É notório na visão do autor perceber a função majoritária da educação na organização do conhecimento e esse conhecimento serem o paradigma, para a necessidade de usar a intelectualidade, como sendo vital a sua condição histórica, política, antropológica, econômica, ecológica, social e cultural se reconhecer como sendo parte de um todo numa globalidade e multidimensional complexa que é o mundo, para tanto compreender, organizar os conhecimentos para uma vida mais humana e papel crucial da educação, analisando toda conjuntura política, histórica, econômica, ecológica, social do Brasil entendemos, porque ainda sim em pleno século XXI, temos dificuldades em todos os níveis de educação do país.

Com base nas afirmações de Morin, podemos dizer que primando por uma eficácia cada vez mais eficiente na educação Brasileira. Em 2015, aproximadamente surge as discussões de construção coletiva com a participação dos professores de todo o Brasil para colaborar com a formação dos conteúdos curriculares da BNCC. Entre outras características e propósitos a base traz em seu texto o maior objetivo fazer as crianças por meio dos conceitos ali expostos que envolve seu meio, sua vida, sua realidade, sua vivência, sua cultura, seu prévio e aquilo que é

significativo para ele se objetiva o direito de aprendizagem, o aprender como elemento essencial, primordial aos eu bem-estar total.

Como podemos verificar no documento:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todas os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo explica-se exclusivamente à Educação escolar tal como define o 1º artigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº9.394/96), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) Referência Nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referente à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação. Nesse sentido, espera-se com a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja batizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa a para qual a BNCC é instrumento fundamental. Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018, p. 7 e 8).

Conforme verificamos, durante esse levantamento bibliográfico nos debruçamos sobre a educação no Brasil desde os primórdios até os dias atuais. E podemos afirmar que nunca se pensou a educação no país, como uma base fundamental para a construção de uma sociedade igualitária, humana, ecológica, ética e justa que contemplasse a formação integral do ser humano e sua melhor convivência com o meio, com o seu habitual natural, trabalhar a sua totalidade, a sua complexidade e suas vertentes multidimensional no contexto que o insere. Onde o homem seja capaz de conviver sem se auto destruir, é essencial instigar a formação do ser baseado nos preceitos: empatia, do respeito mútuo, da reciprocidade, da solidariedade, da igualdade, da justiça, da democracia, da tolerância em todos os sentidos, da não exploração.

Esse documento se fundamenta a ser uma forma humana, democrática, integral de assegurar, corrigir distorções historicamente negada a sociedade Brasileira ao longo dos tempos trazendo as injustiças, degradação, pobreza, miséria, violência, fome, analfabetismo, catástrofes de ambas as ordens de um sistema político educacional nefasto que nega sobretudo, direitos a uma vida digna.

Pois, quando não se tem educação que estimule ao pensar, ao se compreender como sendo a célula, a parte de um todo dentro da sua comunidade e ao mesmo tempo cidadão do mundo corresponsável, por toda conjuntura global, meu ato, minha atitude, tem influência em cadeia coletiva. Portanto, é papel da educação primar por competências capazes de inferir no intelecto dos educandos na sua comunidade, assim, com na esfera planetária, afinal a terra é nossa casa, é preciso educar para o mundo, já que deles somos parte, temos o dever de propiciar as novas gerações o direito e a manutenção de viver harmonicamente na terra.

Para tal, só há um caminho a ser percorrida, a via da educação do desenvolvimento integral, que priorize a vida, os direitos fundamentais de convivência social, o respeito ao meio ambiente, a cultura, a religião ao outro, de um modo geral. Estimular a construção de uma dialética de ensino e aprendizagem pautada nos preceitos do humanismo, da transformação em conduzir por meio da prática do estudar.

Ao pensar a leitura da realidade, o entendimento crítico-político-econômico-social na grande complexidade que engloba o ser humano, como sendo um ser historicamente político, social e multidimensional quanto ao contexto e sua globalização, proporcionando a curiosidade dos alfabetizando.

Em compreender sua conjuntura como ser socialmente cultural permitindo discernimento aos educandos numa espécie de educação para a liberdade, livre das amarras sociais que o impede de ler o mundo com olhos de criticidade e entender principalmente, por meio da educação. Sua realidade social pode ser transformada, tornando-o protagonista da sua vitória, da sua transformação ao conquistar o epistemológico na construção do saber elaborado com foco no seu prévio, seu mundo e basicamente, sobretudo no que é para ser importante valioso e significativo no cognitivo do discente.

Assim pensando a formação, a formatação de uma sociedade pluralística, equânime, justa, democrática, crítica-cidadão, politizada, alfabetizadora. Com seus direitos de aprendizagem respeitados e a formulação integral do estudante. Através da BNCC pode-se identificar as dez competências destinadas aos educadores como sendo uma orientação para a prática pedagógica. Porém, não conseguimos garantir a sua implementação completa nas escolas.

Após quase 519 anos de história, atualmente temos uma base consolidada que pensar o ser humano, a educação como ferramenta indispensável a elaboração de um paradigma, cuja possamos ver pessoas desfrutando dessa obra no futuro, próximo, uma nação que tem a sétima economia do mundo não pode conviver com tantas desordens sociais, desigualdades absurdas em todos os setores e nos direitos fundamentais e universais da humanidade civilizatória. A

BNCC aparece como um norte, um marco regulatório comum aos Estados, Distrito Federal e Municípios deste Brasil continental, garantindo equidade as escolas, as crianças, as práticas pedagógicas com um propósito comum a todos o direito de aprender.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p. 7).

Apesar de todos os esforços feitos nas últimas décadas, ainda acumulamos muitos fracassos no campo educacional devido uma série de fatores que envolve a temática, é nítido vemos aqui o descaso com a educação popular no Brasil. No texto da BNCC, tem como fundamento garantir, corrigir essas atrocidades impostas a sociedade durante, toda nossa existência.

Desse modo, apontaremos suas competências para a melhoria da educação e, conseqüentemente melhorar as condições integrais das pessoas e sua convivência com a natureza, para tal se faz necessário uma educação pautada nos métodos ativos, na construção, na realidade, no coletivo, na democracia com toda comunidade escolar engajada na elaboração de uma nova forma do fazer pedagógico, debruçado naquilo que há de mais sublime e fecundo do seu mundo, usar a cultura, sua história, sua vivência, sua família, seus valores, sua religião e seu existir como ser histórico político social que é sua integralidade lhe garantindo inclusão ao direito de aprendizagem supra citado no documento e assegurando a plena cidadania.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades, (práticas, cognitivas e sócio emocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justae, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013), Nos mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). É imprescindível destacar que as competências gerais da Educação Básica, apresentadas a seguir, inter-relacionam-se e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da LDB (BRASIL, 2018, p. 8 e 9).

Com tudo podemos afirmar embasado nestas ideias a significância das competências para o fazer pedagógico e sua finalidade puramente focada na pessoa humana com ênfase aos

valores, a formação cidadão, ao sócio emocional, o outro, a empatia como base para resolução de conflitos sempre possibilitando a reflexão de permitir o exercício de se colocar no lugar do outro, no desenvolvimento de habilidades e capacidades intelectuais, a formulação para o mercado de trabalho, o convívio com o meio de forma cada vez mais sustentável, demandas existentes na vida cotidiana lhe capacitando a resolução de problemas ao fazer o exercício do estudar, raciocinar, o estímulo a atitudes corretas, éticas, civilizadas que tenha efeito de cadeia na sua comunidade contribuindo para uma sociedade cada vez mais harmoniosa, justa, humana com harmonia entre terráqueos e Terra ou a sonhada sustentabilidade.

Entretanto, vale salientar que as competências convergem entre si, mas se especificam de acordo com cada nível e, ou etapa da educação de acordo com suas especificidades comum a cada grau de instrução exigido, onde se fundamenta como objetivo supremo a contribuição de um documento capaz de transformar a sociedade primando por dias melhores. Para cada indivíduo membro dessa conjuntura em um movimento dialético, dinâmico que é o processo de ensino e aprendizagem embasado na proposta das competências da BNCC.

Para tanto, buscar de reinventar, por meio da prática educativa essa nova concepção de homem, de convivência, de respeito mútuo com o ser humano, a compreensão do outro e a condição de ser capaz de respeitar o meio ambiente entendendo que a natureza, a terra precisa de seres que sejam cada vez mais educados, sustentáveis e produtivos, é preciso conviver em plena harmonia com os recursos naturais sem colocar a humanidade em risco, é mais que urgente, primar por um conceito de educação do futuro onde se fundamente o processo de maneira responsável sem consumir de forma exacerbada, sem submeter a risco a extinção da raça humana na terra utilizar a modernidade, a ciência para bem-estar e na educação que vislumbramos a esperança de tempo mais pacíficos, mais racionais, inteligentes contribuindo para a bem e a manutenção do homem na esfera terrestre assim, vem colaborar com essas ideias as concepções a seguir:

Se é verdade que o gênero humano, cuja dialógica cérebro/mente não esta encerrada, possui em si mesmo recursos criativos inesgotáveis, pode-se então vislumbrar para o terceiro milênio a possibilidade de nova criação cujos germes e embriões foram trazidos pelo século XX: a cidadania terrestre. É a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão (MORIN, 2000, p. 72).

Pensar na educação do Brasil como uma possibilidade de ter competências que estimulam conceitos pluralísticos, democráticos, universais, direitos, deveres, responsabilidades, práticas cognitivas, desenvolvimento pleno de formar seres capazes de interagir com o outro em sociedade e com o seu habitat natural, usando sua mente na

conservação da vida no planeta, para tanto a educação vem com caminho, luz mostrando neste novo milênio e fundamentando na BNCC a missão principal transformar comportamentos, hábitos, valores, culturas e formas de consumo nos abrindo ao novo da educação e seu papel na construção de uma nova ordem nacional, uma nova sociedade a qual utilize a modernidade de modo favorável, positivo aos seres terrestres.

(...) Vimos que o desenvolvimento industrial podia causar danos à cultura e poluições mortais; vimos que a civilização do bem estar podia gerar ao mesmo tempo mal-estar. Se a modernidade é definida como fé incondicional no progresso, na tecnologia, na ciência, no desenvolvimento econômico, então esta modernidade está morta (MORIN, 2000, p. 72).

O Conteúdo apresentado na BNCC verifica-se a preocupação com o humanismo, com a coletividade, por esta abordar em síntese o direito de aprendizagem, valorizando a história, a cultura, as vivências, a realidade latente de cada Município, escola, comunidade. Permitindo a elaboração de um currículo comum a todas as instituições, respeitando suas peculiaridades, seus valores suas crenças, seus costumes e outras.

Assim fundamenta a base e suas competências pensando na modernidade em transformar e porque não dizer modificar um paradigma de ensino arcaico, inspirado no modo bancário, ditatorial do professor no centro do conhecimento e mais que imprescindível romper com essa forma de ensino imergindo para novos horizontes e usar toda produção científica, tecnológica, industrial, econômica, social a uma só vertente ligada a modernidade, da vida como um todo. Por que senão tivermos essa revolução no nosso agir, no modo de pensar de nada vale essa modernidade, pois a cada dia caminhamos em busca do fim. Só há uma razão para o uso das tecnologias no modelo atual, utilizar essa estrutura moderna para o bem humano, se assim não acontecer de nada valerá o esforço e toda essa parafernália é em vão.

Para isso é cada vez mais explícito a eminência de se aprofundar nos conteúdos da BNCC, a fim de se manusear com habilidade e adquirir conhecimentos necessários a uma didática de ensino que prime, essencialmente em fomentar a construção de uma mentalidade empática, humana, solidária, democrática, justa, igualitária, sustentável e formativa.

Nesse processo de transformação recomendado na BNCC é de suma importância a participação de toda comunidade escolar lutando em prol de uma causa única a educação de nossas crianças, que são o futuro deste país. Só teremos um novo Brasil sem tantas mazelas com uma metamorfose no sistema educacional, principalmente na base ensino infantil e fundamental que é o alicerce de toda a pirâmide educacional garantindo que esses alfabetizados possam ter a condição e o direito de aprender a ler, escrever de um modo geral, atuando com desenvoltura na sua vida posterior de maneira sustentável.

Na modalidade do Ensino fundamental que é a mais longa etapa com nove anos de duração, atendendo educandos entre 6 a 14 anos. Há, portanto uma série de mudanças ligadas a aspectos físicos, cognitivos, culturais, afetivos, emocionais, intelectuais e sociais.

Como bem mencionados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos (Resolução CNE/CEB nº 7/2010), essas transformações impõem desafios a elaboração, de maneira a suprir e construir currículos para essa fase de escolaridade tão significativa, de modo a superar as lacunas que existem na transição não somente entre as fases da Educação Básica, mas também entre as duas etapas do Ensino Fundamental: Anos Iniciais e anos Finais. Elevando e integralizando às etapas, visando à integralidade quanto a formação dos estudantes na tão sonhada educação integral.

A BNCC do Ensino Fundamental- Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na educação infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematizada dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testa-las, de refuta-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos (BRASIL, 2018, p.57 e 58).

Com base nas concepções deste documento afirmamos a necessidade de nos debruçarmos e valorizarmos atividades pedagógicas de cunho lúdico as quais priorize aprendizagens, havendo necessariamente uma ligação entre as etapas do ensino infantil ao fundamental, é imprescindível lecionar numa filosofia contínua, processual, gradual de construção do saber ininterrupto sem haver ruptura entre as fases, fazendo uma espécie de progressão sistemática articulada dessas experiências, visando o pleno desenvolvimento dos alfabetizandos, em novas formas de relação com o seu mundo, novas maneiras de leituras e compreensões, formulando o pensamento crítico reflexivo hipotético.

Acerca dos fenômenos, numa dinâmica de experimentar, testar, indagar, questionar, construindo suas próprias conclusões, num exercício ativo de elaborar seu pensar, seus conhecimentos atitudinais perante sua comunidade e seu mundo, cuja é parte integrante intrínseco no processo de ensino e aprendizagem essencialmente arraigado na teoria da significatividade, seguindo uma dialética de aprender para a vida e sua manutenção em todos os aspectos, ecológicos, econômicos, cultural, social, cidadão, histórico, religioso, relação de consumo e mercado de trabalho.

Esse período implica em muitas mudanças na vida das crianças e no seu processo de desenvolvimento que interferem em relações consigo mesmas, e na sua relação com o mundo ao seu redor.

As DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) apontam para maior desenvoltura e a maior autonomia nas movimentações de deslocamentos ampliando suas interações com o espaço geográfico; múltiplas relações com as linguagens, inclusive as sociais como é o caso específico da escrita e da Matemática, com permissividade ao mundo letrado e a edificação de múltiplas aprendizagens, nos centros educacionais e para além dela, se afirmando sua identidade com relação ao coletivo em que se está inserida, assim se atribui formas mais ativas de relacionamentos nessa coletividade e as normas que são estabelecidas entre as pessoas na escola e fora dela, pelo valor de suas especificidades e mais precisamente por todo acolhimento e pela valorização incentivadas das diferenças, por ser de suma importância o olhar para o trato excepcional com as relações interpessoais e ainda mais significativa.

Ansiar uma formação que valorize às diferenças de todos as espécies, somos diferentes por natureza, seja no físico, na personalidade, no modo de agir e outras, para tanto é essencial mediar para formamos pessoas capazes de conviver com pessoas de distintas etnias, religiões, sexo, classe social, poder aquisitivo, gênero, cor, opinião, regionalidades, nacionalidades sem ser preconceituoso.

Há ampliação das experiências no tocante ao desenvolvimento das funções orais, a percepção, compreensão e representação, pressupostos, importantes para o desenvolvimento da escrita alfabética, além dos demais sistemas de representação como a exemplo o numérico ou matemático, os registros, artísticos, midiáticos e científicos e as formas de representatividade da cronologia e a lateralidade, tempo e espaço.

Os alfabetizados são comuns se depararem com situações variadas as quais envolvem conceitos e fazeres do campo científico despertando olhares, curiosidades observações, análises, dissertações argumentativas e possivelmente novas descobertas e aprendizagens cotidianas.

As vivências das crianças no contexto familiar, social, real e cultural, suas experiências, sua interação ao pertencer a um grupo a interação com a diversidade de informações tecnológicas de informação e comunicação as (TICs) permite ao hipotetizar, formular, indagar perguntas instigando a curiosidade e o aprender.

(...) O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo, natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (BRASIL, 2018, p. 58)

Nessa faixa etária o trabalho docente envolve, demanda uma dinâmica de trabalho que manifeste os interesses pertinentes ao universo das crianças, isso significa dar importância às suas vivências, seja possível progressivamente, melhorar a capacidade compreensiva, esse processo se dá pela percepção sensitiva de perceber o mundo ao seu redor, agindo, expressando-se a cerca dele e nele atuando com sabedoria inerente ao ser humano e a natureza numa corrente de via dupla sustentável.

Nos primeiros anos do Ensino fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (...) “os conceitos dos diversos componentes curriculares (...), ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2018, p. 59).

No decorrer do Ensino Fundamental Anos Iniciais, a ascensão de um nível para outro acontece por rendimento e consolidação das aprendizagens e pela ampliação das práticas de linguagem e da vivência estética e multicultural, numa interação dialogada das crianças, levando em conta os seus interesses e suas expectativas quanto que necessita aprender na sua vida escolar.

Com ênfase a ampliar sua autonomia, a compreensão das normativas e leis da vida social regrada que nos insere, lhe proporcionando condições de se relacionar com o outro, um sujeito ético englobado num sistema de normas e para tal se fundamenta saber conviver entre si, com o meio ambiente, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com a natureza de um modo geral numa relação holográfica, onde o indivíduo na sua menor parte faz parte de um todo e eu e o mundo com responsabilidades sociais com o planeta.

Ainda podemos citar os aspectos inerentes à aprendizagem e ao desenvolvimento, ao construir um currículo e uma proposta pedagógica a qual possa assegurar uma dinâmica de ensino e aprendizagem, uma continuidade ao aprender entre as fases do ensino fundamental sem haver quebra, mas sim percurso contínuo nas oportunidades possibilitadas no transcorrer do processo de construção do saber em escala gradual sequencial. Objetivando integração entre todas as fases do ensino fundamental. Sendo essa transição caracterizada por muitas mudanças basicamente da diferença coladas aos componentes curriculares.

Como em destaca o Parecer nº11/2010, “os alunos ao mudarem do professor gerencialista dos anos iniciais para os professores especialistas dos diferentes componentes curriculares, costumam se ressentir diante das muitas exigências que têm de atender, feitas pelo grande número de docentes dos anos finais” (BRASIL, 2010) Realizar as necessárias datações e articulações, tanto no 5º ano quanto ao 6º ano,

para apoiar os alunos nesse processo de transição, pode evitar ruptura no processo de aprendizagem, garantindo-lhes maiores condições de sucesso (BRASIL, 2018, p. 59).

É comum durante a realização do Ensino Fundamental Anos Finais, os educandos entrarem em contato com uma nova realidade, com desafios maiores, comum grau de complexidade mais elevado, sobretudo por haver uma maior demanda e uma grade de conceitos distintos para organizar e aprender em cada área específica. Com tudo devido esse grau de elevação especialização, é significativa a retomada, a ressignificação de uma consolidação dos conteúdos estudados no Ensino Fundamental Anos Iniciais. Para garantir uma retomada a qual se submeta ao aprender, a desenvolver aprendizagens múltiplas aos estudantes.

Observando esse contexto é importante favorecer autonomia a esses educandos há dados, pesquisas e fontes diversas de informações, a fim de possibilitar uma melhor organização do saber as diferentes áreas com aprofundamento naquilo que se faz necessário, sendo o discente o fazedor do seu saber numa espécie de democratização do conhecimento.

Os estudantes encontram-se nessa fase da vida numa transição entre a infância e a adolescência, esse período tem muitas mudanças decorrentes das transformações em sua personalidade, física, biológicas, psicológicas, emocionais, comportamentais, sociais. Nessa fase ou faixa etária, apontados no Parecer CNE/CBE nº11/2010, há ampliação dos laços afetivos, sociais com vínculos interativos, com possibilidades de desenvolvimento intelectuais, capacidade de pensar de forma abstrata. Os discentes tem capacidade de tornarem-se capazes de apreciar os fatos pela ótica do outro, fazendo o exercício da descentralização, “importante na construção da autonomia e na aquisição de valores morais e éticos.” (BRASIL, 2018, p. 60).

Essas transformações inerentes a essa fase da vida incluem o entendimento do adolescente como um ser em desenvolvimento contínuo, cada qual com suas peculiaridades, singularidade similar e costumes culturais próprios desse grupo, esse público demanda atividades pedagógicas diferenciadas, com capacidade de atingir suas habilidades e ampliá-las em vários aspectos seja social, comunicação, tecnológica e inserção numa socialização global.

É atualmente, inegável a influência dos jovens no mundo tecnológico e seu envolvimento como protagonista e outros, há uma utilização em massa, um consumo de produtos, informações, imagens, notícias. Seja para mal ou para o bem, pensar uma prática educacional sem considerar essa realidade contemporânea é praticamente impossível, pois essas TICs fazem parte de nossas vidas ou tempos “tempos tecnológicos” até são conhecidos como geração “Z” nativos digitais, esse novo paradigma social atua modificando hábitos, costumes, culturas, comportamentos, formas de pensar e agir, como entretenimento, lazer, físico, consumo, economia, as relações de trabalho, compreensão e doenças.

As TICs têm suas vantagens e desvantagens, mas essa e outras demandas fazem parte da escola contemporânea, para tanto se faz necessário se debruçar sobre essa temática e fazer

dela uma fonte rica de construção, democratização, pesquisas do conhecimento, é essencial utilizar o nosso saber ao bem-estar humano, a perpetuação da vida no planeta terra.

Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (BRASIL, 2018, p. 61).

A escola tem em sua função social formar para integralidade embasada pelos direitos humanos universais acompanhados dos princípios humanos e democráticos, para uma educação que se volte para atender esses preceitos humanos, integral, múltiplo, democrático, cidadão, solidário e ecológico, se fundamenta em desnaturalizar todas as formas de violências existentes na sociedade contemporânea ou tecnológicas, inclusive a violência imposta por grupos sociais sobre outros com imposição excessiva de normas, regras, leis que são imorais injustas, negando valores, conhecimentos concebidos como um bem universal, sem haver diálogo, o direito ao contraditório, ao diferente entre as culturas ali presentes na comunidade a qual reside assim como na esfera escolar, se a escola é uma instituição ordeira, acolhedora, formadora, transformadora de mentes e realidades.

A diversidade cultural dos estudantes atualmente aparece como um fator que gera desarmonia no âmbito escolar, muitas vezes sendo motivo de agressões, violências psicológicas, verbais, ofensas e ou até mesmo fisicamente, bullying¹ entre outras indisciplinas que impede um bom convívio e, conseqüentemente um ambiente não harmonioso impróprio ao favorecimento de habilidades vindo da diversidade, do não respeito ao diferente, ao outro, ao próximo, ao ser humano.

Dessa forma a escola tem por objetivo incentivar e mediar uma capacitação dialógica de construção de uma cultura de paz. Baseada no respeito, nas diferenças, tolerância com aquilo que se faz diferente, é primordial trabalhar referenciando-se no aprender para a vida, uma formação de competências voltadas para o humanismo, a compreensão, o equilíbrio moderado de sempre repensar sua prática e as conseqüências dos meus atos na natureza e na relação interpessoal, fazendo do diferente uma forma salutar do enriquecimento cultural, uma somativa

¹ Corresponde à prática de atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidas.

crecente de agregação do saber, numa troca simultânea do aprender na ação social, na vivência cotidiana pensando, refletindo sobre meu papel, minha responsabilidade na sociedade, no futuro numa possibilidade de desenvolvimento pessoal e social com foco central na humanização e sustentabilidade.

1.1. LITERATURA CONCEITOS E REFLEXÕES

Pensar a literatura é refletir sobre toda a construção humana da escrita, dos hieróglifos, dos pictogramas, das imagens e representações do seu mundo, do seu tempo histórico-social-cultural. Sua linguagem, sua palavra, sua fala, sua escrita, isto é matéria constituída do mundo ao seu redor. O mundo é constituído basicamente por meio da palavra, se as imagens falam por si só, mesmo assim é preciso usar a língua para traduzir as imagens e confirmar esse valor em registro material como bem construído ao longo da humanidade, assim tendo como revelação do homem mostrando sua essência a literatura afirmando a existência humanística do ser humano. Pois revela seu quadro histórico, social, cultural, econômico, ecológico, político, sentimentos, ótica do seu mundo e a visão geral da sociedade de cada tempo numa espécie de leitura da realidade.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (COSSON, 2007 apud CANDIDO, 1995, p. 15).

Para Candido (1995) a literatura se define como direito universal concomitante a todos como elemento de formulação da personalidade, seu conteúdo puramente formativo quanto aos nossos sentimentos, instigando a compreensão do mundo nos possibilitando uma forma organizacional, tirando-nos do caos centrando tudo harmonicamente ao nos humanizarmos. Se negar usufruir dos benefícios e das contribuições as quais a literatura pode auxiliar é simplesmente, limitar nossa humanidade. Assim se percebe o valor para as faculdades humanas e o legado singular que tem a literatura na formação da sociedade letrada.

E de onde vêm as palavras que alimentam e exercitam o corpo linguagem? Aqui outra oportunidade do nosso corpo linguagem. As palavras vêm da sociedade de que faço parte e não são de ninguém. Para adquiri-las basta viverem uma sociedade humana. Ao usar as palavras eu as faço minhas do mesmo modo, que você, usando as mesmas palavras, as faz suas. É por esse uso, simultaneamente individual e coletivo, que as palavras se modificam, se dividem e se multiplicam, vestindo de sentido o fazer humano (COSSON, 2007, p. 16).

Nota-se no discurso do autor que a palavra é algo nato da linguagem, sendo de todos um bem comum plural linguisticamente falando no que se refere a comunicação, a literatura, a escrita se apresenta como bem democrático meu ou seu, simultaneamente individual e coletivo de uso social, as palavras mudam se dividem e se multiplicam, dando sentido a prática vivencial do fazer humano, representação de sua vida, afinal é por meio das palavras que nos comunicamos e nos expressamos.

Numa sociedade letrada como a que vivemos a possibilidade de atividades do corpo da linguagem, quanto ao uso das palavras são diversas. Mas podemos destacar uma a qual merece destaque a escrita. É praticamente unânime que todas as transações humanas da sociedade letrada passem de uma forma ou de outra, pela produção escrita, até mesmo aquelas que se apresenta oral ou imagética. Acontece assim com o jornal televisivo que faz o locutor, redigir e lê o texto escrito, acontece com as práticas culturais de origem, oral como a literatura de cordel tão popular, folclórica que transparece o real do cotidiano de um povo, sua cultura como face de um mundo particular, cujos versos são registrados nos folhetos a serem vendidos nas feiras em cordões tipo varal, nas artes e toda a diversidade literária existe na civilização atual.

Também na vertente tecnológica atualmente na tela de um computador, celular, notebook, tablet², vídeo games cheios de palavras, imagens e símbolos sem dispensarem as instruções escritas.

Essa notoriedade da escrita se dá pelo fato de ser por meio dela que armazenamos nossos saberes e conhecimentos, organizamos nossa sociedade nos libertando dos limites e imposições temporais e espaciais. A escrita atua neste contexto com sendo um dos mais importantes instrumentos de libertação das limitações físicas do campo humano. O campo linguagem, o campo palavra, o campo escrita se completam na literatura são partes indispensáveis intrínsecas fazem um exercício semântico.

A literatura não apenas tem a palavra como sendo predominante em suas constituições físicas, mas tem a escrita como meio veicular preponderantemente. O exercício literário, seja pela leitura, seja pela escrita, se fundamentam exatamente em uma exploração do poder da linguagem, da palavra falada como linguagem ou escrita como escritura numa corrente simultânea de ligação paralela entre ambas ou ponte entrelaçadas. As potencialidades de exploração das linguagens possibilitam, uma visão de mundo de refazer construindo a partir da

²Tablet é um tipo de computador portátil, de tamanho pequeno, fina espessura e com tela sensível ao toque (touchscreen). É um dispositivo prático com uso semelhante a um computador portátil convencional, no entanto, é mais destinado para fins de entretenimento que para uso profissional.

palavra, que é desvendado pela literatura, aparece como prática primordial na constituição de um sujeito forjando nos moldes escritos³.

Compreendendo essas palavras é na prática do uso cotidiano, no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se descobre as arbitrariedades impostas como leis e regras do discurso padronizado da sociedade letrada que se cria um modelo próprio de se exercitar ou apropriar-se da linguagem numa faceta minha, é também de todos num exercício democrático livre sem amarras e imposições regradas das normas discursivas.

Vale salientar que isso acontece pelo simples fato da literatura ser um bem pleno de saberes, cultural do homem como ser social no mundo que o insere, a literatura seria o espelho da alma, a transposição do sentimento, da ficção, da fantasia em realidade, na poesia ou no cordel, por exemplo: se representa o que há de mais verdadeiro e sublime das aspirações humanas culturais. As escrituras versam explorando as potencialidades das linguagens embasadas nas culturas populares, no empirismo; para se constituir conhecimento sistematizado literário. Assim a literatura com sua magnitude de saberes acerca do homem e do mundo, com uma mágica capaz de iluminar, brilhar de dentro para fora esse poder é tanto que poderíamos nomeá-la de iluminismo libertador.

Isso ocorre porque a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo. Aqui vale a pena lembrar a fábula da pedra de Bolonha, que recontamos a partir da menção feita por Roland Barthes em aula (1980). Havia nessa cidade uma pedra mágica. Durante o dia, escura e opaca, absorvia a luz e tudo que a circundava. A noite, transmutava-se em brilho iluminando a tudo e a todos com a luz que recolhera anteriormente. Assim funciona o texto literário em relação aos saberes que guarda a cada escritura, mas sem os aprisionar dentro de si. Ao contrário, libera-os com brilho a cada leitura (COSSON, 2007, p. 17).

A Literatura é um misto de saberes mitológicos, crenças, costumes, culturas, religiosidade, folclore, valores e outros tantos elementos, cuja formam uma salada de saberes sobre o homem e sua vivência peculiar, nela se revela o interior e o exterior do homem. Quando entramos em contato direto com a literatura há possibilidades de sairmos da escuridão cada vez que se lê, há uma libertação como se nossos olhos viessem um brilho capaz, de nos abrir, não aprisionar, enclausurar.

Mas, sim soltar, favorecer o espírito de liberdade guardada em cada escritura, a literatura em suma é um fabuloso instrumento que reluz aos olhos, nos fazendo desabrochar, abrir de dentro para fora numa metamorfose que transforma com seu brilho único o homem iluminando sua mente, seu conhecimento e deixando o mundo mais rico em saberes, alegre com sua

³ Ideia performativa de criação, ato de criar.

primazia maior a liberdade do ser, lhe tirando das trevas da ignorância, ascendendo como luz e novos saberes adquiridos a cada nova leitura.

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. É isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais e pela ficção. (COSSON, 2007, p. 17).

Fundamentado nas concepções do autor é notável a significância do termo literatura, e sua magnitude quanto aos benefícios a nossa formação, e a definição nítida de quem somos, o que somos mostram da nossa vertente de nós mesmos e, sobretudo as faces da comunidade a qual nós pertencemos. Na leitura dos textos literários podemos ser nós mesmos, com incentivo a ansiar, desejar com expressão do nosso mundo para nós mesmos, de maneira particular.

Esse fenômeno se dá pelo fato da literatura ser um experimento a ser efetivado. Por ser muito mais que um conhecimento reelaborado, ao entrar em contato com esse gênero textual, fundamental a elaboração de uma infinidade de saberes oriundos da leitura desses escritos para qualquer público envolvido nessa dinâmica de ensino e aprendizagem. Na literatura podemos incorporar o outro em mim mesmo sem negar minha própria identidade, basta entregarmos e viver a ficção.

Tudo porque ela nos permite fantasiar, imaginar, interpretar, dramatizar, pensar, viver personagens sem perder sua real característica. Ao exercitamos a literatura temos a possibilidade de sermos os outros, viver como se fosse os outros, é possível romper as barreiras do tempo e do espaço de nossa própria vivência e, mesmo assim sem deixar de sermos nós mesmos. Por esse motivo se interioriza com profundidade as afirmações dadas pelos gêneros poéticos se fictícios expostos ou explorados na forma literária nas suas várias facetas. Seja na forma televisiva, escrita, livros, gibis, contos, fábulas, poesia, jornal, novela, teatro, desenho, imagens, código, símbolos, sinais, filmes, vídeos, áudios, games, linguagens, cordel, música e todas as possibilidades folclóricas e culturais de uma comunidade e, um povo.

Portanto, se pode sem dúvidas afirmar que a literatura tem seu poder de transformar, de ver adiante o futuro, de metamorfose ao modificar sem danificar a estrutura, de ser o que quiser sem deixar de ser a si mesmo, numa permuta mágica, cuja vive a realidade e a ficção ao mesmo tempo, onde se pode ser herói, mocinho, vilão sem sair do lugar, basta ler as escrituras imaginar, fantasiar e ser por um instante aquilo que se quer ser, se realizando subjetivamente preenchendo

o ego, o desejo de ser o outro, sem deixar de sermos nós mesmos. Muitas vezes vivendo emoções, sentimentos, personagens íntimos do inconsciente individual de cada sujeito fomentando assim a realização de sonhos, o imaginário num exercício construtivo das aptidões mentais e a cultura de um modo geral.

A vivência literária não só nos permite conhecer a vida do outro por meio da experiência vivida pelo outro ser, mas também sentir, viver essa experiência na prática cotidiana.

(...), ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que eu não sabemos expressar e nos falamos de maneira mais, precisa o que eu, queremos, dizer do mundo, assim como nós mesmos (COSSON, 2007, p. 17).

Então, criar a ficção literária na forma de palavras no discurso linguístico na narrativa e a palavra materializada em forma de poesia ambas são procedimentos construtivos tanto da linguagem na expressão do homem ao se comunicar, quanto no processo do leitor e do escritor. O papel da literatura quanto ao uso da ficção feita em palavra e a palavra redigida expressando a fala, o pensamento, o sentimento, a cultura, as crenças, os costumes e outros em poesia. As duas nos auxiliam na leitura e compreensão de enxergarmos aquilo que não podemos ver com mais precisão, interpretando o mundo com mais clareza a nossa volta, baseando-se no seu mundo, seu meio, seu real, entendendo a leitura da realidade transmitindo o que queremos dizer, há uma literatura fictícia feita palavra, e a palavra feita matéria em poesia transcrevendo o meu pensamento, a minha voz, o meu grito, a minha expressão na linguagem ao mundo que acredito revelado pela literatura representativa de quem escreve e quem lê numa dualidade afinada em dizer aquilo que se quer dizer do mundo nas palavras do outro.

Cosson (2007) afirma que “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, dores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”.

É majoritário o poder que possui a literatura quanto à compreensão e transformação do mundo literário, transmitindo em palavras para os leitores e escritores suas formas coloridas, mágicas, seus sabores, odores, seu brilho, sua luz, sua cor, sua fantasia, usa forma de encanto natural por essência profundamente humana, por esses motivos elencados precisamos intensamente do uso frequente da didática de ensino fundamentada nos princípios da literatura nas salas de aula, por que não dizer nas escolas.

Essa metodologia é de fundamental importância na dinâmica de ensino e aprendizagem, uma prática que se volta para o que é significativo para o discente por possibilitar aprendizagens embasadas no seu real, na sua vida, na sua experiência ao enfatizar exatamente o mundo

mágico, a imaginação, o fantasiar, o faz de conta, o personagem, a dramatização ser o que quiser sem deixar de ser nós mesmos, vislumbrando novas cores, um novo mundo, numa miragem fictícia vivendo novas perspectivas, principalmente na esfera intelectual estimulando a capacidade mental e humana.

Então, a literatura necessita está intrínseca na escola sendo vista de maneira especial, por potencializar múltiplas oportunidades de compreender o mundo cuja insere.

A literatura escolarizada acontece num ambiente conflitante por ser muito questionada, isso é normal por se tratar de escola, de opinião e de conviver com a diversidade de pensamento tão latente no campo escolar, se tratando de literatura e educação está longe de ser pacífica. Percebemos que falar de literatura em qualquer instância de ensino é um desafio, há resignação em pensar que se aplica esses conteúdos por indicação acadêmica e por mera incubação ideológica e por essa razão implicam o abandono de leitura de obras anteriormente consideradas essenciais.

O conteúdo da disciplina Literatura passa a ser as canções populares, as crônicas, os filmes, os seriados de TV e outros produtos culturais, com a justificativa de que em um mundo onde a imagem e a voz se fazem presentes com muito mais intensidade do que a escrita, não há por que insistir na leitura de textos literários. A cultura contemporânea dispensaria a mediação da escrita ou a empregaria secundariamente. Por isso, afirma-se que se o objetivo é integrar o aluno à cultura, a escola precisaria se atualizar, abrindo-se às culturas contemporâneas que são muito mais dinâmicas e raramente incluem a leitura literária (COSSON, 2007, p. 22).

Baseando-se no enunciado acima é claro que a escola deixa de lecionar a disciplina de literatura dando enfoque a outras formas de conteúdo, outras culturas, sobretudo, apoiando-se na cultura popular contemporânea, onde se fundamenta principalmente as imagens, os filmes, os jogos, os seriados de TV, internet, celulares e outros meios tecnológicos atuais. Isso se justifica por acreditarem que a linguagem visual é muito mais popular do que a linguagem escrita, desse modo não há motivos para continuar insistindo na literatura literária no universo escolar.

Atualmente, a cultura contemporânea se consolida cada vez mais como algo que oferece entretenimento a nova geração que coloca a literatura num lugar sem espaço dispensa a mediação da escrita ou seu uso posteriormente na dinâmica de ensino e aprendizagem. Imagine-se que essa abertura de se apoiar na cultura contemporânea é com um único objetivo, integrar o aluno à cultura, incluir ao invés de não ofertar. Sendo assim a escola necessita se modificar atualizando-se aos tempos tecnológicos, abrindo-se às culturas contemporâneas as quais carecem de muita atenção dos envolvidos, dinamismo e, dificuldades em seus conteúdos ao

abordar o assunto leitura literária. Basicamente falar de literatura e fazer relação com a vida atual dos alunos, fica cada vez mais difícil é como se fossem dois extremos.

Para isso, é fundamental um novo paradigma de ensino da literatura adequando-se as novas formas de culturas contemporâneas ou tecnológicas do mundo atual, tudo para integralizar discente e escola, discente e conteúdo numa tentativa de acolhimento do aluno e seu mundo, sua cultura jovial contemporânea que hoje é muito presente no cotidiano da geração “Z” e geração “YouTuber” existente na sociedade moderna robótica, tecnicista, industrial e maquinaria.

Em qualquer que seja das situações acima descritas, estamos adiante da falência do ensino da literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza (COSSON, 2007, p. 23).

Analisando as concepções do pensador podemos concluir que a literatura passa por adaptações procurando seu espaço para atender principalmente o público contemporâneo e toda sua cultura, deixando o ensino tradicional da disciplina literatura de lado, migrando para o mundo dos alunos numa ideia de integração, de entrar no seu mundo, sua realidade, sua cultura numa abertura em se apoiar naquilo que é pertinente para o educando.

Seja como for estamos presenciando gradualmente a falência do ensino da literatura nas salas de aula. Sendo para atender a ordem social das coisas, seja pela liberdade, pela democratização do ensino em dar ênfase ao prévio do educando ou simplesmente pelo prazer em estar em contato com a cultura literária, temos a certeza que a literatura não vem fazendo seu papel social, nem sendo ensinada a contribuir, a garantir sua função primordial de construir e reconstruir a ficção em narrativa da palavra que tem o poder de nos humanizarmos, com o objetivo maior como essencialmente se fundamenta a literatura no humanismo, na compreensão do outro, na sensibilidade isso é habilidades inerentes ao ser humano.

Jamais realizando por uma máquina, por isso a importância de mesmo com toda a dificuldade sempre imposta a lecionar a literatura citada neste referencial, vale a pena insistir, inovar mostrando sempre o cunho relevante do uso da literatura de um modo geral na vida atual, se olhar para o lado, praticamente em todo lugar existe literatura e, é fundamental lembrar da magia da literatura quanto a seu poder libertador ao humanizar.

Assim se faz necessário estimular metodologias que valorize a formação humana tecnológica, onde o homem seja capaz de usar a tecnologia a seu favor para termos uma harmonia entre vida biológica e produção tecnológica de forma sustentável sem riscos de ameaça a extinção humana na terra.

A seguir complementa esse pensamento dizendo que:

Dam Simmons supõe, em sua tetralogia de ficção científica (*Hypérion et la Suite*), que um tecno centro, oriundo da emancipação das técnicas e dominado pelas I.A. (Inteligências artificiais). Se esforça para controlar os humanos. O problema dos humanos é beneficiar-se das técnicas, mas não submeter-se a elas. Estamos, contudo, em via de subordinação às I.A. instaladas nas mentes em profundidade, sob forma de pensamento, pertinente para tudo que se relaciona com as máquinas artificiais, é incapaz de compreender o vivo e o humano aos quais se aplica, acreditando-se o único racional (MORIN, 2000, p. 43).

Atualmente, precisamos urgente de trabalhar numa perspectiva cada vez mais humana, vimos que o uso das culturas contemporâneas como vídeos, jogos em rede, filmes, séries, televisão, computador, tablet, notebook, celular e outros trazem danos diversos aos seres que são usuários dessas mídias e máquinas excessivamente, principalmente no campo dos sentimentos humanos, incompreensão, isolamento, solidão, depressão, antissocial, e insensível aos sentimentos, medo, síndromes, pânico e etc. São algumas consequências advindas dessa cultura.

Para Solé (2012) a literatura tem seu papel importante na escola para a apropriação das novas aprendizagens, porém o perigo é saber como estes textos veem sendo trabalhados em sala de aula.

Somando-se a mesma ideia temos o pensamento seguinte:

O perigo que hoje ronda a literatura não está, portanto, na escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura de textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, teoria ou de história literária (REIS, 2015 apud TODOROV, 2009, p. 10).

Pensando na linha dos autores pode-se afirmar que a qualidade cultural das obras literárias, os autores, as produções são boas. A maneira de oferecer essa literatura e que se mantem equivocada desde os primeiros anos de escolarização até o ensino superior. Não há um contato profundo do estudante com esta cultura, mas, sim os apresentam recortes, teorias ou histórias literárias que compromete o estudo aprofundado da literatura aos alunos. Isso consolida o que apontam os estudiosos de maneira unânime quanto ao refletir sobre literatura.

Nesta mesma perspectiva do ensino da literatura e seu uso no espaço escolar e todas as vantagens oriundas de sua utilização para os discentes e, por que não afirmar para a sociedade, como já foi tão bem defendido por pensadores anteriormente.

Depois, falta a um e a outros uma maneira de ensinar que, rompendo o círculo da reprodução ou da permissividade, possibilite que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige.

Nesse caso é fundamental que se coloque como centradas práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a contribuir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história da literatura. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar.

Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada, não é se, a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que, mas nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2007. p. 23).

Vale salientar, que as contribuições do autor apontam para a ideia que nem todos exercem uma maneira de ensinar com rigor e compromisso exigido na execução de qualquer saber ministrado em sala na relação de ensino e aprendizagem e ainda não favorece o prazer quando se leciona literatura. Assim é essencial que se coloque a literatura no centro das práticas literárias no âmbito escolar, a leitura sendo um ato salutar e efetivo, sem ser passada a mera informação sobre as disciplinas construídas ao ler esses textos, mas sim ler numa visão crítica, de estimular a compreensão da teoria ou da história da literatura ao longo dos tempos. A leitura precisa ser feita de forma organizada, não apenas para atender um prazer único em ler, é fundamental estabelecer os objetivos de construção do saber do aluno, entendendo o papel construindo a literatura na escola.

Portanto, é mais que imprescindível entender que o letramento literário se fundamenta como um ato social, desse modo é responsabilidade da escola pautar-se do seu uso na atividade escolar. Como indica Soares (2011) alertando que a escolarização da literatura é fundamental acontecer sem ser descaracterizada, sem transformar seu sentido, ou fazer de si mesma uma simulação a qual nega seu caráter humanizador de ser por natureza, talvez o mundo esteja carente de literatura, de humanização, é cada vez mais latente a demanda de um tema que se fundamente em oferecer aos seres em formação humanidade.

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la ou negá-la, por que isso significa negar a própria escola [...]. O que se pode criticar,

o que se deve negar não é a escolarização da sua literatura, que se traduz em inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (REIS, 2015 apud SOARES, 2011, p. 78).

Vimos à colocação da pensadora a cima, assegurar que a literatura qualquer que seja não pode ser criticada, negada, conotada, pejorativada⁴, por que isso seria negar a existência da escola. Se na escola tratamos de uma formação humana e social isso já basta para trabalharmos tal conceito de magnitude esplêndida, o que se pode criticar é a forma mal compreendida do literário na escola, em deturpar, equivocar, falsar o que é de fato literatura por método didático inadequado.

Ao longo da história acadêmica são comuns alunos de exatas criticarem os cursos de literatura como vimos nos relatos do professor Cosson (2007). Dessa forma desconsiderando a importância e a complexidade da literatura na nossa formação a exemplo disso é vermos questões como um problema matemático só pode ser solucionado com a devida compreensão do mesmo. Por isso é de essencial significância à escola trabalhar programas de melhoria de leitura literária em todos os níveis. O letramento literário tem sua macro importância nesse processo de formação de leitores capazes de compreender, raciocinar, pensar. Esses pressupostos são elementos indispensáveis a qualquer prática de leitura literária a qual a escola tem maestria ao fazer com relevância às faculdades mentais do ser humano no geral, para uso intelectual em todas as tarefas do desenvolvimento dos seres envolvidos.

(...) os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos e grande parte deles são aprendidos na escola. Depois, a leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona. No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração. (COSSON, 2007, p. 27).

Uma das mais sublimes competências literárias desenvolvidas pela escola é a interpretação, além de outros mecanismos muitas vezes desenvolvidos na escola. A função e o objetivo da escola com a leitura literária é mais do que entreter, mais que na fruição possibilitar vantagens advindas da literatura, seu principal norte é submeter a possibilidade de uma gama de conhecimentos implícitos nessa prática salutar a constituição de saberes inerentes ao epistemológico, para tanto essa abordagem para ter eficácia, convém ser bem executada, principalmente de forma adequada com trato fino, feito pela escola ensinar o discente a explorar

⁴ Que exprime sentido desagradável ou de desaprovação, depreciativo.

de maneira correta o uso da leitura literária, assim o letramento literário como meio a contribuir com essa elaboração construtiva do saber educacional escolar, estimulando a formação da compreensão e de conhecimentos múltiplos ao viver dos alunos.

A literatura precisa deixar de ser mantida como algo sacro, essa visão lhe traz muito más interpretações. Análise literária é a definição da literatura como processo de comunicação social, uma leitura que requer interação do autor com o leitor, dando-lhe respostas e inserção no mundo do outro, convidando a entrar literalmente no texto, penetrar na obra de diferentes formas, explorar esse conteúdo de várias maneiras possíveis em ambos os aspectos. Quando há realmente aprofundamento intenso efetivado que podemos afirmar ou falar que leitura literária acontece no processo de ensino e aprendizagem sem perder sua magia e permitindo compreensão.

(...) o segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulando, como ele age sobre nós, não eliminara seu poder antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. Desde modo, cumpre não esquecer as ponderações de Lígia Chiappini Leite em Inovação da Catedral:- literatura e Ensino me debate (1983). Para ela o professor de literatura não pode subscrever o preconceito do texto literário como monumento, posto na sala de aula apenas para relevância e admiração do gênio humano. Bem diferente disso, é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. Ao professor cabe criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos (LEITE apud COSSON, 2007, p. 29).

A virtude maior da literatura é nos fazer mergulhar no seu mar de letras e palavras desvendando seus segredos em entender o que há nas entrelinhas e no seu mundo mágico. Os conhecimentos inerentes a esse mundo e sua articulação, quanto a ação sobre nós, sem eliminar seu poder, ao contrário fortalecerá pelo fato de estar enraizado nas bases literárias e esse conhecimento nos ilumina, irradia feito estrela cadente nos livrando das trevas da ignorância como libertação. É missão de o professor explorar o texto literário ao máximo extraindo dos alunos suas potencialidades, suas capacidades e habilidades possíveis rumo a formação competente frente as potencialidades desse gênero textual na construção do saber.

Cabe ao professor criar condições que garanta ao discente encontrar-se com a literatura viver uma busca de sentidos plenos na literatura, a leitura do texto literário, faça sentido para o educando, seu mundo e a sociedade a qual todos os membros participantes, dessa coletividade sócio-cultural-educativa.

Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experimentar toda força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira

como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser o objeto de leitura e assim por diante. A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas, sobretudo, nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2007 p. 29 e 30)

O pensamento do autor contribui em compreendermos que se quiséssemos construir leitores competentes, capazes de testar toda a veracidade humanizadora, da literatura, isso não se faz só lendo, por mais que os defensores da leitura básica, simples a defendam, não o ato de ler simples, a leitura sempre terá seu grau de intelectualidade complexo.

Geralmente lemos como nos foi instruindo no período de escolaridade, e nossa condição intelectual de leitura muitas vezes depende, na sua maioria, da maneira do ensino lhe oferecido, do que nossa sociedade subjuga ser o objeto de leitura e aquilo que se acredita ser pertinente ao seu meio social.

Acredita-se que a leitura simples é a forma mais determinada desse processo de leitura, por esconder na face da simplicidade suas implicações implícitas no ato de ler e, de fazer parte do mundo letrado. Por isso se justifica a importância do letramento literário por submeter o discente numa profundidade além da leitura simples, estimulando a compreensão, o hipotetizar, o imaginar, aguçando as vias psicológicas, intelectuais dos seres imbuídos nessa dialética do processo educativo, apoiando-se nas vertentes do mundo ao seu redor, observando toda a literatura que existe no nosso entorno, afinal a terra é um livro aberto com múltiplas formas de interpretá-la e ler numa ótica letrada de enxergá-lo criticamente.

Na instituição escolar fazemos a leitura literária com o intuito de melhorarmos a capacidade de ler cada vez melhor, não simplesmente por possibilitar a fluidez no hábito de ler ou pelo viés de nos favorecer o prazer pela leitura, mas principalmente por fornecer, de forma única, como nenhum outro tipo de leitura, jamais realiza mecanismos suficientes para conhecer fazendo articulação com sapiência o mundo construído por palavras materializadas em linguagens distintas, as quais convergem para um único objetivo a transposição da ficção, da fantasia em nosso mundo real, transferindo nossa cultura, nossa realidade em um mundo meu de minhas linguagens em forma de palavras escritas e narrativas fictícias transcritas em palavras.

Reforçando essa afirmação do carácter humanizador da literatura e pensar a literatura por uma ótica do letramento vem às colaborações de Candido elencando ao menos três faces inerentes aos ganhos com o trabalho literário.

(1) Ela é uma construção de objetos autônomos como estruturas e significado (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (REIS, 2015 apud CANDIDO, 2009, p. 176).

1.2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A Leitura literária na escola embasados nas concepções de Teresa Colomer (2002) pode compreender a real importância deste tipo de leitura no cotidiano escolar. Diversos autores afirmam que não há um único método capaz de garantir sucesso, aprendizado certo e garantido, mas sim a leitura da realidade, a leitura vivencial, a leitura de mundo, a leitura que precede à palavra e a escrita. Partindo do prévio, da cultura, da vida real, social que o insere, sendo fundamental utilizar esses saberes naturais para servir como base primordial na construção dos conhecimentos subjacentes.

Como bem sugere os métodos ativos. Elementos importantes deixados como fundamentos supra significantes para o processo de formação do psicológico, do intelecto, das faculdades mentais dos discentes é a compreensão do texto e do contexto de maneira real, englobando toda sua conjuntura global cujo está intrinsecamente envolvido como sujeito da aprendizagem e construtor do seu fazer, atuando de forma participativa, crítica ao constituir suas habilidades de leitura múltiplas, pois ler não é simplesmente decodificar códigos, símbolos, números, sons, signos, mas sim, sobretudo ler com o tato, com os ouvidos, com os olhos, com o paladar, com o olfato. Entendendo sua realidade social. Contribuindo com a importância da leitura na escola vem às autoras como veremos a seguir.

Realmente, é difícil que um menino ou uma menina chegue à escola sem saber nada sobre as características essenciais do escrito. Um conceito básico refere-se, por exemplo, a que a língua escrita diz coisas, ideia que se completa com muitos outros conhecimentos sobre o escrito. Normalmente, sabem coisas sua função (sabem que podem se comunicar e transferir informações de vários tipos: sobre si mesmo, sobre a realidade, sobre mundo fictícios, etc.); também sabem que lê e escrever é algo possível, já que é uma prática habitual para os adultos; podem ter conhecimentos sobre múltiplos aspectos do mesmo código: desde a representação física e a relação com a língua oral (sua arbitrariedade, diferentemente do desenho que tem de guardar relação com a realidade representada, ideias mais ou menos aproximadas sobre distribuições habituais de vários tipos de textos, a forma de alguns signos gráficos, a quantidade de signos necessários para representar uma palavra, etc.), até procedimentos de leitura e diversas convenções (o sentido da passagem das páginas a diferença entre o tempo real e o tempo narrativo dos contos, a relação entre texto e ilustração, etc.) como

afirmam Ferreiro e Teberosky, 1979) (COLOMER, apud FERREIRO e TEBEROSKY, 2002, p. 62)

O contato dos alfabetizados com a escola e com as práticas que são inerentes a ela como é a leitura lhes proporcionam possibilidades de ampliação as vivências sobre o mundo que lhe representa e se comunica perante sua experiência de vida. É na escola que se faz a constituição dos elementos linguística, oral, escrita, literárias encarregando-se de oferecer as oportunidades de assimilação, mas abstrata de representação verbal, a língua de um modo geral. Essa aprendizagem, esses conhecimentos devem ser mediados a partir da reconstrução gradual dos conceitos.

Numa dinâmica progressiva, apoiando-se no prévio dos educandos, dos saberes que eles já possuem, sendo pra mais ou menos grau de conhecimento ao chegarem, no ciclo de escolarização pertencente ao educando inserindo em sala, os alunos ao entrarem na escola é preciso avaliar os conhecimentos prévios sobre o escrito que cujos indivíduos os trazem oriundos de suas experiências de mundo, assim, a estimulação para sua continuidade são atividades básicas, necessária a execução na escola, a qual deverá nortear suas ações de intervenções a partir dos dados obtidos de cada discente sobre aquilo que cada sujeito da aprendizagem possui acerca da forma e função do código escrito oferece como meio social na sua formação estudantil.

É basicamente, impossível um ser em formação chegar à escola sem ter quaisquer conhecimentos sobre o código escrito. Nesse período o alfabetizando traz seus saberes como, por exemplo: os sons da fala que representa os fonemas, os objetos, as formas, as coisas e tudo que engloba seu universo físico, cultural, social, familiar, geográfico, natural e intelectual. A junção de muitos outros conhecimentos sobre a escrita torna mais interessante se apoiar no seu saber letrado para depois prover outros saberes pertinentes a sistematização.

Normalmente, sabem coisas acerca da função do código escrito, sabe que podem utilizar a comunicação transmitindo várias informações de diversos assuntos numa interpelação social de troca de ideias e conhecimentos fecundos do seu meio, seu viver, sua cultura, seu mundo e si mesmo, sobre a sua realidade e sobre os mundos fictícios que envolvem a mente infantil dos pequenos.

Sabem também que ler e escrever são algo comum sendo possível praticar, se é uma tarefa cotidiana usual na vida dos adultos em diversas situações de nossas vidas, tem a possibilidades de saber sobre o mesmo código de leitura distinto e conhecimentos variados, desde a forma física das letras e sua representação relacionando com a língua, falada oral, sua maneira arbitral, diferenciando-se da imagem do desenho que revela sua feição, relacionando-

se com a realidade mostrada, visões mais ou menos próximas, aproximadas sobre distribuições corriqueiras de diversos tipos de textos, as formas únicas de alguns símbolos gráficos cada qual com sua característica e sons peculiar, o número de signos existentes na formação representativa de uma palavra escrita, até mesmo os processos de leitura e diversas convenções, o senso de passar e contar as páginas de um livro, folheando a distinção do tempo real atual e o tempo implícito nas narrativas dos contos, fábula, poesias, gibi, há interação entre as figuras ilustrativas e o escrito no texto mostrando interatividade ao ler com compreensão, etc.

A exploração continua do prévio dos conhecimentos da vida sociocultural dos educandos é essencial no trabalho literário e sua significância para a elaboração de uma aprendizagem literária significativa como preconiza Ausubel (1982), assim o professor necessita ter ideia do conhecimento específico do seu aluno para construir embasado nesta perspectiva de saberes advindo dos alfabetizandos.

Analisando sua realidade, seu conhecimento prévio e toda a cultura que o insere, sendo isto uma fonte rica, de conceitos e conteúdos eminentemente saudáveis a construção do epistemológico dos discentes lecionando sobre a ótica da “leitura da realidade” seu mundo, sua casa, sua rua, sua família, sua cidade, seu estado, seu país, sua cultura, sua política, seu econômico, sua vida, sua religião, suas ideias, suas paisagens, todos os elementos que compõem seu viver, seu mundo da fantasia e seu mundo no geral enquanto ser político-social-histórico que somos nesta globalidade que nos constitui enquanto sociedade.

A familiarização deve englobar tantos objetos de leitura (livros, anúncios, letreiros, etc.) como as situações da vida cotidiana em que se recorre à leitura (para lembrar, para explicar um conto, etc.) ou os lugares no quais se produz (na biblioteca, na secretaria, etc.) o contato com o escrito tende implicar o tomada de consciência de seu uso funcional, do saber para que as pessoas leem de maneira que a ideia de sua aquisição se distancie da concepção eminentemente escolar, sobretudo por parte dos meninos e das meninas que unicamente associam a língua escrita com as exigências de seu ingresso no mundo escolar (COLOMER, 2002, p. 65).

Um dos fatores preponderante da leitura na escola e a familiarização dos discentes com os recursos literários são de fundamental valia aos envolvidos nesse processo evolutivo de familiarizar, habituar os discentes com a diversidade textual (livros, revistas, gibis, poesias, lendas, adivinhas, cartazes, anúncios, letreiros, placas, faixas, símbolos, emojis⁵, imagens, pinturas, panfletos, rótulos, propagandas, etc.). Assim, como todas as situações da vida cotidiana as quais se reportam as práticas de leitura, na biblioteca, na área adjacente da escola,

⁵ É de origem japonesa, composta pela junção dos elementos imagem e letra considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa.

na secretaria, onde se produz escrita e leitura etc. Manter o alfabetizando em contato com os escritos literários implicam essencialmente na tomada de consciência de seu uso funcional em nossas vidas contemporâneas, da importância ao objeto de estudo sabendo porque as pessoas leem, de forma que seu pensamento se distancie ao adquirir a concepção de leitura que é uma atividade eminentemente extra escolar, pois se estuda e se lê muito além da esfera escolar, ao compreender sua realidade de maneira crítica, sobretudo no tocante aos meninos e as meninas que unicamente associam a língua escrita com as normas de usar entrada no mundo escolar.

A leitura é muito mais do que simplesmente entender um texto, a leitura é uma condição social, livre, democrática a qual permite compreensões distintas de uma realidade, ela permite ler, compreender situações e contextos diferentes em condições diversas, assim, ler não é uma prerrogativa única da escola, pois lê o letrado, o alfabetizado de acordo com sua realidade e seu mundo, cada qual ao seu modo. Para isso, é primordial na escola permitir essas múltiplas leituras e reflexões a cada nível existentes em sala de aula, possibilitando liberdade e direito ao aprendizado a todos.

As duas formas de proceder, de baixo para cima e de cima para baixo, são englobadas na ideia básica de que, quando uma pessoa lê, parte da hipótese de que o texto possui um significado e busca-o tanto através da descoberta de indícios visuais como da ativação de uma série de mecanismos mentais que permitem atribuir-lhe um sentido, isto é, entendê-lo. O que o leitor vê no texto e o que ele mesmo traz são dois subprocessos simultâneos e em estreita interdependência. Essa visão do processo constitui o que se chama de modelos interativos de leitura. Com afirmam Adam e Starr (1982): “o texto proporciona apenas uma das fontes críticas de informação. É preciso que o resto provenha dos conhecimentos prévios do leitor”. (...) nos modelos interativos o leitor é considerado como um sujeito ativo que utiliza conhecimentos de tipo muito variado para obter informação do escrito que reconstrói o significado do texto ao interpretá-lo de acordo com seus próprios esquemas conceituais e a partir de seu conhecimento do mundo. A relação entre o texto e o leitor durante a leitura pode ser qualificada como dialética: o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais (COLOMER, 2002, p. 31).

Com base no que versa a citação das autoras nos chama a atenção o fato de a escola submeter o discente a esse novo paradigma de leitura interativa que se traduz propriamente em interagir com o seu mundo o material lido seu contexto, não se tem nesse tipo de leitura uma passividade, mas sim um ato meramente ativo, esse abstrair as informações necessárias ao seu entendimento ao ler um texto, reconstruindo o significado do texto ao interpretá-lo ao seu modo de acordo com seus esquemas e mecanismos conceituais e baseados no seu conhecimento real de mundo.

Nessa relação que acontece entre o leitor e o texto há uma sinergia a qual podemos definir como transformação ou dialética: o leitor parte do seu prévio, do seu conhecimento para

compreender o texto fazendo suas aferições e aquisições com base na sua realidade numa relação de mudança, metamorfose do saber somando ao seu saber mais saberes constituído numa relação interacionista, acerca das concepções existentes, extraindo assim um significado do que foi lido, esse novo significado, permite condições de criar, produzir, modificar, construir, elaborar e incorporar novos saberes em suas vias psicológicas e mentais ampliando seus horizontes intelectuais agregando mais saberes ao seu campo intelecto numa socialização do prévio como o novo ou texto, interagindo ativamente leitor e autor.

Dessa forma podemos definir que ler é muito mais do que simplesmente decifrar códigos gráficos ou decodificar, é, sobretudo um ato genuinamente racional de quem tem a capacidade de raciocínio, por se fazer preciso uma série de raciocínios na compreensão de uma mensagem ou na acepção de aprendizagem se fundamentar na função racional dos mecanismos cerebrais do homem, quanto ao entendimento dos escritos e sua interpretação por mais simples que seja se exige o pensar, as informações proporcionadas pelo texto e pelo leitor na dialética de interação entre eles sua tabulação interpretativa são essenciais no ato de ler e raciocinar e ao mesmo tempo, começar outra série de raciocínios capaz de controlar dessa compreensão de tal maneira que se possam perceber incompreensões construídas no decorrer da realização da leitura.

A condição básica e fundamental para um bom ensino de leitura na escola é a de restitui-lhe seu sentido de prática social e cultural, de tal maneira que os alunos entendam sua aprendizagem como um meio para ampliar suas possibilidades de comunicação, de prazer e de aprendizagem e se envolvam no interesse por compreender a mensagem escrita. Dar razões para ler, multiplicar e variar as situações de autentica leitura é o principal desafio par uma renovação educativa que deva superar o engessamento generalizado nos hábitos rotineiros de leitura assinalados anteriormente. O papel central da leitura não ler para aprender a ler, mas ler por um claro interesse em saber o que diz o texto para algum proposito bem-definido. E é dessa ótica que os professores devem focar o acesso à língua escrita a partir das múltiplas situações que a vida da escola lhes oferece. Tanto espaço ambiental (as paredes da escola, as marcas publicitarias das roupas, os livros de contos e o material escolar, os papeis das secretarias, etc.) como os eventos da vida cotidiana e os contatos da escola com o exterior (um aviso, um convite, uma excursão, os acordos de uma reunião, as correspondência, etc.) e, sobretudo, as diversas, tarefas que a escola se propõe a levar a cabo estão cheios de incitações à leitura e oferecem seu contexto natural sem qualquer problema além da necessidade de organizar adequadamente sua utilização (COLOMER, 2002, p. 90).

A significação para os educandos quanto aos fundamentos essenciais do ensino da leitura na escola e restitui-lhe seu sentido de prática cultural e social, de tal forma que os discentes compreendam tal aprendizagem como veículo de ampliação a suas possibilidades de comunicação, de aprendizagens múltiplas. De prazer além de favorecer o envolvimento com interesse por entender a mensagem escrita implícita no enunciado escrito no texto interpretado.

É preciso dar aos educandos uma razão motivacional para ler, multiplicar e variando as oportunidades de situações autênticas reais de leituras, esse é um caminho o qual nos aponta como luz, na direção de uma renovação educativa mostrando um novo paradigma educacional. Como sendo um desafio a enfrentar sabendo seu valor e ganhos para o campo intelectual e educacional, vindo como iluminismo superando o engessamento generalizado dos hábitos de leitura frisados outrora nas biografias sobre o tema que são basicamente hábitos passivos, onde se lê numa visão fragmentada, isolada sem haver interação e sem a análise do contexto e da realidade esse modelo de leitura foi superado após pesquisas e estudos sobre sua nova utilização e os benefícios para o ser humano e suas bases psicológicas, intelectuais, social, comunicativa e real. O papel ou objetivo central da leitura não o de aprender a ler para simplesmente ler.

Faz-se necessário ler por um propósito bem definido do que estar ali posto. Os professores por sua vez devem pautar suas metodologias de ensino enfocando o acesso a língua escrita a partir das variadas situações que a vida cotidiana da escola lhes oferece, fazendo do ambiente um mundo letrado.

O espaço físico, um ambiente (as cadeiras, as mesas, as paredes, ventiladores, portas, as marcas publicitárias das roupas, as etiquetas, os armários, o quadro, as janelas, o teto, as lâmpadas, o balde do lixo, os livros didáticos e paradidáticos, contos, fábulas, o material escolar, os papéis da secretaria, aviso, cartazes, mapas, objetos, figuras, formas, móveis do ambiente escolar, nosso corpo e, etc.) Assim como os eventos, as festas da vida cotidiana, os contatos da escola, com o mundo exterior (um convite para um aniversário, por exemplo: um aviso, os combinados, uma excursão da escola, aula passeio, um bilhete, uma brincadeira, etc.).

E, acima de tudo, as distintas atividades de aprendizagem as quais são oportunizadas pela escola e são tarefas que se propõe a incitar à leitura, oferece seu contexto, seu meio natural sem que haja qualquer dificuldade além da necessidade de organização adequada a sua utilização, visando um bom aprendizado no uso da leitura do real de forma ativa integrando conhecimentos.

Complementando as discursões vem Colomer e Camps (2002), colaboram com suas concepções sobre a leitura real e o ato de leitura ativa integrando todos os processos de conhecimentos os quais são fundamentais para o funcionamento, é por meio dessa atividade meramente dialética, ativa, interacionista que o aluno dota de significados um texto e se sente incitado a entender as informações que contém no referencial literário.

Desta forma ele destaca sua visão, sua atenção para muito além da leitura, mas sem menosprezar a leitura basicamente por ler e assim, tendo a condição de cada aprendiz fazer inferências à leitura e sua interação a seu modo gerando e produzindo hipóteses em cima do seu

grau de interpretação distinto na construção do saber ler sem ter medo do erro, do equívoco e sem a necessidade de esperar sempre um resultado apreciador de uma longa e árdua aprendizagem para degustar do saber em experimentar o sentido do instrumento manipulando e conquistados, esse caráter avaliador e sancionador que durante muito tempo se fez no ensino escolar perde seu lugar dando interatividade entre texto leitor, numa corrente ativa, viva dialetizando⁶ a leitura e suas potencialidades para a formação das capacidades metalinguísticas do ser humano em formação constante na vida e no mundo que o insere.

Inter-relacionar a aprendizagem da leitura com as atividades habituais de relação e aprendizagem na escola supõe uma mudança na organização das tarefas educativas. Em primeiro lugar as aprendizagens linguísticas, e entre elas a leitura relacionam-se decisivamente com as demais áreas de aprendizagem, o que contribui para dissipar a artificialidade de muitas fronteiras disciplinares, já que ler, escrever, ouvir e falar são meios essenciais para a aquisição e a comunicação do conhecimento, e é no momento de ler um livro-texto ou de redigir um regulamento que se revela, por exemplo, a necessidade de dominar as estruturas expositivas ou o valor dos conectivos. Em segundo lugar, falar de situações reais de leitura na escola significa que os alunos têm objetivos de trabalho com um sentido e uma finalidade explícita que é o que deve orientar sua intenção de leitura. Essa condição, imprescindível para o envolvimento dos estudantes em qualquer processo educativo, requer uma organização do trabalho escolar na qual se fomente a capacidade e a responsabilidade dos alunos para decidir o que querem saber e como podem saber, e na qual coexistam as situações de trabalho individual, de pequenos grupos e do todo o coletivo (COLOMER E CAMPS, 2002, p. 92).

Agrupar aprendizagem da leitura com as tarefas habituais de relação interdisciplinar e a aprendizagem no âmbito escolar pressupõe uma transformação no quadro organizacional das atividades educacionais com métodos que fomentam protagonismo dos educandos, sua independência, sua participação ativa, cidadã, competente ao seu nível intelectual em interagir com o texto. Para isso, às aprendizagens linguísticas, em destaque a leitura, permeia entre as diversas áreas do conhecimento e as disciplinas, isso contribui para dissipar uma artificialidade de muitas barreiras, limites, entre as áreas de aprendizagem disciplinares, pois ler, produzir textos, ouvir e falar “método fônico⁷” é pressupostos primordiais para obtenção e a comunicação do saber. Outro aspecto importante é que ensinar com situações reais de leitura na escola requer um objetivo claro de trabalho com sentido e com finalidade bem definida explícita é isso que deve orientar nortear sua intenção de leitura em sala de aula e por que não dizer na escola.

⁶ Tornando a leitura uma constante na sala de aula como forma de transformar, fazendo os envolvidos leitores de sua realidade.

⁷ É um método de alfabetização que primeiro ensina os sons de cada letra e então constrói a mistura destes sons em conjunto para alcançar a pronúncia completa da palavra. Permitindo dessa forma que se consiga ler toda e qualquer palavra.

Por ser de suma importância, essa condição, se torna vital para o engajamento dos alfabetizando seja qual for o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido, necessita de uma estrutura organizacional do trabalho pedagógico no sentido de fomentar o potencial dos educandos, saber o que querem saber e, quais os caminhos o levarão ao saber, e nessa dialética coexistam circunstâncias reais de trabalho individual, dando atendimento aos grupos menores, assim como também democraticamente se estenda ao coletivo garantindo o direito ao aprender de acordo com suas condições mentais de forma igualitária.

Um fator preponderante, no tocante à importância da leitura literária na escola deve receber um cuidado específico no campo escolar, pelo fato de ser diferente das demais leituras, se destina avaliar o ato de pensar ao exprimir suas ideias, o autor a favorecer, o fictício, o imaginário individual, sobre tudo a partir dessa avaliação e a deixar o reencontro do sujeito consigo mesmo, na sua subjetividade interpretativa individual em fazer suas análises e interações com o meio ao seu modo de compreensão.

A leitura individual, independente de qualquer trabalho escolar as atividades de apresentação e difusão dos livros que se pode ler as formas de iniciar a sua leitura, a criação de um clima propício ao comentário, o debate a recomendação e o intercambio constituem um tipo de atividades que podem fazer parte, com naturalidade, desse contexto de leitura. Ao contrário, o estudo dos conteúdos literários programados, os trabalhos de observação e análises das obras, o comentário detalhado de uma obra lida de forma coletiva, a relação da leitura com o projeto de escrita criativa, etc., devem ser atividades diferenciadas da situação real de leitura e integradas nas linhas de programação de auxílio escolar que se propõe a aumentar a capacidade de compreensão dos alunos com intenção de que possam transferir os conhecimentos adquiridos a todas as obras que venham a ler automaticamente (COLOMER E CAMPS, 2002, p. 94).

A atividade de leitura literária deve ocorrer de maneira natural, individual e independente de qualquer trabalho pedagógico escolar, as divulgações, apresentações de livros e difusão dos materiais de incentivar a leitura, a criação de um ambiente acolhedor propício ao comentário, ao argumento, do debate, a discussão, a recomendação e o intercambio formam o tipo de tarefas as quais sem dúvidas podem fazer parte, espontaneamente desse contexto literário a leitura tem seu lugar garantido nesse processo educativo contemporâneo, que ler é muito mais do que desenvolver o simples prazer, mas sim possibilitar a fruição do ler não só no espaço escolar, mas como também em qualquer situação que se exija tal atividade inerente ao ser humano, desde o momento que o indivíduo se faz gente estar lendo sua volta, percebendo o mundo e adaptando-se ao mesmo, num fenômeno evolutivo dia após dia na escola da vida e sua sobrevivência no mundo letrado que o engloba enquanto parte de um todo num ritmo de acomodação.

Submeter a leitura ao estudo dos conteúdos selecionados, os trabalhos de observação de certa obra literária e sua análise, o detalhamento oral de uma obra abordada em sala lida de maneira colegiada, a relação que inclui projetos de escrita criativa, análise de textos fragmentados, etc. necessitam ser conceituados como tarefas diferenciadas, de uma situação real de leitura para assim não ser algo ambíguo, paradoxo é essencial separar as atividades reais de leitura literária e as atividades que estudam os conteúdos programados, fazendo parte das linhas de programação e auxílio escolar com o objetivo de garantir aos educandos o aumento de sua capacidade a compreender os conhecimentos lhe oferecidos a todos as obras que porventura durante sua escolarização melhorando sua formação, sua condição de ler de maneira automática, entendendo o que estar exposto na obra ou atividade sugerida.

Pois, como bem aponta Ferreiro (1985) “nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas num certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”.

Um elemento que cabe ser ressaltado no que tange a leitura literária e sua importância como ferramenta de inclusão social, democrática acessível, palpável, com níveis adequados de exemplares a todos os níveis e anos de ensino, atraentes, instigantes, ambiente acolhedor, múltiplo que favoreça oportunidades reais, ativa de leitura e aprendizagens. Dos espaços da escola a biblioteca é o lugar com sua grande contribuição e significância na formação de um leitor capaz de ler com compreensão fazendo interação entre o que ler e sua realidade.

Sem dúvida, a biblioteca escolar, hoje convertida, de fato, em uma midiateca, pode chegar a ser um núcleo educativo central se ocorrerem mudanças pedagógicas na organização do trabalho na escola, na linha indicada anteriormente como condição necessária para a criação de situações reais de leitura. A leitura, em qualquer de suas funções, tem na biblioteca um de seus espaços mais naturais para educar na leitura e no domínio autônomo dos caminhos de acesso à informação e à sua seleção, desafio educativo absolutamente imprescindível em uma sociedade como a atual, na qual o crescimento da informação disponível não deixa de aumentar de forma espetacular, ao mesmo tempo que multiplicam as formas de acesso a ela (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 95).

A biblioteca escolar hoje com todas as multimídias disponíveis no mundo tecnológico contemporâneo atual, pode ser um lugar muito produtivo se organizada pedagogicamente correto na geração de um componente pró-ativo no que toca a leitura e usa situações reais de leitura. A leitura tem raízes fincadas na biblioteca, é lá o lugar mais apropriado e natural no processo educativo, no ganho as informações e na autonomia de conduzir os educando-os absolutamente imprescindível em uma sociedade como a dos tempos modernos contemporâneos, ora a biblioteca se constitui em sua natureza oferecer oportunidades de

crescimento quando se oportuniza seu uso e acesso a todos, pois todos tem o direito ao acesso livre e pode ler a seu modo, a seu nível utilizando os diversos tipos de leituras existentes.

Para garantir bom aprendizado e sucesso no uso e acessibilidade ao espaço físico da biblioteca é preciso prioritariamente.

As crianças devem apropriar-se do espaço e dos livros através de ações como olhar, folhear, comentar e ler livre e comodamente, ou mediante atividades mais dirigidas, como buscar com enunciados concretos, amontoar livros que tratam de um tema, explicitar suas observações e avaliações obre a organização, etc., a fim de poder saber que livros têm a seu alcance para entreter-se, para brincar, para ler inteiros, para olhar as ilustrações, para consultar palavras, para encontrar informações pontuais, para fazer um trabalho, etc. (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 96).

Com base nas concepções das autoras pode-se afirmar que ações com dar acesso espontâneo as crianças ao entrar, folhear, pegar os livros, ver, ler as imagens, comentar, lendo livremente ou mediante tarefas direcionadas, que aponte um caminho, um estudo, uma pesquisa sobre certo assunto, mas prioritariamente mostrar o fim básico dos livros ao seu alcance uma fonte de entretenimento, para brincar para ler por completo, para olhar as leituras ilustrativas, paisagens, figuras e poder pesquisar, para consultar palavras, buscar e encontrar informações certas, com o intuito de fazer um trabalho escolar.

Sobretudo, falar de leitura e sua relevância são falar de biblioteca, de acervo disponível e multivariado para poder atender ao público escolar. As atividades na biblioteca devem potencializar e dar condições de favorecer a leitura literária em seu estado real e interativa na busca de construir aprendizagens significativas utilizando de metodologias ativas de produção de conhecimentos. A partir da interação texto e leitor, fazendo uma transição entre o prévio e as informações do texto, seja uma poesia, um conto, uma fábula, uma receita ou um gibi e, etc.

Embasado nas referências e visões Freirianas, mas, precisamente na obra a Importância do Ato Ler, vem o quão é salutar partimos das vivências, do real, da cultura, da infância, do meio, do prévio de uma realidade a qual insere qualquer tipo de prática educativa, que envolva a área política, histórica, humana, social e o processo de educação. Seja de adultos ou crianças. Norteia-se substancialmente em suas vivências de mundo, está porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo.

E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada. Aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais a aprendizagem da leitura e alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 1992, p. 8).

Partindo do pressuposto da leitura como prática de letramento e alfabetização dos seres envolvidos nesse processo que se fundamentam principalmente nas concepções Freirianas de pensar à educação problematizadora, humana, democrática, pluralística, dialógica, significativa, geradora, libertadora. Partindo da realidade, do conhecimento prévio dos estudantes. Por meio deste exercício dialético de uma prática transformadora e emancipadora é possível estimular o uso da cultura-histórica e cidadã para ensinar e aprender.

Baseando-se necessariamente naquilo que há de mais fértil do ser humano que é seu mundo, seu viver, lugar, sua realidade e meio de convivência permite que o seu conhecimento se desenvolva a partir de suas vivências, das relações sociais as quais este sujeito encontra-se inserido desde a família e as instituições que ele frequenta.

(...) tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Só “textos”, as “palavras”, as “letras” aquele contexto_ em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber (FREIRE, 1992, p. 13).

Essa condição literária do mundo, o saber empírico no subjetivo de cada indivíduo lhe gabarita a uma capacidade de produção do saber único, basta ser explorado, mediado em uma concepção dialógica e dialética de mundo. Possibilita contribuições para a alfabetização propícias devido utilizarmos elementos prévios, reais intrínsecos do seu meio social. Por meio de esses conteúdos incrementarem, aumentar agregando cada vez mais conhecimentos, adquiridos na vida cotidiana em ambos os aspectos.

As teorias construtivistas apontam para uma direção a qual nos guia nesse rumo de uma educação que busque prioritariamente, a possibilidade de ofertar múltiplas leituras e diversidade de entender o mundo ou a palavra mundo, almejando com o letramento tornar estes cidadãos aprendizes alfabetizados capazes de ler o mundo que o cerca. Não só decodificar e codificar, mas compreender aquilo que lê com discernimento e compreensão da palavra e seu significado entenderem o que estar implícito nas entre linhas, dar opinião, criticar, transformando sua realidade enxergando o mundo por outro ângulo.

Utilizar no cotidiano escolar a leitura de mundo, como prática literária para problematização de temas oriundos da comunidade escolar, objetivando de modo claro e prioritário o aprender. Intensificando diálogos usando metodologias capazes de contribuir com o processo de ensino aprendizagem. Sendo o mundo uma fonte rica de elementos que compartilham de maneira direta com a produção de diversas formas de leituras e compreensões para os educandos.

Nesse contexto, podemos elencar toda a grandeza “literária” que há dentro de cada ser observando sua cultura, sua vida, família, animais de estimação, espécies na fauna e flora, o meio geográfico, como clima, o trânsito, laços sociais da vida, na escola, na igreja, o lazer, as formas de brincar, de compreender o seu mundo com seus heróis, princesas, jogos hoje tão presentes na sua existência, seus medos, seus sonhos, desejos, lembranças, fantasias e sua realidade humanamente política e social de ser um leitor nato. Pois se faz necessário ler desde os seus primeiros instantes de existência no mundo o qual o rodeia.

Desse modo, se consolida os pensamentos significativos de apontar os distintos tipos de leituras a qual o homem está submetido ao olhar o mundo e toda sua engrenagem constituída como materialização para atender as nossas demandas. Atualmente, os tempos modernos, no qual a tecnologia, o sistema capitalista alimentando o consumismo contribuindo para uma sociedade opressora de dominantes massificando os dominados de forma necrófila⁸, arbitrária, desumana e exploradora.

Assim sendo, obter a leitura como prática libertadora nos quais todos devemos ser sujeitos educandos e educadores, a educação deve ser vivenciada a promover concretamente a liberdade numa ideologia solidária que se fundamenta a um único caminho para a construção de uma sociedade na qual não existirá a dominação do explorador ao explorado pelo simples fato do poder opressor sobre a ignorância. Por que esse homem pode ler com os olhos, ouvidos, tato, usando todos os sentidos e atuar transformando sua realidade fazendo suas inferências no mundo que o cerca, primando para uma vida mais digna vendo o seu redor através da “leitura” da realidade de uma maneira política, crítica e social. Desta forma, segundo Freire.

(...) A leitura do mundo precede a leitura da palavra daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1992, p. 11 e 12).

Cabe, pois, sobre a ótica do teórico que o mundo é um livro a céu aberto com suas “letras, suas palavras, sons”, formas geométricas, nos permitindo leituras diversas inimagináveis, um universo de oportunidades fecundas ao processo de leitura, ao desenvolvimento de aprendizagem baseadas, sobretudo na leitura daquilo que o cerca, a universalidade, a globalização do mundo de cada ser e suas possíveis leituras daquilo que ele enxerga nos seu íntimo e transforma essas leituras em habilidades de adaptação, assimilação

⁸ É uma psicopatologia, no texto se refere a algo morto, sem vida.

numa perspectiva de percepção de leitura crítica incidindo nas relações do texto e o contexto da sua conjuntura social.

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de usa linguagem escrita e na leitura desta linguagem” (FREIRE, 1992, p. 21).

Partindo desta linha de pensamento percebemos as maravilhas do ato de ler e a leitura como ferramenta de construção crítica, criativa, real. Sem análise por análise mais numa esfera mais elevada de grau escolar. Possibilitando ao educando o pensar, hipotetizar, filosofar, fazendo entender para que sirva a leitura e suas funções sociais, ler antes de tudo é compreender, assim, deixar de lado a memorização, a mecanização. A “decoreba”.

A educação bancária e dar lugar a um método vivo, dialético embasado no cerne das vivências dos seres envolvidos nessa dialetização⁹ que se fundamenta na ação de mundo de cada um e seu construir significativo, perceptivo daquilo que faz sentido no universo pessoal de cada indivíduo, sujeito dessa ação eminentemente pedagógica, mediadora em que baseia no que há de mais singelo, para a construção das bases do saber tendo em vista toda base empírica na leitura do mundo, nos valores sociais, históricos, culturais da humanidade. O educador fará o papel não de inibir a criatividade do educando mais sim o papel de facilitador conjunto de suporte quanto à formação do epistemológico do discente. Numa perspectiva dialógica, pensante sem a mera decodificação ou codificação mecanicista das letras, sílabas, palavras, textos, sintaxe, gramática ou qualquer assunto sem sentido com sua origem, sua realidade de linguagem.

Ressaltando a importância da leitura segundos relatos Freirianos e assim sendo colocada como um problema por sua precariedade quanto aos recursos literários no campo educacional como é o caso das bibliotecas.

Não da leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escrevê-las e concomitante àquela, a leitura da realidade mesma. A compressão crítica da

⁹ Ato ou efeito de torna (-se) dialético. No contexto citada, a palavra aparece como movimento social que trabalha de forma ativa, embasado nas vertentes culturais do discente, sobre seu meio, seu mundo, seu prévio, e, sobretudo aquilo que faz sentido para ele.

alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca (FREIRE, 1992, p. 25).

Isso significa que refletir sobre leitura, tem uma simbologia majoritária essencial por ser de suma grandeza a compreensão do tripé crítico entre alfabetização-leitura-biblioteca, dessa forma mais uma vez a leitura tem seu papel notável ao processo de aprendizagem, merecendo olhar sempre esse tripé com criatividade.

Outra observação que merece ser destacada do autor é o fato de sempre a educação está atrelada ao poder, pensar a educação como prática neutra não é possível, pois a educação é um fenômeno naturalmente político por atender os interesses dos grupos dominantes e as classes elitistas dos sistemas políticos em hegemonia.

Em contrapartida a essa dominação autoritária, nos vem como fonte iluminista do ponto de vista crítico e democrático que a leitura exerce como prática democrática e crítica, na inserção do processo criador do alfabetizando e não simplesmente ser o sujeito dessa ação.

Desde o começo na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos á experiência comum dos alfabetizando e não de palavras e de temas apenas ligados a experiência do educador (FREIRE, 1992, p. 34).

Partindo da ideia do pensador convenhamos que a democracia e a criatividade juntamente com a leitura de mundo e a leitura da palavra se complementam de maneira enérgica, respeitando sempre o saber prévio e significativo do cotidiano do educando e não do educador. É essencial lançar reflexões ao se trabalhar leitura questionando para quem vou lecionar? Não esquecer que o sujeito da aprendizagem é o alfabetizando, para tanto se faz fundamental usar uma metodologia pró-ativa, competente, criativa baseado no seu conhecimento nato, primitivo, empírico para a partir dessa tomada de decisão construir o saber de forma contínua, gradual, participativa sem jamais fazer atividades de repetição mecânica as quais estimula a memorização como aponta a seguir.

Freire (1983), “a sua leitura do real, contudo, não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira do ler o real. Se assim fosse, estávamos caindo no mesmo autoritarismo tão constantemente criticado neste texto”. É cada vez mais benéfico se debruçar sobre a leitura de mundo e a leitura da palavra escrita surgindo do colo, do berço fecundo das raízes dos alfabetizando, afinal se ensina para eles com o objetivo de torná-los alfabetizado, compreendendo o código linguístico em consonância direta com seu mundo, seu real, sua história, sua comunidade, seus saberes empíricos constituídos de geração em geração numa relação dialética do saber comum como berço primordial de toda grade científica, pois sabemos

que todo conhecimento da humanidade deriva do empírico e dele se nutre as aspirações simples do homem.

Como também a produção acadêmica científica, a prova disso como bem versa as teorias Freirianas que a “leitura de mundo precede a palavra” por mais simples que seja o homem, ele estar lendo com os olhos, com os ouvidos. Com o pegar ao conversar e exprimir suas opiniões, compreendendo tal situação real que o insere, enquanto ser político-social. Muitas vezes por falta de incentivo intelectual ou “ingenuidade” dos educadores atuam de maneira inadequada na utilização da leitura e sua produção, onde raramente os grupos populares são estimulados a escrever seus textos. Hoje fundamentalmente em construí-los com seu saber no seu fazer.

O problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é fundamental fazê-lo, desde o começo, mesmo da alfabetização para que, na pós-alfabetização, se vá tentando a formação do que poderá vir a ser uma pequena biblioteca popular, com a inclusão de páginas escritas pelos próprios educandos. (FREIRE, 1992, p. 36)

Cabe frisar o sentido único de sempre partimos do preceito leitura de mundo mais afincado que vem sem sombra de dúvidas antes da leitura da palavra e sua ampla colaboração para a alfabetização e pós-alfabetização, no que tange a produção textual, não mecânica, mas partindo da sua real situação de ser participe do seu fazer e seus escritos possam ser organizados numa espécie de biblioteca popular com a participação assídua dos alfabetizandos, sendo-os protagonistas ativos de sua alfabetização ao ser construtor do seu saber; numa espécie de fábrica ou pedagogia do trabalho discente.

(...) Compreensão, portanto da relação entre “leitura” do mundo e leitura da palavra, a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto (FREIRE, 1992, p. 38).

Toda produção cultural de um povo sendo registradas em diferentes recursos como: entrevistas, vídeos, documentários, pinturas, receitas, gravações, jornais, folhetos, paródias, poesia, cordel, contos, histórias, fotos, artesãos, curandeiros, toda gama de conhecimentos popular pode fazer parte de um acervo real daquela comunidade na elaboração de uma biblioteca viva com auxílio de todos os profissionais competentes das áreas específicas para orientar essa construção, feita do saber plural, popular, folclórico e literário de autores do seu meio e o próprio alfabetizando sendo parte dessa elaboração rica, histórica e cultural por surgir dos anseios de suas vidas.

Com o objeto de estudo sendo ali confeccionado, feito pelos sujeitos dessa aprendizagem significativa, por tentar resgatar, formatar conhecimentos a partir do saber comum chegando à produção artística, sistematizada através da comprovação da pesquisa de um povo e seus registros empíricos, vivos crítico-democrático numa participação direcionada, mas com função linear de buscar não a leitura a palavra do educador, mas sim de dar voz e vez ao educando de escrever, ler seu mundo de maneira crítica-democrática-cidadã participando diretamente do processo de educação político-social que envolve o homem e a educação como prática libertadora, formadora, problematizadora, construtora que é apoiado no que há de mais propício ao aprender a leitura do real.

Vale enfatizar mais uma vez a reafirmação, Freiriana de mesmo estando assessorando um governo e suas aspirações, enquanto poder puramente político não se pode negligenciar-se da missão pertinente da leitura não mecânica, a leitura da palavra escrita, o escrever vazio por “aquisição” de técnicas. Mas sim, fazer a associação entre a leitura do texto e a leitura do contexto do povo de São Tomé e Príncipe e respeitando, fundamentalmente os nacionais daquele país, assim ele versa:

É exatamente este espectro importante - o da relação dinâmica entre a leitura da palavra e a “leitura” da realidade-, em que nos encontramos coincidentes o governo de São Tomé e príncipe e nós, que eu gostaria de tomar como ponto central das minhas reflexões neste artigo (FREIRE, 1992, p. 44).

Diante desta afirmação significa, porém que não seja fácil viver, em termos críticos, tal realidade, numa análise entre a leitura da palavra e a “leitura” da realidade, numa sociedade que experimenta historicamente como São Tomé e Príncipe. A forte tradição colonial, que não poderia deixar de estar presente a sua prática social, bem viva ainda em muitos aspectos, é um obstáculo aquele tipo de “leitura”. Essa realidade vivida e citada a cima tem uma ligação muito pertinente com o povo brasileiro por termos tido o mesmo processo de colonização e suas heranças ainda sentimos até os dias atuais de exploração, dominação, violência, alienação e negação de direitos fundamentais como é educação.

Por ser a “leitura” da realidade uma forma de enxergar toda conjuntura histórica, política, econômica, educacional e social do povo com tantas demandas herdadas de um sistema colonial escravista e autoritário, seria a “leitura” da realidade uma luz aos olhos dos que não veem e a chance de ser autor principal, personagem protagonista da ação política-pedagógica do seu novo estado de transformação de liberdade de um povo por inserção no processo de transcrever um novo modelo a qual se é a parte principal o construtor e não um coautor, um passivo da ação dominante que os oprime lhe ceifando o direito de refletir, pensar, construir e

participar ativamente, desse modo vem a leitura como tendência emancipadora, geradora, dialógica, problematizadora e revolucionária.

Toda via se faz relevante debruçar-se sobre a cultura, o real, a “leitura” de mundo dos educandos como bem, aponta o pensador quanto ao aguçar a capacidade de ler, os textos e compreender a realidade, sua curiosidade, a comparação, o descobrir, o reconhecer-se imergindo no seu mundo a uma descoberta epistemológica quando os alfabetizandos – os veem seu mundo e reconstrói na concepção de exteriorização dos seus horizontes ao ler as gravuras e comparar o real com a imagem representativa numa nova forma de ler e compreender nem que seja em níveis simples aguçando a curiosidade como veremos na experiência relatada em Monte Mário,

Visitamos um Círculo numa pequena comunidade pesqueira chamada Monte Mário. Tinha-se como geradora a palavra *bonito*, nome de um peixe, e como codificação um desenho expressivo do povoado, com sua vegetação, as suas casas típicas, com barcos de pesca ao mar e um pescador com um bonito na mão. O grupo de alfabetizandos olhava em silêncio a codificação. Em certo momento, quatro entre eles se levantaram, como se tivessem combinado, e se dirigiram até a parede em que estava fixada a codificação (o desenho do povoado). Observaram a codificação de perto, atentamente. Depois dirigiram-se à janela da sala onde estávamos. Olharam o mundo lá fora. Entreolharam-se, olhos vivos, quase surpresos, e, olhando mais uma vez a codificação, disseram: “É Monte Mário. Monte Mário é assim e não sabíamos”. Através da codificação, aqueles quatro participantes do Círculo “tomavam distância” do seu mundo e o reconheciam. Em certo sentido, era como se estivessem “emergindo” do seu mundo, “saindo” dele, para melhor conhecê-lo. No Círculo de Cultura, naquela tarde, estavam tendo uma experiência diferente: “rompiam” a sua “intimidade” estreita com Monte Mário e punham-se diante do pequeno mundo da sua quotidianidade como sujeitos observadores (FREIRE, 1992, p. 51).

Com base na experiência citada, podemos dizer que a curiosidade, a coragem, o crítico, a observação, a leitura comparativa das paisagens desenhadas, o peixe simbólico real, a compreensão em reconhecer se identificar sua terra seu lugar, por outra vertente literária do representativo ao real. Mostra a importância do ato de ler e entender se reconhecendo como sujeito crítico e curioso na busca do saber que busca a partir da sua experiência a formulação de faculdades intelectuais antes nunca executadas em suas mentes. Toda via se reforça a importância da leitura, onde se intitula um exercício chamado de praticar para aprender, vem com codificações o ler e o escrever, a prática, o treino, o fazer, o construir pilares para uma prática de sucesso no processo de alfabetização, principalmente embasado no prévio dos seres envolvidos nessa ação política-pedagógica, praticando se faz melhor, é errando que se aprende o trato com a curiosidade a “leitura” de mundo favorece essa construção dialética como podemos ver a seguir.

Se praticando que se aprende a nadar,
Se é praticando que se aprende a trabalhar,
É praticando também que se aprende a ler e a escrever

Vamos praticar para a aprender
E aprender para praticar melhor.
Vamos ler
Povo
Saúde
Matabola*
Rádio
Vamos escrever
(FREIRE, 1992, p. 55).

Esse espaço é um ambiente desafiador de estímulo ao educando escrever aquilo que queira se arriscar a produzir, usando as palavras do seu meio sugerido à cima. Torna-se evidente que é praticando que se aprende, é treinando que fazendo, farei melhor em busca do aprender, “foi me fazendo que eu me fiz” todo processo de desenvolvimento requer uma prática, uma construção gradual e o erro é algo inerente ao aprender é como andar de bicicleta é preciso tentar, ser curioso, cair e levantar praticando melhor será até conseguir se equilibrar aprendendo por si só, similar ao exemplo, vem o treino literário e a escrita como elementos de aquisição e para tal se faz necessário praticar, sabendo que são pressupostos indissociáveis os quais convergem para o processo de desenvolvimento das faculdades psicológicas e intelectuais no que se refere a produção pedagógica do saber .

Portanto, é fundamental ter uma didática que estimule a produção, a problematização desafiadora. Onde se é núcleo na execução do conhecimento, sujeito da aprendizagem debruçado sobre o objeto manuseando, confeccionando. “ler e escrever como momentos inseparáveis de um mesmo processo o da compreensão e o do domínio da língua e da linguagem”. Ressaltar a metodologia de ler palavras pausadamente em voz alta, deixar os alfabetizados fazer suas leituras e permitir a discursão utilizando a oralidade num puro estímulo desafiador de ler criticamente e escrever. “escreva igual como fala. É praticando que se aprende”.

No entanto, vimos no ato de estudar a possibilidade de pensar, resolver problemas existentes em qualquer lugar que se precise fazer essa prática sem ser obrigatório. Fazê-lo na escola como foi dito e difundido como ideologia de domínio, posição ideológica centralizadora não-democrática o saber não é um monopólio da escola, mas sim fecundo do povo, da cultura oriundo das experiências, vivências e todo conhecimento parte do mundo, do seio da comunidade, daí a importância da “leitura” de mundo, a “leitura” da realidade e a postura crítica-democrática pensante em ler e refletir para resolver as situações problemas da nossa realidade presente onde quer que seja.

Estudar um ato curioso do sujeito em ler o mundo do seu jeito, de caráter social e não simplesmente individual de forma a permitir um paradigma novo de seres humanos construtivos de o seu fazer, transformadores, históricos, sociais, que não apenas sabem, mas sabem que

sabem, basta pensar, ler ser curioso questionar se inquietar, vendo e compreendendo os fatos com outros olhos, os olhos do rigor das situações parcialmente apreendida e explicadas e de conhecer aquilo que ainda não conhece, lendo antes numa leitura comum e lendo depois numa perspectiva de criticidade da realidade.

CAPÍTULO II

2. O GÊNERO POESIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA APRENDIZAGEM

Pensando numa metodologia ativa que possa trabalhar o ser humano na sua plenitude humana, integral, democrático inserido num estado de direitos e deveres vem à poesia como pressuposto social, pois estamos falando de pessoas, de indivíduos os quais têm direito a aprender, a se desenvolver como um cidadão crítico, capaz de transformar sua realidade a partir do momento que sua aprendizagem faça sentido e tenha significatividade para o educando aprendendo ludicamente na magia poética do seu mundo, nas cantigas de ninar, cantigas de rodas, brincadeiras cantadas, contos, líricas, músicas, ou qualquer outra obra poética.

Assim, se apresenta a poesia como ferramenta pedagógica, literária, cultural, lúdica, prévia, popular, folclórica, sinfônica ao brincar com as palavras, com os sons, as rimas, a assonância combinatória sem ser necessário decodificar códigos, mas sim se embasar nos seus saberes para daí construir outros conhecimentos salutareos a seu intelecto quando se pensar em versos, rimas, músicas, estrofes se fundamenta, principalmente num exercício de reflexão intelectual devido submeter o discente a uma atividade meramente dialética, ativa seguindo a tendência do self-government¹⁰ em aprender fazendo autonomamente, construindo baseado nas suas raízes, nos seus conhecimentos prévios os quais estão intrinsecamente arraigados as suas vivências de mundo; sua realidade, oportunizando a democracia do saber moldando seus conhecimentos no processo de viver com vistas a desenvolver-se para uma vida transformada por meio da educação.

Ser poeta é um dom que exige talento especial. “Brincar de poesia é uma possibilidade aberta a todos.”. Então, se todos podemos brincar de poesia, por que não trabalharmos a poesia de forma lúdica? Assim proponho atividades que oportunizem momentos lúdicos aos alunos, tendo em vista exercícios de imaginação, de fantasia e de criatividade e ao mesmo tempo mostrar a vida de uma forma mais poética, com maior liberdade para construir seu conhecimento (OLÍMPIO, 2008 apud ELIAS JOSÉ, 2003, p. 101).

Geralmente, o gênero poesia trata de assuntos diversos que são de interesse diversificado do público infantil com textos muitas vezes curtos, divertidos, gostosos, mágicos, lúdicos com ganhos distintos ao campo do saber em geral, a utilização do gênero poético tem inúmeras vantagens para o bom aprendizado dos alfabetizados por estimular áreas cerebrais de suma

¹⁰ É um conceito abstrato de autogoverno que pode se referir a diversas escalas de organização. No texto esse termo representa a autonomia do aluno, em se organizar para produzir seus próprios conhecimentos sem ser necessário a normatização adulta, lhe impondo regras, mas sim fazer sozinho, aprender fazendo, construindo no convívio social.

importância para o desenvolvimento mental dos seres envolvidos nessa dinâmica espetacular de ensino e aprendizagem, realizada em sala de aula com ênfase a garantir um paradigma novo, inovador com propósito claro de oferecer uma ótica metodológica que se fundamente no aprender significativo, onde o aprendiz viva o texto poético com alteridade, participando do processo autêntico de construção vivencial no uso cotidiano em sala do gênero poesia formatando conhecimentos variados ao seu intelecto de ludicamente.

Esse trabalho tem como fator essencial em favorecer a condição de insinuar a construção do epistemológico dos educandos, já que sua característica principal é a interdisciplinaridade natural nesse gênero textual é possível se debruçar nessa vertente para produzir múltiplos conhecimentos, pensando sempre na atuação, no fazer, no participar, na construção altera do educando e sua total, global e integral formação no tocante a percepção do mundo ao seu redor, compreendendo e interagindo com os textos trabalhados no âmbito escolar fazendo sentido à atividade educativa para os educandos de modo literário e prazeroso como bem contribui a citação abaixo:

Ler, ouvir poesia, escreve Koes, exige o lazer, recreação, a liberdade de estar disponível. Quer dizer que é preciso ao mesmo tempo agir para a conquista de um lazer verdadeiramente liberado e para uma democratização do ensino (AVERBUCK, 1991 apud JEAN, 1991, p. 64).

Vimos que por muito tempo a poesia não teve um lugar de destaque nas escolas e conseqüentemente nas práticas diárias de sala de aula, muito pouco se falava de poesia para os alunos, deixando muitas vezes essa descoberta a cabo dos alunos por demonstrarem interesse ou ouvir uma melodia poética em uma música, por exemplo, realizam sozinhas suas incursões pelo domínio da poesia.

É notório que para se enxergar o potencial inventivo da poesia em se usar essa prática inovadora, é necessário passarmos por uma liberdade em uma conquista de um lazer verdadeiramente liberado em sala de aula, numa espécie de democratização do ensino rompendo com um paradigma arcaico que ao invés da escola ser um ambiente de criação, invenção, inovação faz o papel contrário, anulando a possibilidade de garantir o pensar, o prazer, o lazer, a liberdade, o aprender sobre seu real, o hipotetizar, o imaginar, o produzir e a inventividade nata dos centros de formação escolares.

Por muito tempo se pensou que utilizar poesia na escola tradicional embasado no modelo de sociedade que se almejava para o país se voltava a lecionar de maneira “séria” e usar poesia seria tolo com seu caráter gratuito era o que fazia a poesia ser excluída do currículo das

escolas, pois se pensava a educação com uma visão utilitarista¹¹ e pragmática¹² da sociedade da vida em geral da educação.

O preconceito, que atinge todas as esferas da vida social, estende-se à escola, motivando no professor uma atitude de desinteresse e até mesmo um certo mal-estar, ou culpa, quando ele ocupa suas aulas com o trabalho com textos poéticos. Esta postura liga-se, igualmente, ao desconhecimento não só das possibilidades de exploração da literatura em geral, através da descoberta da poesia, como do próprio papel da arte no desenvolvimento da personalidade humana. Por outro lado, apoia-se na própria situação da arte no contexto da sociedade, no preconceito oriundo de seu papel modificador, subversivo, em relação à mediania, à tradição, ao continuísmo das normas. Ao excluir a arte de seus roteiros programáticos, a escola apenas espelha a atitude da sociedade em geral (AVERBUCK, 1991, p. 66)

Há um preconceito massificador na sociedade brasileira atingindo todas as camadas sociais e não diferente disso esse comportamento se estende à escola em negar a utilização da literatura de um modo geral e, principalmente a poesia era vista como algo sem prestígio era perca de tempo, inútil, assim acontecia com o papel da arte e sua importância para o desenvolvimento da personalidade humana, se fundamentava na tradição, no continuísmo das regras, das normas. Ao negar em seus planejamentos a arte, a escola, sobretudo reflete a atitude política, social da sociedade em geral.

Por isso, era interesse da sociedade produzir uma escola que atende o sistema organizacional vigente daquele momento histórico, econômico e social, sufocando a oportunidade de por meio de uma metodologia inovadora vislumbrar a imaginação, a criação pertinente no ser poético de cada indivíduo, o seu conhecimento e um mundo da pessoa humana como descreve a citação:

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de *viver poeticamente o conhecimento e o mundo*. E conclui: O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética (AVERBUCK, 1991, apud DRUMMOND, 1974, p. 66 e 67).

A escola se posiciona com uma postura linear em encher o discente de conteúdos específicos das áreas de conhecimento como Matemática, Ciências, Geografia, Linguagem,

¹¹“Agir sempre de forma a produzir a maior quantidade de bem-estar”, essa é a principal máxima utilitarista. O utilitarismo é uma doutrina ética proposta primeiramente por Jeremy Bentham (1748- 1832) e John Start Mill (1806-1873).

¹² O pragmatismo é uma doutrina filosófica que se baseia na verdade do valor prático.

História e outras. Numa espécie de aulas cumulativas, expositivas e bancária. A escola se esquece de ver o ser poético, a poesia como ferramenta interdisciplinar que envolva todo seu mundo real, social, biológico, político econômico, familiar, tecnológico, geográfico, artístico, histórico e cultural, não atende preferencialmente a capacidade de viver poeticamente os saberes e o seu mundo globalizado.

Podemos considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, do mundo a sua volta, por seu potencial fabuloso a formação dos alfabetizados que por ventura seja mediado por essa metodologia e esse gênero literário. Ela funciona como um meio veicular de informação, onde se faz a teoria/prática, preservando em cada educando sua essência mágica, lúdica, intuitiva, criativa, recreativa, interativa a qual se identifica basicamente com a sensibilidade poética explícita nas coisas, formas e no mundo a sua volta na representação mais clara e altera do seu universo.

Vale salientar, que a escola que se insere nessa sociedade que avulta o importante componente que é a poesia para o desenvolvimento da criatividade. Deveria fazer o oposto valorizando a criatividade como meio formador da sensibilidade existente em cada ser e, no meio social a sua volta, fazendo disso um elemento forte de produção de saberes a sua vida, é fundamental incentivar metodologias ativas que estimule o papel do criar, do produzir, do pensar um ensino mediador fomentador da criatividade nas atividades pedagógicas cotidianas.

Mesmo se não compete a toda a gente ser descobridor ou inventor, o problema central da educação moderna é precisamente o de tornar o maior número possível de pessoas inventivas e capazes de criação pessoal. O problema da educação da criatividade inscreve-se, pois, no quadro geral e solicita os mesmos métodos aqueles que os movimentos pedagógicos de vanguarda preconizam (AVERBUCK, 1991 apud GLOTON e CLERO 1973, p. 67).

Sabemos, que nem todas as pessoas que tenham contato com poesia podem ser descobridor ou inventor, mas o objetivo majoritário da educação moderna e tecnológica é essencialmente o de fomentar oportunidades inúmeras para o maior número de pessoas se tornarem inventivas competentes e capazes de criação pessoal em diversos aspectos que envolva a condição e a capacidade de estudar os problemas na busca de soluções engenhosas diante das situações problemas da vida. A educação se limita a seguir os métodos pedagógicos fechados sem sensibilidade e atenção aos conhecimentos oriundos da cultura dos aprendizes com olhos a propiciar oportunidades de novas aprendizagens de maneira recreativa, fértil ao surgimento de ideias criativas.

Não é papel, portanto, da escola preconizar a formação de poetas por via de regra, mas desenvolver no alfabetizando o (leitor) habilidade de viver, sentir a poesia, apreciar o gênero

literário com finalidade no lazer, sensibilizar para haver interação social por vias poéticas e desfrutar da poesia como forma de comunicação interativa do texto e o mundo que o insere, pois a poesia é a revelação da beleza que há nas flores, nas frutas fazendo-nos entrar nas palavras vendo suas cores, seu cheiro, sua melodia transferida em uma orquestra de sons, fonemas, grafemas onde o educando é o maestro de sua sinfonia.

Embasado nas contribuições do poeta Jerome Rothenberg (1977), seria a poesia uma imitação do pensamento em ação. Ela propõe seu caminho, seu próprio deslocamento. Possibilita a vulnerabilidade e o conflito. Atualmente aparece como a melhor ciência, constantemente aceita transformações mudanças, a uma processual troca em nossas ideias daquilo que um poema é ou pode ser. “O que é a linguagem. O que é a experiência. O que é a realidade”. Assim, a poesia tornou-se para nós, um elemento essencial para a trama envolvente do jogo e a conversão de possibilidades inúmeras.

Nessa possibilidade de expansão do próprio real reside, pois, o cerne do caráter liberador de poesia, sua natureza de móvel da capacidade de associação, de livre fluxo da fantasia, de elemento condutor de camadas do inconsciente, capaz de enriquecer a vida interior do leitor (na medida em que ele participa do texto poético). Pela alta carga de conotação do texto toda a leitura de poesia é um ato de recriação. Ler o poema é, necessariamente, buscar um (dos) sentido(s). Este exercício realizado em cada leitura, comporta a possibilidade de participação no texto do outro, pelo duplo jogo de receber e refazer o texto, forma de ampliação de um universo (AVERBUCK, 1991, p. 67 e 68).

Com a expansão do próprio real é que reside a ideia central do caráter liberatório da poesia, há uma natureza metamorfósica da capacidade associativa, com liberdade de fluxo da imaginação fantasiosa, de elementos canalizados de camadas do inconsciente, sendo capaz de nortear o enriquecimento à vida subjetiva interior do leitor participante desse processo poético. Isso tudo devido à grande conotação do texto poético, a leitura de uma poesia é um ato puramente de recriação interativa entre o “leitor” e o escritor, fazer do ato de ler um poema uma busca de sentidos, esse exercício efetivado a cada leitura, colaboram com a participação mútua entre autor e o “leitor”, de modo a ampliar os horizontes abrindo uma gama de oportunidades a um universo abrangente quanto às faculdades intelectuais de uma criança.

Segundo Averbuck (1991) a criança que ler poesia tem a possibilidade de recriar, ressignificar, pois o ato de ler poemas é essencialmente, procurar um significado, um sentido em ler, repetindo essa atividade a cada nova leitura.

A familiarização de uma criança com a cultura poética sem dúvida a tem como instituição de um fato real, não sendo criada um indesvendável desvio, mas sim por outro ângulo, submeter uma ligação concreta do seu mundo real, havendo, sobretudo, uma

aproximação vivencial do real cotidiano em promover a “leitura” da realidade daquilo que é fecundo ao desenvolvimento de uma criança partindo do seu meio social e real, seu existir enquanto ser social que é.

Há tantas contribuições do gênero poesia na prática pedagógica moderna tecnológica que talvez seja difícil enumerá-las, mas se sabe que basear-se no real, na cultura folclórica cuja versa sobre os conhecimentos constituídos de suas raízes históricas, assim produzir debruçando-se acerca do real cotidiano é fundamental para propiciar um campo fértil a descobertas inventivas, atividades criativas e ativas por partir das vertentes vivas dos educandos.

Refere-se ao trabalho com a poesia apoiar-se, principalmente no enfoque a imaginação, o texto poético forma o imaginário, período em que a criança faz seus movimentos livremente observando e sentindo o mundo, desenvolvendo-se não com o “ensino da poesia”, mas, a mediação com esse gênero traz ao desenvolvimento da sensibilidade, ligada ao desenvolvimento naturalmente da criatividade, das formas orais de expressão, da compreensão ao executar leituras, da linguagem como representação verbal das vivências humanas experimentadas ao logo de sua existência.

No tocante ao desenvolvimento do psiquismo infantil, como é sabido, ocorre tanto no campo linguístico, como no plano psicológico, existe um elemento fundamental é o ritmo, evoluído através dos exercícios corporais, músicas, dança paródia entre outros, dessa forma a poesia pode fazer o papel principal funcionando como eixo desencadeador na evolução do desenvolvimento da criança.

Na sua forma mais simples, a poesia (cantigas de ninar, cantos, etc.) constitui uma maneira de ensinar a dominar certos ritmos fundamentais do ser, entre eles o de respirar. Um poema, para ser dito, implica uma diversidade de suas estruturas acentuais, rítmicas, uma disciplina do sopro, mediante a qual se conquista a liberdade de dizer. Pela expressão da fala, a criança se apropria de suas possibilidades, adquirindo o domínio de sua palavra. Por esta via, se a poesia pode desenvolver a personalidade, formar o gosto e a sensibilidade, possibilitar à criança o falar e o conhecimento do próprio “eu”, ela auxilia a compreensão da comunicação do irracional e do incomunicável, funcionando como “antídoto” em uma civilização urbana e técnica. O desenvolvimento do gosto da beleza, de um gosto pelo ritmo, e o jogo da linguagem asseguram, assim, seu domínio e levam à consciência ao mesmo tempo liberadora e lúdica da linguagem, à descoberta de níveis da língua e do real (AVERBUCK, 1991, p. 68 e 69).

Na sua definição mais comum se revela a poesia como sendo uma das formas mais adequadas para ensinar a dominar certos ritmos essenciais do ser, cabe destacar entre eles o respirar. Uma poesia, para ser recitada, implica uma gama de suas ordenações centrais, a rítmicas, uma disciplina do sopro, a aquisição dessa habilidade se conquista a liberdade de dizer.

Pela manifestação do falar, a criança se apodera de suas várias possibilidades, tendo ganhos ao domínio da sua palavra falada e, conseqüentemente escrita graficamente ou representação pictográfica da imagem das leituras feitas, vividas nas suas experiências.

Nessa direção, se a poesia possivelmente desenvolve a personalidade, contribui com o gosto e a sensibilidade, possibilitando desta forma à criança a fala e o seu autoconhecimento o “eu”, há o auxílio a compreensão em comunicar-se entre o irracional e o incomunicável, agindo como um remédio perante a civilização urbana, mecanicista, técnica e ao mesmo tempo tecnológica valorizando muitas vezes outras culturas. O alargamento e a ação de desenvolver o gosto da beleza implícita na poesia, o gosto pelo ritmo, e a troca feita no jogo das letras, palavras, sons, a linguagem, garantem o domínio de si próprio, levando-os à consciência simultânea libertadora, lúdica, divertida da linguagem, permitindo descobrir diversos níveis linguísticos, assim como se leva a descoberta de novas realidades.

Nesse estatuto de ampliação do psíquico, individual, e da cognição do universo, o social, realizado pela linguagem, se coloca a importância do espaço a ser concedido à poesia na escola e sua verdadeira necessidade numa ação formadora (AVERBUCK, 1991, p. 69).

Apesar de ser unânime a conscientização da importância do gênero em discussão no contexto escolar empenhada para agrupar o crescimento global do educando, ainda assim paira muitas dúvidas entre a classe de professores. Em refletir a prática docente em conduzir um processo educativo embasado no construtivismo, nos métodos ativos de o aluno ser o protagonista do seu fazer, participar dessa construção ativamente, pois se debruçar sobre o viés poético mexerá com a sensibilidade discente e, portanto, escapa ao controle externo, esse modelo causa insegurança nos professores em quais perspectivas de comportamentos terão os discentes com essa liberdade de saber.

Está posta a oportunidade de juntos pesquisando construindo os rumos da aprendizagem com sentido para o educando em viver com alteridade seu aprendizado. Assim para Cunha (1986, p. 95): “... se o professor não se sensibilizar com o poema, dificilmente conseguirá emocionar seus alunos.”.

Ouve um tempo que se acreditava na aproximação da criança com a poesia ou (da literatura no geral), simplesmente basta aproximá-lo das obras poéticas, literária de boa qualidade e, já era suficiente, essa certeza acaba sendo desfeita, pois para haver aproximação depende de alguns fatores, o primeiro deles, é o entusiasmo e a sensibilidade do professor em enxergar nessa ferramenta todo seu poder de transformar de maneira dialética, mediadora a condição do alfabetizando como se descreve abaixo a autora.

(...) É preciso, antes de mais nada, que o professor seja ele mesmo sensível ao texto poético, permeável à comunicação do artista, para que se torne um porta-voz desta comunicação. A descarga emocional provocada pela sensibilização a um texto poético tem seu circuito interrompido antes de chegar ao aluno, se ele passar por um professor indiferente e fechado ao apelo da arte. (AVERBUCK, 1991, p. 69).

Para termos todas as contribuições do gênero poético como método ativo de construção global é fundamental que o professor seja sensível a essa prática salutar a aquisição de uma gama de conhecimentos inerentes, eminentemente com destaque solene a poesia e suas benéficas ao desenvolvimento humano na divulgação dessa arte e seu uso na ação pedagógica significativa.

“Está claro que a personalidade do professor e particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce.” (OLÍMPIO, 2008 apud BAMBERGER, 1986, p. 74 e 75)

Seria o professor a figura responsável por fazer a comunicação, a propaganda e o mentor mediando saberes, cultura, arte e, sobretudo aprender de forma integral para a vida influenciando os alunos nesse universo com o encanto, o lírico, o hilário, a declamação, o som, a magia estimulando o interesse dos educandos por um elemento fundamental ao processo de letramento de maneira ativa, dialética por tratar da beleza das palavras em forma de versos.

Não será tampouco a pura memorização ou o estudo de regras’ de metrificação capaz de favorecer este estado de empatia do leitor (aluno) em relação aos textos poéticos. O conhecimento de uma terminologia técnica, como rima, ritmo, cesuras, quadras, etc., será perfeitamente dispensável, nas primeiras séries escolares, importando antes o próprio exercício de dizer e ouvir poemas, de participação, com o poeta, no arcabouço do poema, na identificação de seu material poético. Isso se realiza, sobretudo, pela criação na sala de aula, de toda uma atmosfera própria em que a meta é, inicialmente, a de favorecer a predisposição, a sensibilização. A poesia requer silêncio e o espaço interior (AVERBUCK, 1991, p. 70).

A forma de encantamento dos textos poéticos não será a pura memorização, estudo de regras, metrificação a conquistar, encantar a empatia dos alunos. O estudo minucioso de uma tipologia, técnicas, rimas, ritmo, cesuras, duetos, quadras, estrofes, etc., tudo isso será dispensável no estudo realizado nas séries iniciais, o que vale mesmo é o material poético, a riqueza cultural em ouvir, dizer poesias rimas, em participar, com o poeta interagindo com sua obra se afeiçoando ao acervo literário, na estrutura da poesia, na afinidade do material poético exposto e o encanto ali existente. Só é possível essa realização se houver espaço, sensibilidade numa atmosfera capaz de favorecer um norte para se apropriar da poesia como um elemento fértil, criador na sala de aula requer atitude formadora com base real.

Ainda, vale salientar que “ler a poesia, e tudo o que é dito da leitura em geral vale, evidentemente, para a leitura da poesia”. O diferencial do texto poético é sua natureza poética e o nível de organização global do ser em contato com esse gênero, segundo Jean (1975) “na poesia” as palavras se iluminam deixando um rastro de brilho, funciona basicamente como algo iluminista com reciprocidade entre o aluno e o texto num reflexo recíproco. Nesse processo cabe ao professor o papel de provocador deste estado, o de iluminador de caminhos para a leitura, para que a criança possa caminhar com suas próprias pernas ou se aventurar sozinha, sendo independente, autônomo após acontecer a tão esperada sensibilização do professor e do aluno, assim se cumpre o objetivo e o caminho percorrido pela poesia deixando seu rastro de contribuição para as crianças como se ver a seguir.

Trata-se, assim, de uma vivência, de uma aproximação ao meio poético. A poesia não pode ser ensinada, mas vivida: o ensino da poesia é, assim, o de sua “descoberta”. Justamente por isso, ela exige uma “iniciação”, pressupõe um método próprio, um seletivo trabalho com os textos, destinados a propiciar aquelas sensações que correspondem à criação do “estado poético” na criança, permitindo a expansão de sua criatividade e ampliando sua compreensão do real. É a partir desse pressuposto que alguns passos precisam ser considerados (AVERBUCK, 1991, p. 70 e 71).

Afirmar que só há uma razão para familiarizar-se com o meio poético, convivendo, lendo, aproximando-se para favorecer a experiência para numa sequência vir os frutos dessa vivência. A poesia, sobretudo, não pode ser ensinada, pois poesia é por natureza é vida e, portanto, sendo dessa forma só pode ser plenamente vivida. No ensino da poesia por tudo que ela representa, com uma carga muito grande de significados e, se fundamenta na curiosidade, no segredo injusto por esse motivo, ela precisa de uma “iniciação” preconizando uma técnica, um método original singular, fazer um trabalho minucioso com os textos acertando ao nível de cada turma ou educando.

Reafirmando, para permear a veia de criação, exclusivo ao estado inerente aos textos poéticos com sua natureza, puramente natural e humana, estimulando todas as habilidades as quais são afloradas quando se tem referências norteadoras como é o caso mágico do gênero em discussão, a criança tem muita semelhança com o estado poético por sua natureza em ser único, criativo, múltiplo em compreender as coisas com originalidade a seu modo relacionando o novo conhecimento com o seu real, numa sinergia mútua vinda à tona sua pureza, a recreação, a fantasia, a criatividade, o estudar, a leitura, a compreensão, o lazer, o prazer, o brincar, o cantar, o rimar, a diversão e aprender de maneira autêntica interagindo a seu modo.

Para que aconteça a poesia em sala de aula e, que ela possa fazer seu papel primordial no campo intelectual, social e humano como expressão dos seres é necessário que a figura do

professor seja o elemento mediador, para tal o seu preparo é indispensável. A preparação acadêmica executada nas universidades aponta com dificuldade de uma metodologia adequada para a prática docente, há também uma inquietação quanto ao tipo de poesia direcionada para o público infantil e, podemos concluir que não existe uma poesia específica para a infância como completa a citação abaixo.

Na verdade, (...) “as qualidades da poesia”. Ou, como afirma Henriqueta Lisboa, categoricamente: “Fala-se em poesia infantil. Porém *não há poesia com destinatário*”. No entanto, é sabido que, por sua complexidade, a linguagem poética é das mais elaboradas formas de expressão verbal, portanto acessível à percepção das sensibilidades mais desenvolvidas (AVERBUCK, 1991, p. 71 e 72).

Como afirma os autores, não é preciso ter uma poesia específica para as crianças, os textos poéticos devem seguir os mesmos critérios, a mesma qualidade existente em qualquer poesia comum. Falar em poesia para a infância não significa dizer que a tenha destinatário. Sabe-se que por sua complexidade poética e compreensão às vezes em um patamar de vocabulário e conteúdo. É fundamental uma seleção minuciosa adequando o gênero a situações mitológicas específicas para cada nível de conhecimento adequado, aí vem a formação do professor o preparo e sua sensibilidade em se basear, principalmente nos conhecimentos prévios dos alfabetizados, observando por meio da avaliação diagnóstica qual linha pedagógica e quais textos poéticos utilizar.

Segundo Olimpico (2008) “vivemos rodeados de poesia”, assim sendo, poesia é tudo que estar ao nosso redor e, que nos emociona quando tocamos, ouvimos, vemos, ou saboreamos, poesia é a nossa fonte inspiradora para viver a vida com arte e beleza. É o espelho da alma, a representação artística do mundo em formas, cores vibrantes e conhecimentos materializados em rimas daquilo que nós somos.

Associar a criança ao mundo poético, dizer que a poesia é uma “criança” não seria despautério¹³, ao contrário se a poesia é a melhor entre as ciências podendo se modificar constantemente, numa simbiose contínua, num ritual de metamorfose ao campo imaginativo, sendo este o fator ímpar na construção dos saberes necessária a vida contemporânea atual.

Há naturalidade tanto na alma do ser criança, assim como na forma física do gênero poético, nas entrelinhas existe uma essência singular com magia, pureza singela que estimula, fomenta inspira pela simplicidade e pela grandeza que tem no seu cerne de existir. Como reitera Averbuck:

¹³ Ação ou comportamento despropositado ou ação absurda.

Contudo, é sabido que, por sua forma de perceber a realidade, a criança é capaz de se aproximar mais da “visão poética” que o adulto, em geral. Na verdade, como registra Reyherme, “a criança não vê nenhum inconveniente em ligar ao objeto que ela descobre imagens que, na realidade, parecem estranhas: vendo um pedaço de madeira, ela pode imaginá-lo com asas para dele fazer um passarinho, com rodas para dele fazer um automóvel ou toda uma série de características que o adulto não poderá colocar, pois o adulto é controlado perceptualmente pelo concreto, pelo real, por sua lembrança, por sua inteligência. Na criança este controle não funciona. Donde sua impossibilidade de religar até ao limite, não importa que elementos e não importa qual percepção apresente. O papel do imaginário na criança é um papel de suplência. Quando no adulto o que supre a insuficiência da percepção é o conhecimento prévio, na criança o que substitui a imperfeição do conhecimento é a imaginação” (AVERBUCK, 1991, p. 72).

Sabemos que a criança possui a capacidade única de perceber a realidade e assim se aproximar da “ótica poética” bem mais que o adulto. A criança não ver impossibilidade em fazer semelhança ao objeto que ele descobre a imagem com a realidade, algo que para o adulto é estranho. Como um simples graveto, na mão de uma criança ganha vida, asas, pneus, fala e etc., para disso fazer um pássaro, um carro, uma pessoa, um super-herói, um animal basta imaginar pode ser o que quiser.

No entanto, o adulto por ser controlado perceptualmente pelo real, o concreto, sua noção de lógica e inteligência não se deixa viver essa fantasia. Para a criança essas regras de controle não funcionam, o que realmente vale é viver a realidade o seu modelo, num estado de fantasia e felicidade, com as crianças a imaginação substitui a imperfeição do conhecimento levando-a a ser o que quiser por meio das aventuras imaginativas, manipulando desta maneira áreas cerebrais, sentimentos, desejo e etapas que serão de grandes contribuições para sua aprendizagem social.

Após essa abordagem bibliográfica e o uso prático com uma ação mitológica, sobretudo embasada no prévio dos alunos para a partir disso viver os textos poéticos com compreensão, alteridade e interacionismo¹⁴ dinâmico, que seja para o aluno um lazer, um prazer, participar de um processo recreativo, engenhoso onde ele é personagem protagonista, com ênfase a contribuição ao seu desenvolvimento integral cotidiano em sala de aula utilizando estratégias metodológicas, as quais façam a diferença garantindo o direito ao aprender. Assim o estudo realizado contribui ainda mais para concretizar cientificamente aquilo que acreditamos e executamos na nossa prática docente com todas as contribuições citadas nesta pesquisa acadêmica para o campo das aprendizagens dos discentes imbuídos nessa dialética de ensino aprendizagem efetivada.

¹⁴ É a interação entre o indivíduo e a cultura, onde, para Vygotsky, é fundamental que o indivíduo se insira em determinado meio cultural para que aconteçam mudanças no seu desenvolvimento.

2.1. O QUE É A POESIA E SEU CONTEXTO NA ESCOLA

Refletir sobre a poesia e, uma definição que possa revelar sua grandeza, seu significado, sua beleza natural e seu potencial enquanto elemento metodológico relevante a uma prática ativa.

Poesia basicamente, é um gênero literário caracterizado pela composição escrita em versos estruturados de maneira harmônica. É uma manifestação fundamentada na beleza e estética retratada pelo “poeta” em forma de sons e palavras oriundas, principalmente derivadas do seu meio social repleto de significados por fazer parte do prévio dos escribas ou poetas que se submete ao gênero escrito na produção de conhecimento.

(...) ressalta que a poesia foi feita para ser falada, recitada e que, mesmo lendo um poema silenciosamente, percebemos seu lado musical, sonoro, pois a nossa audição capta a articulação (modo de pronunciar) das palavras do texto, passando o leitor da percepção superficial para uma análise cuidadosa do ritmo do poema, tornando provável a descoberta de significados (ARAÚJO, 2012 apud GOLDSTEIN, 1994, p. 5).

No sentido figurado, poesia é tudo aquilo que comove que sensibiliza e desperta sentimentos, lazer, prazer, recreação, criatividade, criação, fantasia, imaginação e alegria. É qualquer forma de arte que inspira e encanta, que é sublime e bela, ainda pode ser considerada como a melhor ciência capaz de ser modificada a qualquer momento de acordo com sua realidade, seu mundo expressão humana e comunicação social capaz de sensibilizar, imaginar, inventar, criar e formatar saberes distintos no âmbito escolar.

No contexto escolar utilizar a poesia em seu cotidiano na sala de aula, como ferramenta indispensável ao processo de ensino e aprendizagem moderno e, tecnológico que pense a formação humana, sustentável, global e planetária holográfico partindo da parte para o todo, numa ótica metodológica interdisciplinar que almeje a construção do ser humano integral, vislumbrando sua essência, sua pureza, sua sensibilidade, sua luz, sua inventividade, sua criatividade, inspirados pelo sentido próprio único da poesia como beleza natural inerente a agir nas faculdades psíquicas, psicológicas, cerebrais, intelectuais na aquisição do conhecimento direito ao aprender, no desenvolvimento total do ser em constituição o educando em questão como objeto de aprendizagem.

Apesar de constatar o valor real e magnífico que existe no conceito poesia e sua fantástica importância para o cognitivo dos discentes com ampla abrangência aos aspectos

cognoscentes¹⁵ dos educandos, principalmente pela poesia ser algo com força de natureza própria e encaixar no ser criança como a mão e a luva, por serem belas, luzes fluorescentes, naturais, singelas e ao mesmo tempo encantadoras, inspiradoras, rítmicas, leves, maleáveis, imagináveis, notáveis e, fundamentalmente grandiosas por seu poder de transformação e criticidade.

Por tudo o que representa o gênero textual em discussão, a escola não lhe dar atenção que necessita como veremos a seguir.

(...) No momento em que se pensa na questão do trabalho com a poesia em sala de aula. Lamentavelmente, este questionamento não é feito com a frequência desejável, já que – quer por sua dificuldade, quer pela incompreensão da maioria dos professores – a poesia entra na escola marginalmente e os contatos que as crianças estabelecem com os textos poéticos são tão raros, que os poucos alunos que da escola guardam uma forte lembrança neste sentido tornam-se exemplos (AVERBUCK, 1991, p. 64).

Vimos que o trabalho com poesia não tem uma frequência contínua, desejável que deveria ter, sabemos que um dos motivos por estabelecer essas barreiras de socialização dos textos poéticos nas escolas é justamente por incompreensão da maioria dos professores, a entrada da poesia na escola se dar marginalmente e os contatos com as obras poéticas acontece raramente, assim os poucos alunos que tiveram uma lembrança do assunto poesia tornam-se exemplo para os outros, mostrando a total decadência ao ensino de poesia como bem afirma o poeta Trevisan.

No Grupo Escolar que frequentávamos em criança, não existia particular apreço pela poesia. Jamais alguém recitou-nos poemas, ou nos chamou a atenção para eles. Ocasionalmente, professoras liam-nos poemas destinados ao abrilhantamento das solenidades. Nessa época, Olavo Bilac foi uma de nossas admirações. Por quê? Pela razão evidente de que seus versos tinham métrica e rima. Descobri, assim, o lado melopéico da poesia. Compreendi que a poesia era uma espécie de palavra com música (AVERBUCK, 1991, p. 64 e 65).

Segundo Trevisan como está citado acima na escola a qual era frequentada quando criança não havia particular apreço pela poesia, nunca lhe foi recitado um único poema ou algo que chamasse a atenção para tal assunto, casualmente, professores faziam leituras poéticas para abrilhantar as comemorações com o intuito de trazer luz às solenidades. Nesse período, o poeta Olavo Bilac por suas poesias com métricas, ritmo, rima causava admiração, o sentido pelo qual esses textos nos encantam, foi simplesmente por sua plástica, sua rima, sua métrica. Aconteceu nessa época a descoberta da melodia poética. Com a compreensão da poesia como uma espécie

¹⁵ É aquele que conhece ou que tem a capacidade de conhecer. O sujeito cognoscente, por conseguinte, é aquele que realiza o ato do conhecimento.

de palavra enfeitada, com ritmo e musicalidade em seus versos escritos e recitados fazendo bem aos tímpanos.

Ainda, podemos afirmar que os alunos descubram a poesia na escola por si própria, por ver sua beleza, sua luminosidade, seu encanto, na forma de texto que encanta pela organização das palavras rimadas, combinando sons sendo muitas vezes música aos ouvidos quando declamada.

O relato da experiência do poeta aponta para o fato de que a criança, no contexto da escola, frequentemente, realiza sozinha sua incursão pelo domínio da poesia, fazendo suas próprias descobertas, apesar do professor. A sala de aula, antes de ser o território da inventividade, é, na maioria das vezes, o lugar onde se anulam as possibilidades de criação e inovação. (AVERBUCK, 1991, p. 65).

Com contribuição da autora é notável ressaltar que não há uma metodologia embasada na poesia, sendo algo desprezível na prática docente, assim fica a incumbência de descobrir a poesia geralmente de forma individual, sozinho sem mediação esse descobrimento incursivo acontece solitariamente por interesse dos alunos. Dessa forma a sala de aula que é um ambiente de construção, passa a não fazer sua tarefa principal anulando as possibilidades cognitivas de maneira mais livre. Com a poesia temos a oportunidade de inventar, criar e ter como base a inovação, mas sem seu uso uma escola que não a reconhece como ferramenta prévia salutar ao intelecto se torna um ambiente nulo, sem criatividade e modernidade próspera ao desenvolvimento global do ser.

Pensar em criança, refletir a escola requer sem sombra de dúvidas, para quem ensino? Que escola eu acredito? E que cidadão desejo formar ou contribuir com sua construção? Assim se a escola e as crianças estão juntas nesse processo de elaboração coletivo e, sobretudo humano, não pode faltar a poesia como ciência da expressão dos sentimentos, da imaginação, da criatividade, da fantasia e do desenvolvimento mental arraigado ao seu real e seu mundo infantil, dessa forma colabora com esse estudo.

Por que motivo as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade do jogo, a ausência do conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma? Acho que é um pouco de tudo isso, e mais do que isso, pois expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia. Mas se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância que vai fenecendo à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? (AVERBUCK, 1991 apud DRUMMOND 1974, p. 65).

Contudo, reconhecer na criança seu caráter poético sua leveza, sua estética, sua natureza poética nata em transcrever espontaneamente claridade, espírito poético infantil, é, claramente evidente que com o passar do tempo essa poesia se desfaz pelas circunstâncias da vida, da rotina e, do modelo de formulação de que vive em casa, ao ser inserido preparando-se na escola para atender as demandas sociais; seguindo um comportamento com normas, regras, horários, obrigações, responsabilidades, cuja nos tira a essência de infância e a “poesia”. Se o paradigma de sociedade exigido e a evolução natural das pessoas nos roubam a pureza e a sensível condição poética.

Cabe então, a instituição social formadora escola possibilitar caminhos os quais o propósito seja a elaboração de um ser humanístico, com olhos, tato, olfato poético capaz de por meio dessa arte possa gradualmente fazer sua escala de conhecimentos múltiplos, crítico com foco na formação humana-social-política-econômica-ecológica-crítica e sustentável preparado para viver harmonicamente, com o meio e a humanidade num equilíbrio mútuo, pois o trabalho com leitura e, exclusivamente com o gênero poesia liberta fazendo-nos vermos o mundo com sentido amplo como aponta-se a seguir.

De fato, continua, “ler um poema é ler o sentido a comunicar ao mesmo tempo que apanhar, como dizia Jakobson, as palavras, tanto pelo que elas são como pelo que dizem. Em sua forma fonética e no que essas formas acrescentam ao sentido. Mais igualmente no espaço que elas ocupam no papel. A poesia faz ver, dá a ver os textos, dá a ver o que se lê” (AVERBUCK, 1991, p. 73).

Na escola cabe uma adequação concedida o encaminhamento metodológico que a natureza do gênero requer a poesia em sala de aula, prioritariamente por ser palpável e sua natureza essencialmente psíquica, ela existe tem corpo: palavras, sons e imagens. Portanto, precisa trabalhar sobre o texto, não apenas ao nível de sua estrutura organizacional, mas falar necessariamente na significância em seu sentido de existir fora do papel aflorando compreensão, vendo o que se lê; a poesia abre amplas visões.

Um dos fundamentos formais que cabe serem explorados com os discentes no tocante a poesia e sua organização são de suma valia as sonoridades, ritmo, cadência e melodia esses elementos tem sua importância nas séries iniciais por afeiçoar os pequenos com a formalidade existente nos textos poéticos, isso requer um trato racional, amistoso, sensível feito de maneira lúdica, recreativa numa dinâmica alicerçada na cultura folclórica em utilizar (cantigas de rodas, cantigas de ninar, parlendas, trava-língua, brincadeiras e etc.). Na aquisição processual da linguagem existente no poema elementos intelectuais, elementos físicos das pessoas,

musculares, respiratórios e movimento podem no início do processo ensino e aprendizagem se entrelaçarem incrementando sapiência ao universo das crianças.

É fundamental, portanto, que, nas primeiras séries, os poemas selecionados para as crianças explorem essas sensações. É nestas marcas encantatórias dos primeiros versos repetidos por sua sonoridade que se estabelecem os primeiros passos para uma ligação emocional da criança com o texto. Tem apoio neste mesmo fundamento de caráter psicológico a estrutura das cantigas de roda (e de ninar) de tradição em todas as literaturas orais conhecidas. É repetindo versos, aliteraões e sonoridades, isto é, atuando sobre o plano melopéico (Pound) dos poemas, que a criança realizará suas primeiras aproximações efetivas com a poesia. A mistura um pouco confusa da língua associada a uma atividade de prática de gestos e de mímica está também em relação com a própria fragilidade da linguagem da criança e por aí faz seu caminho (AVERBUCK, 1991, p. 74).

As abordagens primitivas nos anos iniciais precisam ser selecionadas especificamente a garantir exploração das sensações, é nas vias encantadoras de repetições de versos declamados oralmente que se estabelecem uma ligação emocional entre os textos e as crianças. Com essa mesma função veem as cantigas de roda e ninar com seu caráter eminentemente psicológico com foco inicial na sonoridade.

A repetição de versos, fonológicos e sonoridades, isto significa atuar apoiado na melódica das poesias, será desta forma que as crianças realizarão os primeiros encontros efetivos com o gênero de canto declamatório. O contato da cultura poética misturada aos conhecimentos reais das crianças aliada ao uso da língua juntamente com uma atividade prática em sala de aula e, uma metodologia que reconheça a fragilidade da linguagem da criança possa seguir sua própria estrada, sobretudo aceitando suas produções, vendo sua capacidade e aquilo que ele pode com seus poderes fazer, dando-lhe oportunidade, vez, participação de construir autonomamente, sendo reconhecido e valorizado como construtor ativo do seu saber em um desenvolvimento crescente.

(...) em pesquisa sobre a poesia infantil inglesa, os poemas para crianças, em seus primeiros anos, apresentam algumas constantes como o predomínio da aliteração, um ritmo de certa regularidade, uma ordem natural das palavras na frase, o predomínio dos quadros em tom geralmente normativo. São, em síntese, formas simples que mantêm estruturas básicas da poesia. Estas marcas que identificam a poesia popular, da tradição oral, são também constantes na tradição da oralidade brasileira e indicadoras de um estágio inicial da literatura e, portanto, da capacidade de aproximação dos povos com o fenômeno literário. Ora, este deve ser, pois, o primeiro passo no caminho para os contatos das crianças com textos poéticos. (AVERBUCK, 1991, p. 74).

Na pesquisa feita por Bordini, se constata a mesma linha metodológica usada pelos professores na poesia infantil inglesa nos anos iniciais com as crianças, verifica-se algumas constantes similares à cultura brasileira no trato com a poesia na escola em sua iniciação com

os alfabetizando-os, consta que o domínio da aliteração é uma similaridade entre os dois países, baseando-se na tradição da oralidade indicando um começo a literatura e, no entanto, da condição de proximidade dos alunos com o fenômeno literário poético. Esse deve ser o norte a seguir no contato das crianças com a prática poética, com o professor agindo como leitor intermediário predominantemente, fazendo o trabalho oral da linguagem e aproximando-se dos seus conhecimentos de mundo.

Segundo Averbuck, (1991) A junção somática de diversos elementos elencados como ritmo, treino repetitivo que encanta com sons hilários, sintetiza na vontade própria natural da criança em ter prazer em “ouvir histórias”. Não importa sua forma, seu corpo, seu gênero se é quadra, parlenda, rima música, cantigas de roda ou ninar todos convergem para o êxito desse processo, como mostra a contribuição abaixo:

As diversidades de elementos incluídos na declamação de um texto poético são misturados para assegurar aprendizagem seja qual for a modalidade do poema, da história, às rimas, às sonoridades ao ritmo imposto na frase se converte em mágica chamada de poesia na escola, assim se dar as primeiras aproximações da cultura popular poética nas escolas.

Cabe aqui mais uma vez elencar a sensibilização, a descoberta do jogo das palavras numa ciranda divertida, a fase inicial é totalmente lúdica. Havendo interação poesia criança e, jogo tão conhecida e clássica. Em resumo pode-se dizer que toda poesia tem sua iniciação no jogo, incluindo diversos tipos de jogos com espírito de encanto e beleza propagando-se até a medida onde não haja complexidade da sociedade, assim a qualidade lúdica fundamenta-se no mundo e no prazer da criança e, sua natureza sublime de ser.

Recuperar o conteúdo lúdico da poesia no trabalho escolar significa resgatar sua natureza original. O que a linguagem poética faz é jogar com as palavras. O jogo com o poema é sua desconstrução e reconstrução, exercício de liberdade poética. A criança já alfabetizada pode exercer sua imaginação decompondo textos (“armar” poemas), relacionando o poema a outras formas de expressão, ouvindo-o e repetindo-o, descobrindo seus paralelismos, reinventando-os (AVERBUCK, 1991, p. 76).

Na escola é mais que urgente a recuperação do conteúdo lúdico da poesia, simplesmente por sua natureza original em despertar a criatividade dos educandos livremente. Na linguagem poética e no trabalho escolar o jogo dinâmico com as palavras acontece. Esse jogo e, sua desestrutura, estrutura monta e desmonta letras e palavras, combina, compara sons com mesma melodia, cuja se exercita a plena liberdade em escrever ou a liberdade poética, criando poeticamente poemas e poesias a seu próprio modo e capacidade de fazer inspirado pelo espírito inovador das influências das linguagens poéticas em produzir conhecimentos de maneira mais

lúdica, numa ciranda de brincar com a língua desorganizando e organizando textos da forma que lhe convém.

Com as crianças já alfabetizadas tranquilamente pode se executar a estimulação imaginária para decompor poemas (“armar” poesia) fazendo relações deste gênero com outras tipologias textuais ou expressões sociais, ao ouvir, refletir, descobrindo seus paralelos, numa corrente de constância inventiva realizando um exercício construtivo do saber autônomo desenvolvendo múltiplas colaborações com amplo aspecto a formação humana no geral.

Desse modo, como é preconizado a instituição escola fomentar recursos metodológicos que sejam capazes de a partir do prévio, do real, do lúdico, do jogo fluir concepções construtivas, refletindo a cerca destas ideias vimos que a poesia tem uma pluralidade de benefícios inúmeros para o psique¹⁶, pois os educandos ao entrar em contato no âmbito escolar com experiências dialéticas de aprendizagem, sendo expostas a novas aprendizagens, justamente saindo da sua zona de desenvolvimento real, entrando na zona de desenvolvimento proximal mostrada na teoria Vygotskyana.

Nessa noção de zona proximal, a tese da criança como ser social gera um aporte metodológico de grande significado, uma vez que ele enfoca o desenvolvimento da criança no seu aspecto dinâmico e dialético. Aplicada à pedagogia, essa noção permite sair do eterno dilema da educação: é necessário esperar que a criança atinja um nível de desenvolvimento particular para começar a educação escolar, ou é necessário submetê-la a uma determinada educação para que ela atinja tal nível de desenvolvimento? Na linha das ideias dialéticas das relações entre processos de aprendizagem e de desenvolvimento que analisamos, Vygotsky acrescenta que este último é mais produtivo se a criança é exposta a aprendizagens novas, justamente na zona de desenvolvimento proximal. Nessa zona, e em colaboração com o adulto, a criança poderá facilmente adquirir o que não seria capaz de fazer se fosse deixada a si mesma. As modalidades de assistência adulta na zona proximal serão múltiplas: demonstrações de métodos que devem ser imitados, exemplos dados à criança, questões que façam apelo à reflexão intelectual, controle de conhecimentos por parte do adulto, mas, também, em primeiro lugar, colaboração nas atividades partilhadas como fator construtivo do desenvolvimento (IVIC, 2010, p. 32 e 33).

Nesse segmento noção de zona proximal a qual podemos associar a poesia como conhecimento novo para a criança, pensando a criança como ser social submete um aporte metodológico com significado maior, justamente por ele focar o desenvolvimento da criança no campo dinâmico e dialético por se basear na concepção sociocultural. Na aplicação dessa noção a educação permite ir além do conceito educação, geralmente se espera a criança atingir certo nível de desenvolvimento, é nessa linha de fornecer vivência a criança, sobretudo apresentar a poesia como uma nova aprendizagem ativa, a zona de desenvolvimento proximal.

¹⁶ A mente, o entendimento, o intelecto, o que contém os sentimentos mais profundos de alguém.

Sempre nessa zona com auxílio de um adulto nesse caso a intervenção do professor mediando a favorecer ganhos os quais a criança não conseguiria fazer deixando-a sozinha.

A assistência adulta na zona proximal acontece em diversas modalidades. Metodologias que devem ser imitadas, ensinar pelo exemplo às crianças, focar em questões capazes de refletir intelectualmente, mediação do conhecimento pelo adulto controlando o processo de ensino a aprendizagem, mas é fundamental em primeiro lugar, o partilhamento colaborativo nas atividades a serem desenvolvidas com ênfase ao construtivismo do desenvolvimento das crianças inseridas nessa ação dialética no tocante as novas aprendizagens e, a entrada na zona de desenvolvimento proximal ao ser utilizada metodologicamente a poesia em sala de aula somando a sua experiência a cada nova aprendizagem, saberes múltiplos as vias intelectuais das crianças, com os textos poéticos e a interação na zona proximal do desenvolvimento humanístico.

Deste modo vem a escola como instituição social onde se é próprio ao desenvolvimento humano, a poesia como conteúdo real e novo ao haver aproximação metodológica iniciação poética entrada na zona proximal, embasado, sobretudo em um aporte supra importante no contexto escolar a criança como ser sociocultural, trabalhando seu meio como elemento significativo para os aprendizes.

Dáí é salutar frisar a importância do professor regente em sala de aula, possibilitando um ambiente capaz de garantir no lecionar exploração dos textos do gênero poesia todas as vias criativas e inventivas mediando condições de pensar.

É preciso que o professor, na sala de aula, crie o clima capaz de assegurar ao trabalho de exploração do texto poético todas as possibilidades de inventividade, desde a utilização dos elementos visuais como os desenhos, os jogos visuais, as representações plásticas variadas, as atividades rítmicas, os jogos com as palavras do poema. Não basta selecionar textos expressivos e entregá-los às crianças para que elas se sintam tocadas pela “magia verbal”. O que é preciso verdadeiramente, é criar uma atmosfera de uma legítima “oficina poética”, em que a desconstrução dos textos seja o caminho para novas construções (AVERBUCK, 1991, p. 76).

Cabe ao professor na escola e por que não dizer dentro de sua sala organizar uma dinâmica de trabalho cujo foco seja a invenção, a inovação e o criar. Para isto, é preciso usar todos os elementos literários que se possa estar a mão como: os desenhos, figuras, os jogos visuais, obras de arte de múltiplos artísticas, atividades com cadência rítmica, música, sons, os jogos que envolva as palavras e versos do poema despertando a percepção, a “leitura” de mundo.

Necessariamente, não basta ministrar textos chamativos e dando-lhe para que as crianças sintam-se comovidas com a expressão sonora. O objetivo necessário a ser atingido

plenamente é fazer da sala de aula um laboratório, onde todos estejam englobados numa atmosfera poética legítima original com raiz na sociocultural, assim criar uma “oficina poética” para construir, consertar, desfazer e fazer poesia na escola é mais que essencial apontando novas composições e leituras.

Para Bolpe (1974), “o que faz poesia que ela seja poesia, diferente de um romance ou relato de uma partida de futebol, é seu funcionamento”.

O poema tem seus segredos fechados ao universo da linguagem, cada vez que se constrói um texto se criar novas regras. É fato que desfazer um poema é uma maneira de entender estas normas, isso não na teoria, mas com certeza na sua pura vertente prática, observando sua construção e organização falada pelas crianças na escola dando total liberdade de criação, deixando a criança aflorar sua imaginação tão fértil e festiva, alegre, fantasiosa para produzir saberes salutareos ao desenvolvimento.

Essa concepção da poesia, na escola, evidentemente, só pode se realizar em um ambiente de liberdade e de criatividade, ou como escreve Balpe, numa espécie de “festa da linguagem”. Esta estratégia só pode se inscrever como prática num conjunto maior de que participem os ateliês de teatro, de marionetes, de desenho, colagens, canto, em que a criança pode se expressar livremente sem outra limitação que a de realizar a tarefa a que se propôs (AVERBUCK, 1991, p. 76).

Trabalhar a poesia na escola requer evidentemente, uma atmosfera de liberdade, um ambiente de criatividade e estímulo a autonomia na produção de escritas oriundas da oxigenação do seu cérebro e seu meio sociocultural afluído e transferido na forma de conhecimento. É essencial utilizar essa estratégia metodológica numa abrangência laica abrindo um leque de oportunidades culturais como: teatro, oficinas, ateliês de pintura, de marionetes, fantoches, desenhos, dramatização, contos, contagem, deixando a imaginação expressiva fluir sem haver limitações as criações dos educandos de executar as atividades propostas com enfoque na produção indispensável do aprender fazendo numa perspectiva construtivista.

Numa outra ótica vem o campo sonoro da poesia, além dos seus plurais saberes já referidos ao epistemológico¹⁷ como: o ritmo, a melodia um fator fundamental. Perceber os sons, a tonicidade pode ser feita mediante a utilização da sensibilização da cultura musical quando se faz intervenção da poesia na forma sonora, sendo esta uma percepção marcante na poesia brasileira, sobretudo após a semana de arte moderna ou o famoso movimento cultural modernismo, sendo expressivo o apoio ao material ou conteúdo sonoro da tradição oral, norteando-se as obras nos repentes, cantoria, música populares de raiz regional e,

¹⁷ Reflexão sobre a natureza, o conhecimento e suas relações com entre o sujeito e o objeto; teoria do conhecimento.

principalmente folclórica como bem é por natureza existencial conhecida a poesia como ferramenta de expressão de comunicação social no seio escolar.

A prova dessa união entre palavra e canção com sucesso ao aprendizado real e com perspectiva sucinta a novas aprendizagens veremos abaixo no texto do poeta.

A percepção deste cruzamento da palavra e da canção é, aqui, ponte para toda uma exploração ao nível dos textos musicais já conhecidos das crianças em outros contextos. O casamento dos dois textos, por sua vez, propicia o clima para outras criações. É o caso, também, do conhecido poema “Na rua do sabão”, de Manuel Bandeira, que inicia com os versos:

Cai cai balão
Cai cai balão
Na rua do Sabão!

E se apoia em tradicional cantiga junina. O apoio no melódico, recorrendo ao repertório já conhecido das crianças, promove a associação da poesia à música, aliás, sua forma primitiva (AVERBUCK, 1991, p. 77).

A fusão ou cruzamento da poesia falada, a palavra escrita e a poesia cantada, aparecem como fonte, luz e aporte a toda exploração ao nível dos poemas musicais conhecidos dos educandos por fazer parte do seu cotidiano, da sua cultura, sendo uma oportunidade fértil para distintas criações advindas desse pressuposto didático. Aqui fica evidente que se apoiar naquilo que a criança já sabe como é o caso da tradicional cultura junina, as cantigas, a música permitindo leituras auditivas e possíveis compreensões diversas às crianças.

Se fundamentar na melodia, recorrendo as cantigas já familiarizadas com as crianças, transcreve uma etapa de associação da poesia para a música, cabe ressaltar que no Brasil a poesia oral teve sua origem de ser e existir com marcas expressivas até os dias atuais, grande parte de nossos poetas tiveram seus textos cantados, exemplo: Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Nando Reis, Toquinho, Luiz Gonzaga, cazuza e outros.

“O que a linguagem poética faz”, escreve Huizinga, “é essencialmente jogar com as palavras. Ordena-as de maneira harmoniosa, e injeta mistério em cada uma delas, de tal modo que cada imagem passa a encerrar a solução de um enigma” (AVERBUCK, 1991 apud HUIZINGA 1971, p. 79).

Na visão do autor o que é feito na linguagem é, simplesmente o jogo com os sons das palavras. Numa ciranda ordenada de maneira harmônica, e introduz um ar misterioso em cada uma delas, deste modo cada representação se traduz em encerrar, descobrir um segredo enigmático implícito no interior das poesias combinando seus sonetos filarmônicos¹⁸. No

¹⁸ Agremiação, sociedade musical ou orquestra sinfônica. No texto se refere a harmonia em criar.

entanto, assim abordamos sons alfabéticos os fonemas sem necessitar repeti-los mecanicamente, mas com lucidez e beleza poética na escola combinando sons idênticos em um jogo mental perceptivo.

Os “jogos surrealistas”, as “palavras que puxam palavras”, as associações aparentemente mais absurdas são exercícios de imaginação, de quebra de uma rotina, ainda que dentro dos limites de uma linguagem. É por isso que a poesia se faz ao mesmo tempo como universo de liberdade e de limitações. O importante, neste exercício de imaginação, é que a criança descubra seu poder e o exerça, estimulada pela poesia e pelo professor. Na verdade, o texto funciona, neste passo, como pretexto lírico para o seu caminhar (AVERBUCK, 1991, p. 79).

Ver arte nas palavras com “jogos surrealistas¹⁹” na brincadeira de “palavras puxar palavras”, combinações que parecem esquisitas, é imaginações exercitadas na mente e incorporadas fisicamente como texto. Esta dinâmica moderna inovadora sai do habitual, mesmo estando nos limites circuncidantes da linguagem. Nessa linha é que a poesia se faz bilateral em ser liberdade e ao mesmo tempo limitação.

É significativo nesse processo de imaginação, que a criança possa descobrir seu poder e usufrua dessa sabedoria, com estímulo mediador do professor. Nesta direção, o texto exerce uma força grandiosa capaz de ter um contexto lírico para sua caminhada autônoma. Nessa visão de autonomia vem à escola com potencial unicamente social e humanístico atuando especificamente no psicológico para daí aderir as demais aprendizagens numa perspectiva dialética transformadora.

É aí que podem surgir os ensaios de criação, de composição de outros textos, em que o professor poderá ver, nos alunos, não outros “poetas” (o que seria um equívoco), mas a possibilidade de expansão criadora da criança através de sua palavra. A meta desta etapa é a de expansão da criação. A da qualidade da linguagem só virá com o tempo, com o exercício, a leitura, a mestria da linguagem poética, fruto de amadurecimento emocional e cultural (AVERBUCK, 1991, p. 79).

Nesse contexto que surge às bases e ensaios para os primeiros sinais de criação autoral, compondo assim outras tipologias textuais, deste modo o professor enxergará o lado escritor do aluno, pois o grande propósito é esse estimular por meio da cultura poética conhecimentos amplos aos educandos envolvidos nesse processo dialético descobrindo os ricos estados poéticos.

O objetivo desse módulo é a expansão generalizada da capacidade de criação. O ganho qualitativo da linguagem vem com a experiência com vantagem notável ao vocabulário com o

¹⁹ Movimento artístico e literário de origem francesa, caracterizado pela expressão do pensamento de maneira espontânea e automática, regada apenas pelos impulsos do subconsciente, desprezando a lógica e renegando os padrões estabelecidos de ordem moral e social.

tempo, com o treino, a repetição na busca incessante da perfeição ou competência básica a produzir escritos diversos com coerência a seu nível intelectual exigido. As demais competências como: a leitura, a mestria ritmada particular da linguagem poética, advindas da maturação emocional e, cultural dos seres englobados nesta zona proximal²⁰, venham se solidificar plenamente como fazedouros de suas novas aprendizagens, embasando-se em toda grade sociocultural, herdados do conceito poesia e sua importância no contexto escolar.

Essa percepção pode ser desenvolvida, através do exercício, do reconhecimento dos textos, da leitura de poemas diferenciados graficamente. Não é preciso muito esforço por parte do professor para que as crianças se apercebam das diferentes possibilidades da frase disposta diferentemente no papel. Num poema como “As meninas”, de Cecília Meireles, em que se vê:

Arabela	E Maria
abria a janela	apenas sorria:
Carolina	Pensaremos em cada menina
erguia a cortina	que vivia naquela janela:
E Maria	uma que se chamou Arabela,
olhava e sorria:	outra que se chamou Carolina
“Bom dia!”	
Arabela	Mas a nossa profunda saudade
foi sempre a mais bela	é Maria, Maria, Maria
Carolina	que dizia com voz de amizade:
A mais sábia menina.	“Bom dia!”

(AVERBUCK, 1991, p. 80 e 81).

Cabe ao professor o grande papel de selecionar, acolher, apresentar textos diversos escritos graficamente, com essa abordagem estimular a percepção do reconhecimento dos poemas, de comparação e de identificação como vemos no poema “as meninas”, de Cecília Meireles.

Dando a oportunidade de leitura, liberdade, criatividade até mesmo para ler e criar nas bordas suas intervenções artísticas, como bem aponta Mario Quintana (1975) “ao dizer que os livros de poemas deveriam ter sempre margens grandes para as crianças desenharem”. Não há como dissociar as obras artísticas plásticas da poesia, pois a visualização permite leituras e entendimentos distintos as crianças inseridas no âmbito da escola no desencadeamento de uma evolução constante na sala de aula que se usa uma ação metodológica nova e ativa.

Redigir o texto no papel é um elemento de importância e um rico significado para os alunos. O gênero poesia brasileira modernista, fazer procedimentos é de extrema facilidade executá-los e, é, no entanto, papel do professor introduzir na escola os aprendizes nessa esfera

²⁰ Zona de desenvolvimento proximal (ZDP) É um conceito central na Psicologia sociocultural ou sócio-histórico, formulado originalmente por Vygotsky, na década de 1920. ZDP é descrita como a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver tarefas de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial.

de conhecimento em produzir suas poesias para o papel, vivendo com os alunos o mesmo que os poetas criando em seu espaço escolar. Dar atenção de compreender os textos poéticos é sem dúvidas atribuição do professor na sala de aula na modalidade metodológica “oficina poética”.

Para tanto, poesia de escritores modernistas, como é o caso do Oswald de Andrade ou Cassiano Ricardo, trazem um material abundante para serem explorados na escola e na construção de saberes essenciais. Vale reafirmar que a poesia se manifesta em várias facetas, sendo um elemento social multifacetado e essa riqueza cultural é uma fonte fecunda de conhecimentos salutares a formação humana integral na escola.

Associada a outras formas de dizer como o teatro, a declamação, a música, a expressão visual e escrita, a poesia na escola pode cumprir, portanto, um papel integrador na medida em que, apoiando-se na palavra do aluno e do poeta, busca a essência da expressão do homem. Por sua ação sobre os processos emocionais (inconscientes), ela desencadeia, se favorecida a liberdade de criação, a liberação do “eu”, a descoberta de outros espaços até então ocultos para o próprio aluno, que se descobre, e, assim, se desaliena. Este trabalho se faz, portanto, no processo de fluxo da leitura, do dizer, da reflexão, da descoberta, da recriação (AVERBUCK, 1991, p. 82).

A poesia em suma é uma arte, uma ciência metamorfose abrangente com tentáculos e ramificações pelo teatro, a música, as cantigas, a declamação, a expressão das artes plásticas visuais e textuais, na escola a poesia deve ter como missão, para tanto, a finalidade de integrar, sobretudo por se apoiar na realidade, no prévio e na palavra dos alunos, dando relevância a sua cultura como fonte rica, servindo de aporte extremamente fértil para criação poética e novas aprendizagens.

Sendo relevada nas construções textuais a essência da comunicação das pessoas. Por agir, principalmente nos sentimentos e na sensibilidade (inconscientes), a mesma possibilita o desencadeamento, se esta for beneficiada a liberdade e os processos criativos, a manifestação daquilo que está dentro de cada ser, vislumbrando novas descobertas, invenções no ambiente escolar pensante e criativo, dando total liberdade a descobrir espaços distintos para todos os campos intelectuais que se exija produção escrita quaisquer.

É possível que a abordagem a acerca do gênero em discussão abre os olhos dos alunos, mostrando outra “leitura” do mundo antes oculto dos próprios discentes inseridos no processo ensino e aprendizagem dialética e sociocultural, nesta dinâmica o aluno desvenda mistérios implícitos nas palavras no jogo divertido dos sons, seria uma luz, um brilho incandescente que reluz vindo como o iluminismo, “algo divino”, sublime desalienando abrindo horizontes.

Essa ação se faz, no entanto, durante o processo de fluidez da leitura praticante cotidianamente, do falar, do fazer, da autorreflexão, da criatividade, da diversão recreativa, do descobrir, da ação dialética em modificar num movimento gradual e prazeroso.

Portanto, após esta investigação bibliográfica com as contribuições de grandes pensadores do gênero em análise, podemos afirmar todo poder eminente nas vias da poesia e suas formas plurais de ser, além das colaborações que o gênero traz para o campo do desenvolvimento humano integral, por tudo que está registrado nesta obra científica.

Vale ressaltar que todos esses fenômenos citados acontecem no contexto escolar, será a escola o palco desta transformação se, assim for definida uma ação metodológica norteada nos moldes poéticos. Consequentemente, favorecer a inserção, a imaginação, a fantasia, a sensibilidade, a sonoridade, a melodia, a rima, a rítmica, a criticidade, o aprendizado multitridimensional²¹ que o homem enquanto ser sociocultural carece.

Mas, por que o emprego da poesia no âmbito escolar? Quanto a isso, Pinheiro esclarece que é por que “a poesia tem a ver com a expressão do sentimento e da emoção: e esse sentimento e emoção são particulares, ao passo que o pensamento é geral” (ARAÚJO, 2012 apud PINHEIRO, 2000, p. 21).

Com vistas a uma formação, verdadeiramente humana na contemporaneidade atual. Outro componente indispensável no trabalho com literatura poética no contexto escolar é, sua essência cultural interacionista potencializando lecionar, numa visão estratégica interdisciplinar, trazendo capacidades, habilidades variadas e, ao mesmo tempo vendo o discente como um ser único, parte de um todo na esfera global e planetária, por isso a importância da poesia no âmbito escolar.

Com responsabilidade social, cidadã, econômica, religiosa, cultural, biológica, ambiental, histórica, geográfica ou a junção dos conceitos num só tema a poesia como ferramenta interdisciplinar fomentando ensinamentos humanos integrais. Como bem colabora a concepção da autora abaixo.

(...) É por isso que, assim praticada, a poesia, não se espere que ela ensine nem as boas maneiras, nem o bom senso, nem a “bela linguagem”. Ela não busca necessariamente, mas ela fala do “interdito”, do oculto. E é por esta via que ela se estabelece como prática privilegiada da liberdade, espaço individual e forma de aprofundamento das relações sociais. Seu pleno desenvolvimento na escola só se realizará, contudo, no limite da alteração das regras escolares, da reformulação integral da forma de conceber a criança, o homem e seu papel no mundo. Por aí, supomos, se estabelecerão novos caminhos (AVERBUCK, 1991, p. 83).

A mágica implícita nas entrelinhas da poesia é seu caráter oculto, desse pressuposto sobressaem às raízes estabelecidas ao gênero, como prática libertadora privilegiada ao fazer

²¹ A Característica de algo ou alguém que possui muitas facetas, ou seja, diferentes faces, ângulos e lados. O termo é empregado referente ao aluno ser capaz de agir multiplamente, agindo como ser pensante, responsável, sustentável com foco no desenvolvimento integral e sua existência na terra crítico, consciente.

abrir os olhos, trazendo brilho ao obscuro, clareza e amplitude crítica do aprofundamento nas relações sociais.

A quebra de um paradigma de regras embasado, sobretudo na liberdade poética preconizada a partir da semana de arte moderna liderada por Oswald de Andrade é, que se dar o desenvolvimento pleno das crianças a possibilidade de liberdade de pensar, criar, inventar e aprender a fazer como bem indica um dos pilares da educação.

A tomada de decisão apoiada nesta perspectiva metodológica na escola é indispensável ao ambiente inventivo. Criativo, pensante e produtivo. A alteração das regras de produzir novos textos na escola, na compreensão sensível de entender a criança numa reformulação integral, o homem em si e sua função social no mundo. Daí, acreditamos que surjam novas aprendizagens se estabelecendo novos caminhos aos padrões educacionais com uma sala de aula viva, ativa e significativa para os educandos.

Por se tratar de algo sublime que estimula os mecanismos subjetivos de grau sentimental, autoestima, emoção Rosenfield colabora a seguir:

A Subjetividade surge como uma característica marcante do eu lírico segundo Rosenfield, “Pertencerá a lírica todo poema de extensão menor, na medida em que nele, ao contrário, uma voz central- quase sempre um “Eu” - exprimir seu próprio estado de alma” (ARAÚJO, 2012 apud ROSENFELD, 2008, p. 17).

Um fator preponderante no trabalho com poesias curtas é sua subjetividade e seu teor lírico, revelando sempre um carácter sentimental, emotivo que esboça a revelação da alma do ser envolvido do “Eu” numa demonstração de revelar o que há dentro de cada ser, a criança vive num mundo fantasioso de entender a sua volta do seu modo, assim, vem lírico poético com seu encanto transparecendo o que há dentro de cada indivíduo interagindo leitor e escritor por vias subjetivas.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

3.1. ABORDAGEM DA PESQUISA

A motivação para a realização dessa pesquisa surge pela inquietação de enquanto professor de sala de aula necessitar de uma ação metodológica que contemple o ser humano no seu desenvolvimento integral, incluindo diversos recursos metodológicos dentro de uma mesma aula. Possibilitando que haja dinamismo, inclusão, participação. Pois o trabalho com o gênero poesia tem variadas etapas no processo de ensino aprendizagem construtivo cotidiano. Porém, as razões podem ser de ordem prática por ordem intelectual. O desejo do conhecimento faz estimular a busca por investigar tais práticas de leitura com o intuito compreender as contribuições de várias ciências no processo de aquisição da leitura. Para o desenvolvimento deste trabalho é preciso que o pesquisador tenha sensibilidade social, criatividade, perseverança e confiança na experiência. Por se tratar de uma pesquisa-ação participante a qual envolve os sujeitos do meio em que se encontra inserido. Como afirma o autor a seguir,

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1985, p. 14).

A pesquisa participante proporciona poder interagir com o público pesquisado como professores, estudantes e o pesquisador de forma mais ativa durante a pesquisa, com o intuito de aplicar métodos de leitura por meio de uma prática interdisciplinar, transversal e contribuir para a valorização desta prática educativa. Este tipo de pesquisa será de grande valia, pois, Todavia, a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnica ou outro (THIOLLENT, 1985).

Sendo, assim a pesquisa participante será útil a partir do momento em que esta permite o envolvimento dos dois universos científicos, populares e da ciência dominante por meio de comprovação experimental. Ou seja, o conhecimento de mundo derivado do senso comum aliado a interpretações e práticas científicas comprovadas.

Esta forma de aprender, e viver de conhecimento do senso comum contribui para as pessoas desovelarem práticas de trabalho, estimulando sua criatividade de acordo com as suas vivências de mundo transformadas em saber construtivo numa dialética. Coletar as

informações através desta metodologia permitirá ao pesquisador mais interpretações sobre as práticas de leitura as quais envolve a relação estudante-escola.

Nesta pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico o qual contribuiu para ser útil na identificação de práticas de leitura existentes no meio educacional, buscando as fontes que tratam do tema a ser pesquisado, bem como os conceitos de leitura e quais os desafios de uma prática transversal interdisciplinar por surgir da sociedade os temas vividos na dinâmica pedagógica. Verificando o que foi escrito sobre e como podemos contribuir para a área pesquisada.

Este estudo consistirá em uma pesquisa de viés qualitativo, por privilegiar processos de análise de dados, estudos sociais e em grupos. Segundo Minayo (2013, p. 57).

Segundo Liebscher (1998), a abordagem qualitativa é viável quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e de difícil quantificação. Dessa maneira, exige do cientista social aprender a observar, analisar e registrar as interações no ambiente e entre as pessoas, saber identificar as subjetividades e interpretar os materiais coletados.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA

Figura SEQ Figura * ARABIC 1 - Escola Municipal Professora Luzanira Maria da Costa Cruz



Fonte: Próprio autor (2020)

A Escola Municipal Professora Luzanira Maria da Costa Cruz, fundada em 25 de Novembro de 1993, situada na Rua Antônio Moreira, s/n, no bairro de Passagem de Areia no município de Parnamirim-RN, dispendo de sede própria situada na Zona Urbana, a comunidade atende uma clientela com faixa etária entre 6 (seis) e 15 (quinze) anos, nos dois turnos matutino e vespertino, sendo a comunidade localizada numa região de muita vulnerabilidade social, os discentes residem no bairro ou adjacências, geralmente, vindo pra escola com os pais, familiares, sozinhos, e responsáveis a pé, de bicicleta, carroça, moto ou carro.

Nesta unidade de ensino é ofertada o Ensino Fundamental I, funcionando em dois turnos matutino e vespertino. Após 14 anos de suas atividades iniciadas, durante o governo de Agnelo Alves a escola passou por uma reforma de ampliação em 2007. Atualmente sua estrutura física é composta por uma secretaria e arquivo, sala de direção, sala de coordenação, um laboratório de informática, uma sala de leitura, nove salas de aula, dois banheiros para os profissionais, quatro banheiros para os estudantes, uma cozinha, um almoxarifado, sala dos professores e o espaço do pátio coberto. Para o desenvolvimento das atividades, a equipe é composta por 38 funcionários. Sendo destes dois porteiros, três auxiliares de serviços gerais, quatro merendeiras, uma diretora, duas coordenadoras, três secretárias, duas mediadoras de leitura e quinze professores.

Atualmente, a escola atua funcionando nos turnos vespertino e matutino com um quantitativo de 393 estudantes regularmente matriculados. Possui dois projetos um intitulado: Luz, câmera, educação é o projeto principal da instituição. E o projeto de leitura literária A Trupe da Emília desenvolvida pelas mediadoras na sala de leitura. Com o objetivo de estimular o prazer pela leitura livre e espontânea, despertando o interesse dos estudantes, bem como realizando atividades extras escolares na comunidade e nos órgãos do município.

O campo da pesquisa ocorreu na citada escola, que após autorização da direção da referida escola, através da carta de anuência, Termo de Consentimento, iniciei os trabalhos de coleta de dados.

Foram selecionados para a pesquisa os professores que atuam na modalidade do ensino fundamental anos iniciais (1º ao 3º ano), que correspondem a 7 profissionais pesquisados, os critérios utilizados foram os seguintes: trabalhar na referida escola, estarem atuando em sala de aula do 1º ao 3º ano, e aceitarem de livre e espontânea vontade a participar da pesquisa em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em anexo.

Os instrumentos usados na coleta dos dados foram através da aplicação de um questionário com perguntas fechadas e abertas num total de 14 questões, aplicadas no mês de Novembro/2019.

O questionário (apêndices A) foi aplicado com a finalidade de identificar os hábitos de leitura dos docentes, sua utilização dos recursos de paradidáticos e gêneros textuais para as práticas de leitura, investigar as teorias que estão presentes nestes processos de leitura, e as metodologias desenvolvidas pelos docentes na sala de aula para estímulo da leitura literária. É importante perceber que o papel do professor é ser um mediador, que venha contribuir com práticas transversais leitura e incentivar o aprendizado de forma interdisciplinar e participativa com os educandos.

CAPÍTULO IV

4. RESULTADOS

4.1. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Ao longo das experiências vividas didaticamente falando na árdua tarefa de sala de aula, no contexto da escola pública com tantas diversidades e demandas, mais precisamente sociais, econômicas, culturais, familiares, religiosas, políticas, literárias, lazer, segurança, ambiental, emocional, psicológica, direito e outros fatores indispensáveis ao desenvolvimento humano integral. Surge a necessidade de uma prática metodológica ativa, que contemple principalmente a condição humana e social, com um propósito fundamental de garantir o aprender de maneira alegre, prazerosa, divertida, lúdica, criativa, viva, ativa, brincando, valorizando o que há de mais nobre na cultura e no prévio dos educandos.

Sabendo de todas as capacidades e potencial inerentes ao pressuposto poesia por tratar-se de uma forma didática fantástica ampla por ser rica em conteúdo, os quais possibilitam uma educação de qualidade que trabalhe a condição humana afetiva, sociológica elencada nas competências atuais dos documentos que rege a educação no sentido macro educacional administrativa no Brasil. Nos aspectos físicos, emocionais, intelectuais e sociais.

Vendo o chão da sala de aula como um ambiente construtivo de aprendizagens relevantes para os educandos, numa perspectiva total, ou melhor, dizendo educação numa ótica integral e inclusiva, onde haja a sensibilidade de perceber na teoria da pedagogia a aprendizagem significativa uma oportunidade fértil de por meio da sua vida sociocultural, sua “leitura” da realidade, gradualmente construir seu conhecimento numa descoberta com mediação do professor e seus reais potenciais embasados no seu empirismo e no seu processo de viver como indica a teoria Deweyana preconizando a educação para o processo de viver.

A partir dessa abordagem vem o direito de aprender e o desenvolvimento integral dos alunos como bem preconiza a BNCC, esse objeto de conhecimento é um elemento capaz de favorecer habilidades distintas e, atuação plural em diversas áreas como: a música, as cantigas de roda e ninar, as brincadeiras orais, a oralidade, a rima, a socialização, o escrever, o brincar com as palavras, a rítmica, a inventabilidade, a criatividade, a curiosidade, o raciocinar, o imaginário, a mágica do faz de conta, o jogo, o pensar, o comparar, a hipótese, a sonoridade, a linguagem, a interdisciplinaridade, a leitura, a escrita, a compreensão, a interação, o aprender, o ouvir, o recitar, a cadência, a melodia, a inovação, a dramatização, a fantasia, a transversalidade, os contos, os movimentos, corporais, a arte e as tecnologias.

4.2. METODOLOGIAS ATIVAS

A seguir apresentaremos algumas práticas de experiências vivenciadas na dinâmica de sala de aula no transcorrer de dois anos arquivando materiais produzidos na ação metodológica no laboratório vivo; a sala construindo com os alunos testando o método na realidade e aprovando, pois, os resultados são satisfatórios. Como forma de contribuição no processo dialético de ensino e aprendizagens significativas e metodologias ativas. Tais atividades fomentam habilidades do campo epistemológico dos alfabetizados no tocante as suas faculdades mentais, a oralidade, a leitura e escrita. Principalmente, no trabalho interdisciplinar visando o princípio maior que é fazer aprender, crescer, desenvolver-se integralmente nos campos físicos, mentais, sociais, sustentável e multidimensional.

Na nossa pedagogia, o ensino se constrói por mediação adulta como prega as teorias Vygotskianas na sua teoria da zona de desenvolvimento real e proximal. Porém temos a vantagem de oferecer mediação com sentido significativo e conexão com as crianças, por falar de algo natural de sua vida que é a magia poética, dando oportunidade de imaginar as mensagens implícitas nos textos, a fantasia, a imaginação, a criatividade, a inclusão em fazer crianças participarem da construção do seu saber, a ludicidade, o físico, o pensar, a criação, a alegria de brincar, correr, pular, pintar, competir, inventar, compreender e fazer suas inferências ao interagir com o autor, o dramatizar, a rimar, o cantar, o comparar, o jogar, o inventar entre outras habilidades salutares a educação e a vida, aprendendo de modo construtivo, ativo embasado no seu conhecimento do viver, no seu mundo, em sua realidade local com simplicidade e, acima de tudo estimulando o intelecto dos discentes com alegria pertinente ao universo das crianças que são vivas e ativas por natureza.

Indicar um caminho, uma direção que vem dando resultados positivos na construção das bases educacionais, onde esta ação vem sendo executada é relevante por termos a contribuir com uma educação de qualidade, um anseio tão esperado em nosso país, sabemos que nossa história educacional não é fácil e, temos pouco tempo de redemocratização no país, é urgente melhorar os níveis de aprendizagens dos nossos alunos uniformemente na educação básica precisamos oferecer educação de qualidade, fazendo o alicerce para ter sucesso nas outras etapas da vida escolar posterior, para termos consequentemente melhores resultados subsequentes nos demais níveis de escolaridade, assim como ter a longo prazo uma melhora na qualidade de vida da sociedade.

Sabemos que uma educação igualitária, justa garante bem estar e sucesso sustentável aos indivíduos, a prova disso é a BNCC hoje apontar como objetivo primordial o aprender, o desenvolvimento integral dos nossos educandos e uma educação para à vida.

O trabalho com leitura deve ser uma contínua, especificar a poesia em uma ação estratégica de ensino e aprendizagem é muito salutar, encanta e fascina as crianças despertando sua curiosidade, criticidade, perguntas, como por exemplo: os porquês? Discursões, certa vez um aluno perguntou: quantas pernas tinha a joaninha e quais suas cores? lançamos o desafio de eles em casa pesquisar. O resultado foi surpreendente eles relataram para a turma que as joaninhas tem 6 (seis) patas e tem joaninhas de muitas cores, inclusive na Austrália tem a joaninha amarela. Hipóteses, pesquisas, inquietação, inspiração as crianças começam escrever espontaneamente, pelo fato de querer produzir, construir e desconstruir rimas faladas ou escritas, expor na parede. Li o texto da **Joaninha** para a classe expos o texto em um mural, no outro dia o aluno: Jadson, trouxe uma poesia autoral também falando da joaninha, numa outra visão de criança a seu modo, digitei o texto e expomos no mural, assim muitos viram e queriam participar virando uma corrente espontânea de escrita livre, objetivando lecionar croquis, planta baixa, números ordinais, contagem, dígrafos, compreensão, sequência, análise textual, desenho, pintura, produção textual pictográfica e escrita, música, recitar, dramatizar, seres vivos invertebrados e ou vertebrados, moradias e etc. Tudo de forma transversal e interdisciplinar, esses objetos de conhecimento forma abordados sem usar gramáticas propriamente dita, o dígrafo 'nh' e outros sons simples e complexos são entendidos por combinação de sons iguais comparação, semelhança, percepção.

Os benefícios de se lecionar com poesias na dinâmica de sala diária justifica-se, por favorecer momentos diferentes na ação metodológica e em construir um ensino e aprendizagem verdadeiramente, significativo. Inclusivo justamente, por estarmos trabalhando com alunos heterogêneos no tocante a sua cultura e seus níveis de conhecimentos variados e, muitas vezes terem defasagens na aprendizagem ou estarem habituados ao modelo de ensino que se pauta de um método passivo, onde o aluno senta, escuta e copia sem interagir produzindo mera xerox.

Vale registrar uma sequência didática das aulas aplicadas no cotidiano. Ao iniciar fazemos uma atividade de alongamento estimulando hormônios oxigenando o cérebro com o intuito de trazer os estudantes para o momento de sala de aula mais relaxados, tornando o ambiente mais agradável. Consolidamos o que fizemos na aula passada para haver sempre conexão e continuidade dos conteúdos, explicamos o que iremos fazer, declamamos (lendo, cantando, contando, tocando e etc.). Discutimos sobre o assunto em circulo imagem, fazemos tarefas na lousa sobre a compreensão dos textos, pedindo que eles desenhem e escrevam por

garantir que tanto os alunos pré-silábicos, como os alfabetizados possam participar incluindo todos numa dinâmica inclusiva, sabemos que toda criança começa seu processo de escrita pelas garatujas, formas cônicas, pictogramas que é a representação das coisas reais, vindo a falar, os sons e conseqüentemente a escrita ao pronunciar, ouvir e pensar para possivelmente escrever suas primeiras palavras com os grafemas que representam os fonemas de nosso idioma.

Abordamos os poemas de forma interdisciplinar com tarefas como acróstico, listas de palavras, dinâmicas, jogos competitivos, palavras que rimam, frases, textos etc. Esse trabalho objetiva desenvolver não poetas, mas sim estimular o pensar e o escrever, o aprender.

Construímos oficinas dando ao aluno oportunidade de interagir com o texto de forma palpável, manipulando, pensando, criando, inventando construindo concretamente objetos, brinquedos, deixando cada aluno viver a poesia, vivenciando na prática a realidade do que diz o texto, vimos que quando os alunos vão fazer alguma tarefa fora de sala, ao voltar suas produções tem uma melhor qualidade, pois ele viveu o texto, se apropriou com maior interação de maneira altera.

Quando o texto envolve atividades como brinquedos e brincadeiras, vamos ao pátio realizar atividades de movimento e interação entre poesia e o aluno, oferecendo diversidade didática, desenvolvimento integral por inserir os discentes em tarefas diferenciadas no decorrer da aula deixando o ambiente alegre, prazeroso e construtivo, inclusivo por incluir dentro de sala os distintos níveis de aprendizagens ali presentes que contemplam psicomotricidade, lúdico, cultura, pintura, conteúdos variados, movimento, aprendizado, descoberta, invenção, criatividade, arte plástica, musicalidade e etc.

Ainda vale salientar um momento importante da sala, cantamos muitas poesias em círculo, tocando com instrumentos produzidos com recicláveis como: chocalho, triângulo, zabumba, usamos áudios, vídeos e etc. Esses momentos são únicos trabalhamos leitura, escrita, compreensão, realidade sem necessariamente, utilizar um método passivo, decoreba, decodificador isolado discrepante muitas vezes longe do prévio dos educandos que mais nega do que afirma a aprendizagem. A poesia surge como luz, nasce das vertentes populares e estar presente na cultura desde que nos entendemos por gente, seja na literatura seja na música por meio da aliteração, bem comum nas cantigas folclóricas que as crianças já sabem.

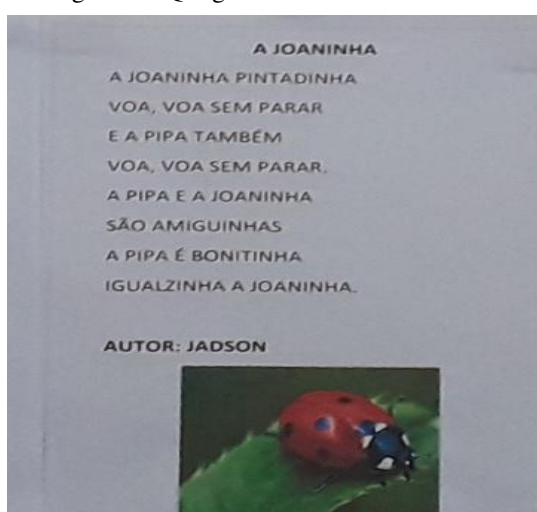
Portanto, podemos dizer que as metodologias ativas auxiliam para uma quebra de paradigma rompendo com um modelo arcaico e apontando direções de que é necessário pensar a educação nos moldes do mundo atual, se vivemos na era tecnológica é relevante ofertar todas as possibilidades de buscar uma metodologia que pense o aluno como ser social com muitas demanda, e que aprender, desenvolver-se é mais que fundamental, cabe à escola, o professor

estudar evoluir ou ficaremos para trás e, isso significa na sala de aula atuar com modernidades capazes de atender as demandas do mundo tecnológico atual.

Por isso, utilizar o gênero poesia por ser nato das raízes do povo, das coisas que mostram as cores, as formas e o mundo a nossa volta, sendo moderno, pois podemos usar a poesia pra trabalhar múltiplos temas, basta ser sensível e entender seu potencial didático na construção de metodologias que se fundamentem em transformar de modo lúdico, criativo e dialetizador.

Dinâmicas de sala de aula produção dos alunos:

Figura SEQ Figura * ARABIC 2 - Texto



Fonte: Acervo do autor (2019)

A Joaninha

A joaninha pintadinha

Voa, voa sem parar

E a pipa também

Voa, voa sem parar

A pipa e a joaninha

São amiguinhas

A pipa é bonitinha

Igualzinha à joaninha.

Autor: Jadson

A joaninha

A joaninha pintadinha

Conta, conta sem parar

Sobe, sobe a escadinha

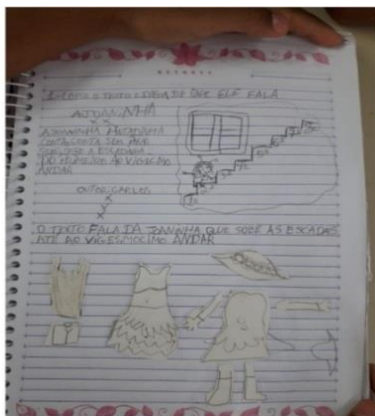
Do primeiro ao vigésimo andar.

Autor: Carlos Alexandre

Figura 3 - Interpretação da poesia



Figura 4 - Produção artística com croquis



Fonte: Acervo do autor (2019)

Na figura 02 (dois) no 1º momento: realizamos a leitura da poesia “A Joaninha” oralmente recitando para os discentes e o aluno Jadson fez o texto espontâneo; no 2º) momento: com instrumentos de percussão feitos com material reciclável cantamos o texto no ritmo da cantiga atirei “O Pau no Gato”; 3º) momento: conversamos sobre a análise do texto oralmente e fomos fazer atividade de quadro escrever e pedir para os alunos encontrar a palavra joaninha no texto observando outras palavras que tenham terminação sonora igual rimando, assim como também pedimos para os educandos desenhando e escrevendo mostrando a compreensão do texto de forma escrita e pictográfica oportunizando inclusão a todos os alunos participarem de acordo com seu nível de aprendizagem, produzimos rimas e poesias; na figura 03 (três) no 4º) momento: fizemos a tarefa no quadro pedindo para os alunos desenharem croquis do vestuário feminino e masculino e escrever os nomes das peças, estimulando a criação estilística o trabalho psicomotor, como se ver na figura 04.

Biloca de Vidro

Gira biloca rola no chão

Rola na areia feito pião

No piso na grama,

cai no buracão

Tila que tila

É só emoção

Menino ou menina

De biloca na mão

Sorriso no rosto

É só diversão.

Autor: Carlos Alexandre

Figura SEQ Figura *

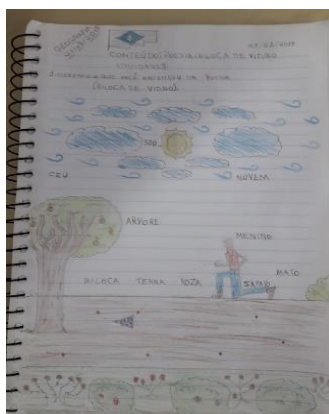


Figura SEQ Figura * ARABIC 6



Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura 7 - Meninos jogando tacobol



Figura 8 - Meninas jogando tacobol



Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura SEQ Figura * ARABIC 9 -



Figura SEQ Figura * ARABIC 10 -



Fonte: Acervo do autor (2019)

Verificamos que na figura 05 (cinco) no 1º momento: expomos a poesia “A Biloca de Vidro” em um cartaz e fizemos a leitura coletiva refletindo sobre o teor da poesia e, onde e como é feita a biloca, quem a produz? (fábrica, emprego e profissões); no 2º momento: no quadro pedimos para os alunos fazer análise textual desenhando, escrevendo e pintando o que entenderam do texto; 3º momento: saímos da sala para realizar a dinâmica do triângulo com várias bilocas²² e outras brincadeiras lúdicas do conhecimento das crianças como se ver na figura 09 (nove); 4º momento: ao quadro pedimos aos alunos uma atividade de criar frases. Toda essa prática de maneira construtiva; 5º momento: realizamos com os alunos a dinâmica do tacobol²³, em dupla as crianças com um cabo de vassoura servindo de instrumento para manusear a bola de gude, disputam para fazer o gol, nas traves feitas com duas cadeiras e a biloca sendo a bola da disputa, aquele que fizer o gol primeiro continua na brincadeira vindo outro aluno jogar e, assim vai até todos participarem. Essa atividade também aconteceu usando ao invés da biloca um pano de chão e um papelão como se ver na imagem acima como visto nas figuras 07 (sete), 08 (oito) e 10 (dez).

As Bolas

Bola de meia, bola de papel
 Sobre da terra vai ao céu
 Bola de sinuca, bola de futebol
 Com um chute fez um gol;
 Bola de vôlei, bola de boliche
 O unicórnio dorme no beliche;
 Bola de tênis, bola de sorvete
 Joga o Dênis de capacete;
 Bola de neve, bola de sabão
 Voa, voa e cai no chão
 Bola de beisebol, bola de basquete
 É da rainha Elizabeth;
 A lua é uma bola
 O mundo é uma bola
 Que gira roda, roda sem parar

Figura 11 – Dinâmica do basquete



Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura 12 – Dinâmica do boliche



Fonte: Acervo do autor (2019)

²² Jogo com cinco buracos. Bola de gude. Brinquedo popular.

²³ Jogo criado no Brasil durante XVIII. São necessários dois tacos de tamanho médio, dois alvos e uma esfera. Nas dinâmicas usamos, biloca, pano e papelão.

Rola bola pra li

Rola bola pra lá.

Autor: Carlos Alexandre

Figura 13 - Releitura da poesia as bolas Figura 14 - Fazendo bolhas de sabão Figura 15 - Competição de bolhas



Fonte: Acervo do autor (2019)

Observamos, na imagem da figura 11 (onze), a atividade mostra uma dinâmica feita embasada na poesia “As Bolas” a qual estávamos usando a bola de basquete; no 2º momento: ficamos em círculo explicamos as regras da dinâmica aos estudantes, onde um iria jogando a bola para o outro trabalhando a psicomotricidade e quem deixar a bola cair é eliminado, até restar apenas dois e, um campeão ao final, repete às vezes que se fizer necessário; 3º momento: utilizamos o quadro para pedir que os alunos desenhem e escrevam sobre sua compreensão do poema fazendo a análise textual de modo pictográfico e escrito estimulando sua sonoridade, os níveis de escrita individual pintando, escrevendo palavras, frases e textos, sendo respeitando os diversos níveis de saberes heterogêneos existentes em uma sala incluindo todos numa ação de inclusão social divertida em que aprender seja o propósito maior e feito com os alunos protagonistas do seu fazer discente mostrado na figura 13 (treze); 4º momento: tarefa no quadro citar desenhando as bolas que aparecem no texto e a escrita do nome da bola preferida de cada um aluno e seu esporte predileto; 5º momento: utilizamos a dinâmica do boliche na sala com um a um aluno jogando a bola pra derrubar os pinos feitos com garrafas pet, a cada jogada é tabulado o número de pontos que o jogador fez, sendo os alunos quem computa no quadro colocando o nome do aluno e a quantidade de pontos de cada jogador, além de um pra arrumar as garrafas sempre que forem derrubadas. Ao final faz as contas e a contagem dos pontos com uma disputa entre os maiores pontuadores pra ter um campeão, evidenciados na figura 12

(doze); 6º) momento: sempre numa interatividade dos alunos com o texto foi realizada a dinâmica da bola de sabão, foi preparado previamente que os alunos trouxessem canudos e copinho para com água, detergente fazer as bolhas brincando e aprendendo mostrados nas imagens 14 (catorze) e 15 (quinze).

O Cavalo de Pau

Potoc, potoc, potoc...

Lá vem meu animal

Come capim

Chega passa mal

Potoc, potoc, potoc...

Meu cavalinho

Vem do matagal

Feito de cabo de vassoura

Ou pedaço de pau

Potoc, potoc, potoc...

Lá vem o cavalo sem perna

Será o cavalo marinho?

Ou o cavalo de Tróia?

Será um cavalo normal

Um cavalo que pula?

Um cavalo que corre?

Ou cavalo de pau?

Autor: Carlos Alexandre

Figura 16 - Aluno imitando o cavalo de pau



Figura 17 - Garotos brincando de cavalo de pau



Figura 18 - Produção textual e análise



Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura 19 - Garota brincando com carroça



Podemos verificar na imagem 18 (dezoito), do texto o “Cavalo de Pau” uma atividade feita na lousa. 1º) momento: oralmente recitamos a poesia para os alunos brincando como rimas, sons idênticos, discutimos acerca do texto para na sequência pedir para os discentes copiarem da lousa tarefa de análise do texto, onde eles devem mostrar seu entendimento sobre a poesia declamada, isso desenhando, pintando e escrevendo garantindo que todos tenham o direito de participar e aprender respeitando seus níveis de escrita e leitura seguindo a psicogênese da escrita e da leitura; 2º) momento: confecção de cavalos de pau físico, com cabos de vassoura, quengas de coco, cola, grampos, estilete, tesoura, cordão e caixa de papelão, uma carroça confeccionada de caixa e recicláveis por invenção de um aluno, dando oportunidade de cada aluno viver a fantasia de ser o “cavalo” que quiser ser brincando e aprendendo vistos nas figuras 16 (dezesseis) e 17 (dezessete); 3º) momento: discutimos as distintas funções do cavalo na sociedade sua história ao longo dos tempos até os tempos contemporâneos, cuidados com os animais, fizemos no quadro a tarefa de listar meios de transportes estimulando aprendizagens linguísticas (leitura e escrita) e outros conceitos interdisciplinares que fomentem o desenvolvimento múltiplos integral, figura 18 (dezoito); no 4º) momento: pedimos aos discentes que escrevessem com um acróstico palavras com os sons iniciais de cada fonema que formam o nome c-a-v-a-l-o, com a imagem cavalo fazer frases e textos conforme sua capacidade.

A Pipa

A pipa voa no céu
 Voa e balança
 Feito um carrossel
 De palito, linha e papel
 Corta o vento feito folha
 Sua rabiola é um pincel
 Pra lá e pra cá
 Pinta as nuvens
 Colorindo o céu.

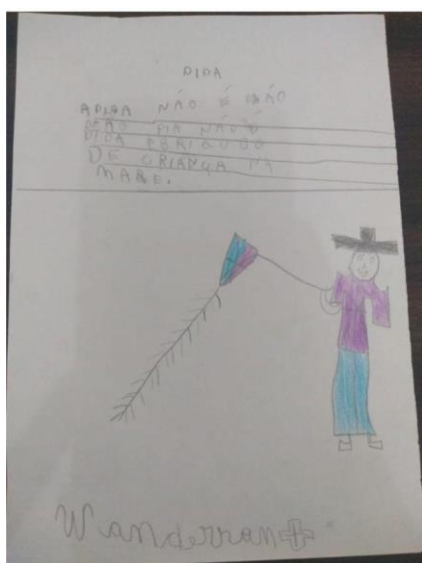
Autor: Carlos Alexandre

Figura 20 - Pipa feita em oficina



Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura 21 - Paródia feita pelos alunos



Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura 22 - Paródia feita pela alunos



Fonte: Acervo do autor (2019)

Pipa

A pipa não é pião A pipa não é brinquedo
 Pião pipa não é De criança da Maré.

Autores: Gabriel e Wanderson

Nas figuras acima utilizamos a declamação da poesia “A Pipa”. Neste 1º momento: fazendo uso da modalidade poesia oral que é muito forte no Brasil, principalmente pela expressão da linguagem na música, foi lida o texto por ser uma das brincadeiras mais utilizadas

pelas crianças, descobrimos sua origem aproximadamente cerca de 3.000 anos na china antiga, era usada com fim religioso num culto de achar que estariam nas alturas e, conseqüentemente, mais próximos de seus deuses e, instrumento de guerra à noite costumavam afugentar seus inimigos com luzes dentro da pipa vindo do céu de forma inesperada assustando os imponentes e avançando seus territórios, do ponto de vista histórico vimos sua importância para a sociedade, Benjamin Franklin²⁴ descobriu através da pipa o para raio, em um experimento por a pipa ser no ar atingida pelo raio antes de qualquer elemento na terra e viu que um arame fixo no ar funcionaria como para raio, Graham Bell²⁵ percebeu que a pipa flutuava nas ondas magnéticas do vento e a partir disso descobriu o telefone e, conseqüentemente toda a rede de telecomunicações existente na atualidade tecnológica, no campo da aviação a pipa foi responsável pelo primeiro voo do homem num instrumento voador e por fim como a pipa chegou ao nosso país com os portugueses; 2º) momento: atividade no quadro para fazer a análise textual e o que se entendeu do texto desenhando, pintando, criando e escrevendo uma paródia baseado na cantiga popular “caranguejo” mostrado nas figuras 21 (vinte e um) e 22 (vinte e dois); 3º) momento: imagem 20 (vinte) oficinas de pipas com os alunos construindo suas pipas e depois ir ao espaço externo da sala soltar vivendo a poesia de forma altera e interativa, 4º) momento: atividade oral de discutirmos sobre os rios do cerol para o aluno e terceiros, os lugares ideais pra soltar pipa, cuidados com a rede elétrica, os tipos de linha usada, o tipo de papel, o palito adequado, a rabiola seu tamanho, peso, medição e sua importância física no direcionamento da pipa no ar, por fim numa folha de papel A4 usamos outra poesia falando da pipa “A Pipa é da Pepita e o Pião é do Paulão” para lerem, ilustrar, comparar, escrever descrevendo os materiais que são necessários para construir o brinquedo pipa e tudo que ver na paisagem.

Podemos, observar o carácter interdisciplinar dessa ação metodológica na didática de ensino, diante do processo de fabricação do saber arraigado aquilo que faz parte intrinsecamente do mundo do aluno como aponta as confabulações Freirianas.

²⁴ Benjamin Franklin em 1752 usou um fio de metal para empinar uma pipa de papel. Este fio estava preso a uma chave, também de metal manipulada, por um fio de seda. Soltou o “brinquedo” e observou que a carga elétrica dos raios descia pelo dispositivo.

²⁵ O cientista Alexander Graham Bell (1847- 1922) é conhecido pela sua contribuição para o advento do telefone. Propôs um modelo de pipa aerodinamicamente estável e cuja o tamanho pode ser aumentado mantendo-se constante a razão eficiência por peso.

O Pião

Enrola o cordão joga no chão

Roda e gira em alta rotação

Roda no piso

Roda no chão

Roda na areia

Cai na minha mão

Na mão do menino

Gira o pião

Gira, gira o pião

Betão roda o pião

Ele roda na terra

Ele gira até no cordão

O pião roda, roda

Gira, gira o pião

O pião vive tonto

De tanta giração.

Autor: Carlos Alexandre

Figura 23 - Competição de pião



Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura 24 - Brincando de pião



Figura 25 - Escrita sobre a poesia o pião

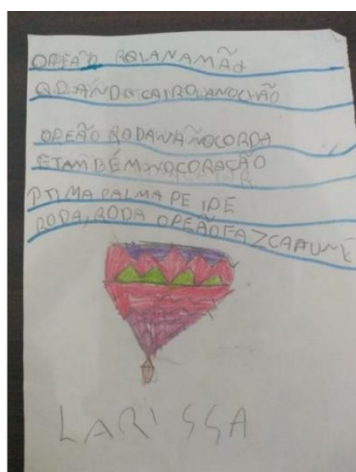
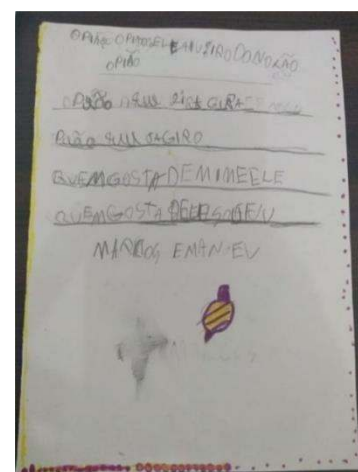


Figura 26 - Produção textual do pião



Fonte: Acervo do autor (2019)

O pião rola na mão
 Quando cai rola no chão
 O pião roda na corda
 E também no coração

O pião
 Pião que gira, gira
 Pião que já girou
 Quem gosta de mim é ele

Palma, palma, pé, pé

Quem gosta dele sou eu.

Roda, roda o pião faz cafuné.

Autores: Marcos e Emanuel

Autora: Larissa

Verificamos na tarefa dos meninos girando pião uma grande felicidade em brincar e aprender. 1º momento: chamamos algumas crianças pra se apresentar para sala mostrando suas habilidades com os piões, fizemos uma competição pra ver quem girava mais tempo, figura 23 (vinte e três) e 22 (vinte e quatro); 2º momento: efetivamos a leitura da poesia “o Pião” para confrontar o conhecimento popular deles com a ideia do autor comparando e analisando 3º momento: no quadro escrever a tarefa com palavras que rimem com a palavra pião, nomes ditados e escritos no caderno pelos alunos recitando suas rimas; 4º momento: análise textual pedindo ao quadro por alunos escreverem, desenharem e pintar o que se fala nas entrelinhas do texto, estimulando a fonética das palavras em compreender a língua falada e escrita praticando e brincando transformando a forma de aprender fazendo seu fazer “foi me fazendo que eu me fiz”, como se ver nas imagens 25 (vinte e cinco) e 24 (vinte e seis) os alunos construindo poesias baseados em cantigas populares como “pirulito que bate, bate”.

O Carrinho Pibite

Pibite, pom, pom

O carrinho a buzinar,

O carrinho tem buzina

Pibite, pom, pom

Corre, corre na estradinha

O caminho é seu lugar

Pibite, pom, pom

Pela rua o carrinho

Vem a reclamar

Pibite, pom, pom

Tem lombada, tem buraco

Assim não vou aguentar!!

Pibite, pom, pom...

Autor: Carlos Alexandre

Figura 27 - Releitura da poesia o carrinho



Figura 29 - No pátio interagindo vivendo a poesia



Figura 28 - Interação entre poesia e criança brincando



Figura 30 - Crianças brincando de carro



Fonte: Acervo do autor (2019)

Na imagem 27 (vinte e sete) temos “O Carrinho Pibite”. De acordo com a necessidade e o período do dia das crianças veio à ideia de criar o texto e desenvolver a interatividade com atividades reais, significativas para as crianças. No 1º momento: fizemos a leitura da poesia para o conhecimento dos alunos, após declamamos juntamente com os alunos cantando o refrão “pibite, pom, pom”, também realizamos com uma buzina os mesmos sons deixando alguns alunos manusear a buzina; 2º momento: na lousa mandamos que os discentes oralmente falasse do entendimento do texto e transcrevesse pro papel pictograficamente e também escrito, pintando usando as artes plásticas e escrevessem uma lista de elementos os quais existem na composição de um carro ou desenhar no caso de alunos pré-silábicos, apresentados na foto 27 (vinte e sete); 3º momento: apresentamos alguns carrinhos feitos em casa e em sala pelo professor com materiais recicláveis (garrafas pet, tampinhas, palito e cordão), desta maneira

levando a discursão do lixo, de uma vida menos consumista e mais sustentável e a importância da reciclagem, assim muitos alunos apontaram outras formas de criar outros brinquedos modificando no plano das ideias o protótipo original, foi dado um momento para irem passear em dupla com o carrinho grande feito de papelão e feito de pet na sala e nas adjacências da escola, ao final; 4º) momento: fomos ao pátio da escola brincar, vivenciar a poesia interativamente com todos os alunos juntos usando um carrinho como se pode enxergar nas figuras: 28 (vinte e oito), 29 (vinte e nove) e 30 (trinta).

A roladeira

Rola, rola roladeira

No chão a rolar

Brinca menino

Brinca menina

Brinca quem quiser brincar

Autor: Carlos Alexandre

Figura 31 - Diversão com roladeiras no pátio



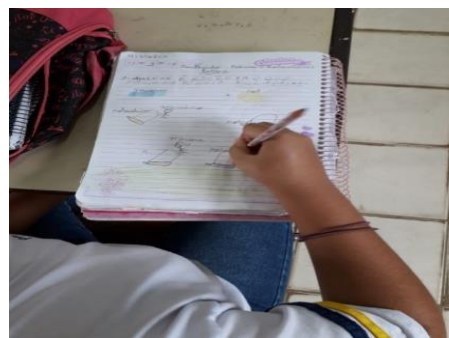
Figura 32 - Construção de roladeiras



Figura 33 - Brincando na área da escola interagindo



Figura 34 - Aluna fazendo análise textual em sala



Fonte: Acervo do autor (2019)

Verifica-se na imagem 32 (trinta e dois) as crianças vivenciando na prática a poesia uma interação dinâmica, capaz dos alunos viverem o texto na realidade, vendo na prática o texto se materializar das palavras ao real concreto; No 1º) momento: em círculo imagem fizemos a recitação da poesia “A Roladeira”²⁶, discutimos sobre brinquedos de meninos e meninas quebrando tabus e preconceitos, machismo e, o que se fala do texto oralmente estimulando a compreensão e argumentação por parte dos discentes ao formular suas opiniões; 2º) momento: atividade na lousa para os discentes desenharem, escreverem e pintarem o que entenderam do texto poético, imagem 32 e 33 (trinta e dois) e (trinta e três); 3º) momento: apresentamos os brinquedos aos educandos, pois muitos não as conheciam, muitas vezes por terem acesso aos jogos eletrônicos e tecnológicos tão comum aos tempos contemporâneos, desta maneira é feito um resgate histórico de brinquedos e brincadeiras do passado, além de estimular a construção de algo barato que tem a finalidade de brincar. 4º) momento: construímos algumas roladeiras usando: (latas de leite, garrafas pet, arrame e areia) na sala com ajuda dos discentes como vemos na figura 31 (trinta e um); 5º) momento: deixamos os educandos irem para o pátio com as roladeiras sentir, viver o texto real, brincando, sorrindo e aprendendo com aquilo que faz parte do seu mundo, a maioria dos brinquedos foram feitas previamente pelo professor em casa e ou na sala de aula por envolver na confecção matérias, instrumentos cortantes e perfurantes permitimos o acesso a todos de viver o texto na prática numa espécie de magia que transpõe de fora para dentro ao viver a poesia na real, como mostrado nas imagens.

O Coelho

O coelho pula, pula

Vive a multiplicar

Dar 2 (dois) pulos pra lá

Dar 3 (três) pulos pra cá

Comendo uma cenoura

Vive a pular...

Autor: Carlos Alexandre

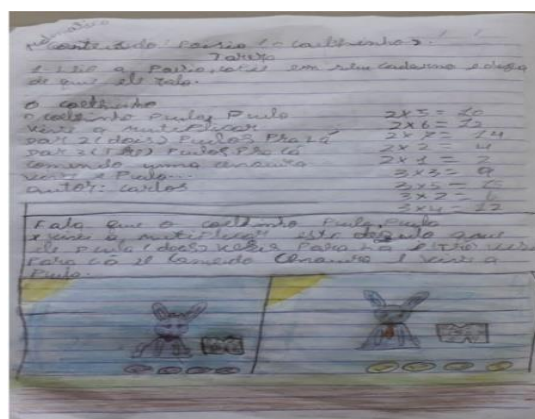
Multiplicação dos alunos:

$$2 \times 3 = 6 \quad 2 \times 4 = 8 \quad 3 \times 3 = 9$$

$$2 \times 6 = 12 \quad 2 \times 10 = 20 \quad 3 \times 8 = 24$$

$$2 \times 7 = 14 \quad 3 \times 5 = 15 \quad 3 \times 7 = 21 \quad 2 \times 5 = 10 \quad 2 \times 1 = 2 \quad 3 \times 1 = 3$$

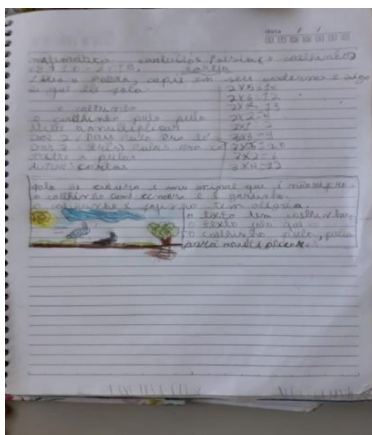
Figura 35 - O coelho e sua releitura



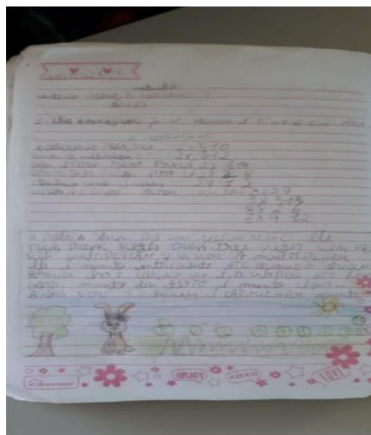
Fonte: Acervo do autor (2019)

²⁶ Brinquedo de origem popular, feita com arame, garrafa ou lata, areia e cordão.

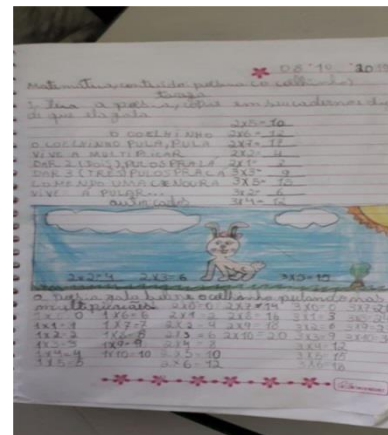
coelhinho
 Figura 36 - Copiar e analisar o texto



operações
 Figura 37 - Releitura, resolvendo



multiplicações
 Figura 38 - Resolvendo



Fonte: Acervo do autor (2019)

Observamos na figura 35 (trinta e cinco) a 38 (trinta e oito) os alunos realizando as atividades de quadro com a poesia “O Coelho”; 1º) momento: oralmente recitam o texto, copiamos ao quadro por ser o texto pequeno e ter multiplicações para resolver, pedimos pra os educandos fazer a análise textual mostrando seu entender sobre a poesia, como vemos nas fotos desenhando, pintando, escrevendo e compreendendo o texto a seu modo numa dialética de ensino e aprendizagem interdisciplinar constante ativa, significativa para o educando por fazer entender o tema fundamental de forma mais simples, certo aluno estava sem conseguir entender as multiplicações 3×5 (três vezes cinco), - eu pedi para ele ler a poesia e, perguntei quantos pulos o coelho deu pra cá? “Ele disse: já sei deu 3 (três) pulos de 5 (cinco) que dar 15 não é? – eu falei; sim; 2º) momento: refletimos acerca do texto indagando os alunos quais pulos o coelho deu pra lá e pra cá. Com multiplicações no quadro por 2 e 3 multiplicadores, assim vimos os discentes entenderem melhor o assunto, além de abordar diversas áreas do conhecimento como Ciências, Matemática, Geografia, História, Português entre outras e conteúdos distintos sem necessariamente abordar uma área específica, mas, tudo na interdisciplinaridade focando o aprender e o desenvolvimento integral dos seres aprendizes inseridos na dinâmica de ensino e aprendizagem tão bem ressaltado na BNCC, com metodologias ativas dando ênfase poética, abordando o processo de viver, os conhecimentos de sua vida cotidiana das crianças tornando o aprendizado mais alegre, construtivo, palpável a suas mãos e sua realidade.

Amarelinha

Jogo o caco pulo num pé só

Vou e volto sem cair

Jogo o caco a repetir

Vou e volto sem sair

Desenhada com graveto

Na areia no chão de terra

No pátio ou outro lugar

Na calçada, no cimento.

Pulo amarelinha sem errar

Pula Raquel, pula Isabel.

Pula até o Oscar.

Autor: Carlos Alexandre

Figura 39 - Em fila pulando amarelinha



Fonte: Acervo do autor (2019)

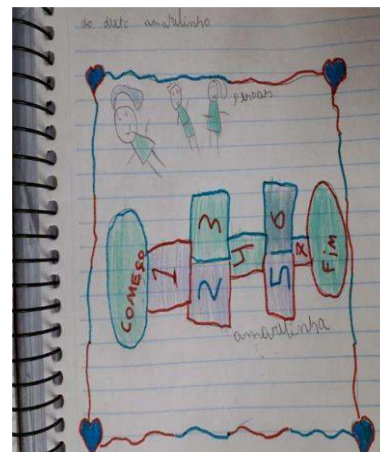
Figura 40 - Entendimento da poesia



Figura 41 - Garota pulando amarelinha



Figura 42 - Compreensão da poesia e prática



Fonte: Acervo do autor (2019)

Verificam-se na imagem 39 (trinta nove) as crianças numa interação poética entre o texto e o leitor, respeitando principalmente as regras da brincadeira, o direito de cada um participar de forma cidadã e igualitária numa socialização natural entre eles seguindo bem o termo “self-government”; 1º) momento: dialogando com os alfabetizandos fizemos a recitação da poesia, no quadro atividade de análise textual, onde mostra o entendimento dos educandos sobre a obra poética, de forma pictográfica, artística, escrita e outros conceitos interdisciplinares, como bem mostra as figuras 40 (quarenta) e 42 (quarenta e dois) ; 2º) momento: com uma amarelinha construída com arame, madeira, fios, mangueiras e matérias recicláveis, fomos para o pátio brincar pulando amarelinha dando ênfase ao folclore, a cultura

e as brincadeiras populares numa espécie de resgate das raízes dos nossos pais, onde brincar seja uma socialização nata e desenvolvimento dos envolvidos nesse processo dialético de ensino e aprendizagem com inovação, criatividade, inventabilidade, qualidade, direito, igualdade, imaginação, diversão, lúdica, humana que prime, exclusivamente, pelo desenvolvimento integral do ser humano e sua integralidade como o mundo mais justo, igualitário e sustentável, mostrada na imagem 41 (quarenta e um).

A festa

Numa certa floresta moravam a Loira do Banheiro e o Boitatá, eles eram casados e viviam muito bem. A Loira era muita esperta!! E um dia teve a ideia de reunir seus amigos pensando que já era hora de cada um ter seu par, assim ela organizou uma festa em sua casa e chamou: o Curupira, a Cuca, o Lobisomem, o saci, a Mula sem Cabeça e a Iara.

Com todos reunidos e a festa acontecendo ao som da mata com os pássaros cantando, a Loira começou a formar os pares para dançarem. E o Boitatá como era tímido foi para o quarto tirar uma soneca. Já na sala dançando o lobisomem com a Iara, o Saci com a Cuca e o Curupira com a Mula sem Cabeça.

Logo depois, a Iara se aborrece com o lobisomem e pede para parar a música. Disse a Iara: - eu não quero mais dançar com você lobisomem, você me fura com esses pêlos enormes, além do mais você fede a titica de galinha, isso me dar enjoo!!! E o Lobisomem ficou triste num canto a chorar auuuu, auuuu... pois a beleza da Iara encanta. Continuando a festa o Saci dançando com a Cuca que estava muito alegre e feliz... De repente a Cuca rodopia e quase derruba o Saci com seu rabo e o Saci por sua vez diz: – eu não quero mais dançar com você Cuca. Esse seu bafo de peixe é horrível e seus dentes grandes me arranham, nesse momento a Cuca se irritou e saiu xingando o Saci e dizendo que lhe faria uma bruxaria. Já o Curupira e a Mula sem Cabeça continuaram dançando até o momento que a Mula deu um espirro “atixin” e quase queimou o rosto dele. Nessa hora o Curupira foi afastando-se e disse: - Mula não dar para dançar com você seu fogo me queima e além do mais você vive correndo pelas ruas feito louca... Eu não quero namorar uma louca!

Nessa hora a Mula ficou furiosa... E começou a cuspir fogo para todos os lados e, a casa de palha incendiou, todos querendo se salvar correram para a floresta. Lá fora viram que o Boitatá estava faltando e a loira do Banheiro começou a gritar meu marido vai morrer!!! O Boitatá por sua vez sentiu o vapor do fogo e acordou, vendo que sua situação era grave mesmo ele tendo fogo no corpo, gritou socorro mãe d'água!!! E a Mãe d'água veio com uma nuvem de chuva forte e apagou o fogo deixando o Boitatá sã e salvo. Nesse instante ele vai para fora da

casa e abraça a Loira do Banheiro e seus amigos ficando todos bem na amizade e união de sempre.

Autor: Carlos Alexandre

Figura 43 - Contação de história em círculo



Figura 44 - Dramatização do conto



Figura 45 - Compreensão do texto



Figura 46 - Compreensão do conto e escrita



Fonte: Acervo do autor (2019)

Por ser o conto uma modalidade poética, não poderia deixar de mostrar uma prática metodológica utilizando esse pressuposto encantador, mágico, fantasioso e puramente adequado ao trabalho docente ativo, significativo, múltiplo salutar a incrementar ainda mais os saberes discentes de maneira inclusiva, democrática, libertadora e transformadora.

Sendo, assim. No 1º momento: oralmente de forma expositiva explicamos aos educandos o que iríamos realizar e fazendo a consolidação da aula passada; 2º momento: como pode ser visto na figura 43 (quarenta e três), com as máscaras dos personagens prontas, ficamos em círculo imagem no chão da sala e cotamos o conto “A festa”, discutimos sobre a

compreensão do conto fabuloso e sua a moral (amizade, união, solidadriedade); 3º) momento: selecionamos 9 (nove) alunos para interpretar os personagens numa brincadeira dramatológica como se ver na imagem 44 (quarenta e dois); no 4º) momento: pedimos aos aprendizes que fizessem a releitura do conto fabuloso, demonstrando seus conhecimentos por meio das artes, da pictografias, do código escrito expressando e construindo novos padrões de aprendizagens, numa dinâmica diversa que todos os alunos tem a oportunidade de participar do seu fazer ativamente com significado, pois se faz construtivamente sem decorar, mas com a mão na massa pensando e produzindo de acordo com sua condição e capacidade respeitando seus conhecimentos prévios, culturais interagindo isso como novo texto (o conto) vindo a aumentar suas habilidades.

A Casa e a Laranjeira

Era noite e um garoto chamado Zezin acordou com muita fome! Saiu do quarto em direção a cozinha, abre a geladeira e encontra uma laranja mexirica, logo ele descaca e chupa a fruta, ao lavar as mãos ele deixou cair uma semente pelo ralo da pia, nessa hora Zezin volta a dormir e sonha que sua casa tinha sido levada a uma altura mais alta do que o céu, por uma árvore gigante. Quando Zezin acorda ver todo mundo na casa aflito sem saber o que tinha acontecido, foi aí que ele lembrou da laranja mexirica que havia chupado e que a semente caiu na pia, germinou e cresceu rapidamente ficando mais alta que o sol, levando junto sua casa deixando-os em situação de perigo e presos sem poder sair.

Quando Zezin acordou viu que aquilo tudo era realidade, e observando pela janela a laranjeira, viu que seus espinhos eram grandes e venenosos, não tinha como descer. Assim ele procurou uma solução para aquele problema. E começou a observar os galhos e viu muitos bichos: tinha formigas, besouros, louvadeus, bicho pau, cupins, borboletas, lagartas, cobras, joaninhas, pássaros, pombos, rolinha, pardal, azulão e etc.

Desses animais um lhe chamou atenção! Foi o serra pau²⁷, que estava serrando um galho que em pouco tempo despencou e veio ao chão. Zezin foi logo falar com ele e pediu ajuda, - serra pau você poderia me ajudar serrando o galho que prende minha casa? - posso sim, mas quem vai segurar para ela não se despedaçar e vocês morrem da queda é muito alto!! - e!! é verdade. Logo Zezin viu em outro galho um gavião com suas garras fortes e falou com ele. - Senhor gavião você pode me ajudar segurando a casa enquanto o serra pau serra o galho para a

²⁷ É um besouro que apresenta variadas formas, cores e tamanhos existem em todos os continentes, exceto Antártida, predominante nas áreas tropicais.

casa voltar à terra com segurança. O gavião vendo o garoto muito nervoso, concordou em ajudar posso menino. - Posso vamos lá, serra, serra serrador. Desta forma aconteceu o serra pau serrou e o gavião pousou a casa na Terra deixando todos tranquilos e vivos. Zezin agradeceu ao serra pau e ao gavião pelo favor e tudo continuou bem com Zezin e sua família voltando e ter uma vida normal no lugar em que moravam.

Autor: Carlos Alexandre

Figura 47 - Lista de frutas

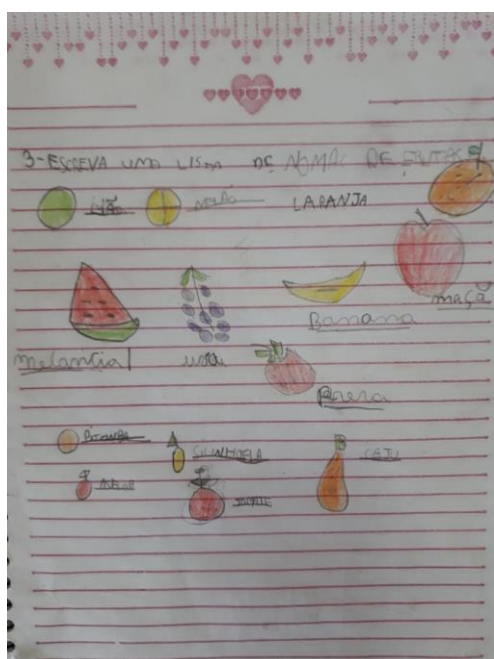


Figura 48 - Tarefa xerocada com ilustrações e escrita



Figura 49 - Pictografia do conto a casa e a laranjeira

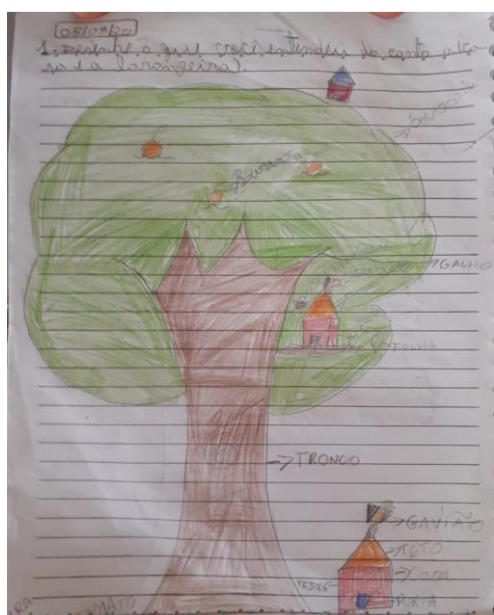
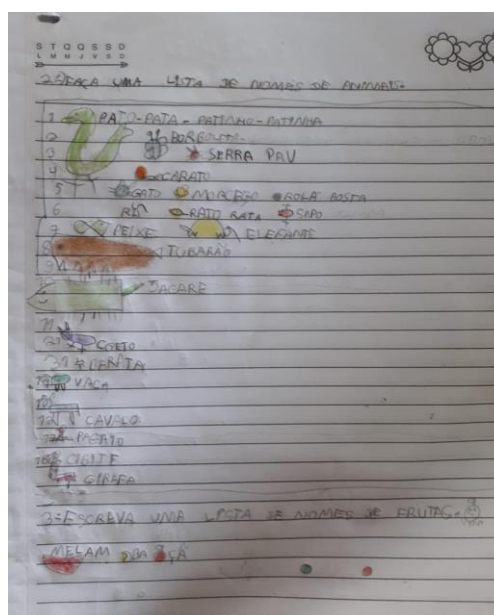


Figura 50 - Escrita de nomes de animais



1º) momento: contamos o conto A Casa e a Laranjeira, discutimos sobre a compreensão do texto oralmente, os personagens, ficção e realidade; 2º) momento: verificamos na figura 49 (quarenta e nove) os alunos mostrando sua análise compreensiva do texto de forma pictográfica e escrita; 3º) momento: na figura 50 (cinquenta) utilizamos o quadro para fazermos uma tarefa pedindo que os alunos escrevessem e desenhassem uma lista de nomes de animais no geral e, depois pedimos para listar bichos com (pena, com rabo, os com osso e sem osso e etc); 4º) momento: na figura 47 (quarenta e sete) podemos observar os discentes desenhando e escrevendo uma relação de frutas; 5º) momento: na figura 48 (quarenta e oito) usamos uma tarefa xerocada com apenas um personagem do conto para os alunos pintarem, escreverem o que veem e completar colocando os demais elementos do texto que faltavam como os personagens, a casa, a paisagem as características do gavião e etc.

Toda essa ação metodológica acontece utilizando uma modalidade poética que é o conto declamado e, abordando principalmente, a interdisciplinaridade, pois na elaboração desta dinâmica em sala surgiu questões inúmeras incentivando os alunos a pensarem e serem criativos com vista a trabalhar o desenvolvimento integral do ser humano como é defendido pela BNCC, numa perspectiva construtiva da educação.

Leitura compartilhada:

Figura 51 - Leitura compartilhada

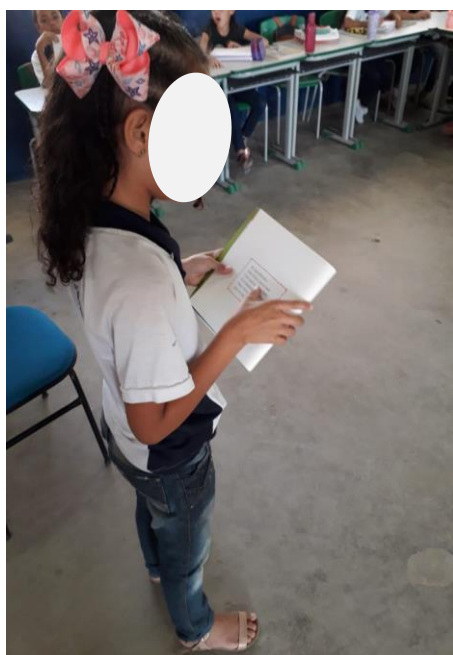


Figura 52 - Aluno declamando



Fonte: Acervo do autor (2019)

Verificamos nas imagens 49 (quarenta e nove) e 50 (quarenta) uma ação metodológica em que as crianças tinham um momento cultural prático lendo livros, ou declamando poesias autorais e, cantando músicas populares em voz alta para os demais colegas, estimulando assim a oralidade, a leitura, a interpretação, a apresentação em público, auto estima, familiaridade com textos poéticos, a poesia cantada e aprendizagens distintas de forma livre estimulando o “self-government” aprender fazendo a criatividade, com mediação baseado na sua cultura, no seu viver construindo saberes sistematizados dando-lhe condições de produzir com entendimento elementos textuais capaz de desenvolver, crescer criativamente, sobre suas vertentes culturais, sociais de sua vida e seu mundo, havendo sentido em estar na escola, aprendendo na vida e para à vida, afinal a vida é uma escola.

A prática teve duração de aproximadamente 4 (quatro) meses, tendo efeito vantajoso por melhorar aspectos importantes como a leitura com eloquência, clareza, dicção, falando melhor em público, postura, entendimento, conseqüentemente ganhos na escrita melhorando gradualmente chegando a produzir textos poéticos como se ver nos exemplos seguintes. É bom ressaltar que tínhamos crianças estavam no nível pré-silábico, silábico e ortográfico e, todos apresentaram avanços maravilhosos cada um de acordo com sua capacidade.

Da cultura vem as produções de conhecimentos múltiplos, alunos escribas; poetas e poetisas. Como se pode verificar nas figuras seguintes:

A flor

A flor é rosa

A flor é bonita

A flor é azul

Mariane gosta de flor

E flor tem folha

Na casa tem flor

Na escola tem flor.

Autoria: Mariane Vitória

A Bola

A bola pula

A bola é branca

A bola pula na terra

O menino tem bola

A bola é preta

A bola é azul

A bola é pequena

Autora: Mariane vitoria

Figura 53 - Escrita poética de Mariane

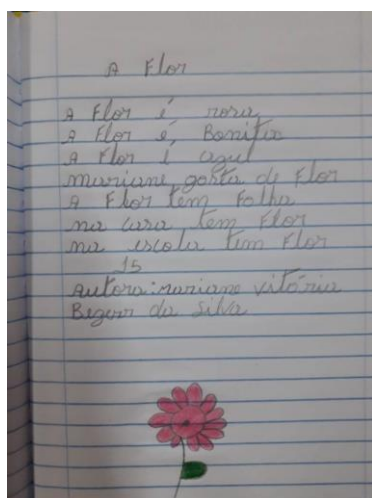


Figura 54 - Arte poética de Mariane

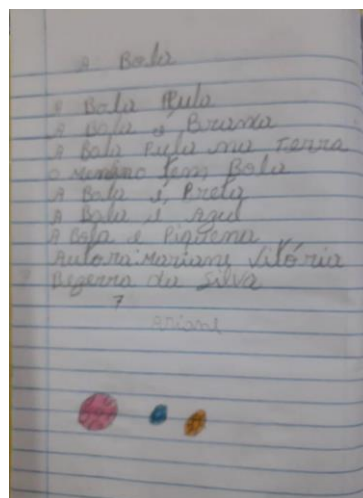


Figura 55 - Poesia da aluna: (Emiliane)

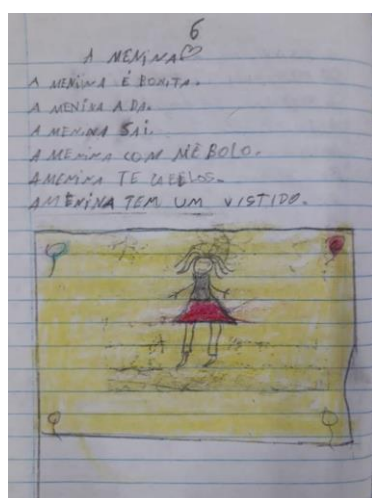
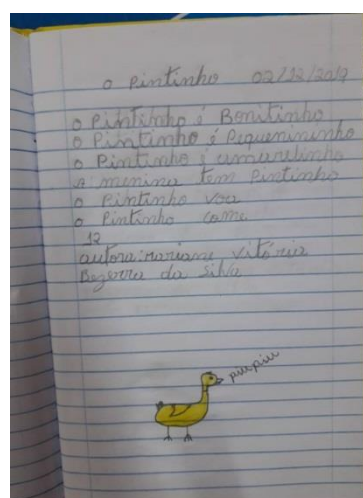


Figura 56 - Poesia da aluna: (Mariane)



Fonte: Acervo do autor (2019)

O Pintinho

O pintinho é bonitinho
 O pintinho é pequenininho
 O pintinho é amarelinho
 A menina tem pintinho
 O pintinho voa
 O pintinho come
 Piu, piu.

Autoria: Mariane Vitória

A menina

A menina é bonita
 A menina anda
 A menina sai
 A menina come bolo
 A menina tem cabelos
 A menina tem m vestido.

Autora: Emiliane

Figura 57 - Mural poético coletivo das produções livres



Fonte: Acervo do autor (2019)

Notam-se nas figuras 53 (cinquenta e três), 54 (cinquenta e quatro), 55 (cinquenta e cinco), 56 (cinquenta e seis) textos poéticos feitos pelos alunos devido ao estímulo de poesias lidas, cantadas, declamadas em sala de aula, principalmente os textos que contém aliteração²⁸, sendo mais atrativos para as crianças. Vimos avanços significativos, crianças que estavam no nível pré silábico tiveram aprendizados fabulosos aponto de evoluir a patamares mais altos como: o nível silábico, silábico alfabético e silábico ortográfico cada um a seu modo e condições intelectuais, durante o ano de estudos efetivados e, práticas voltadas as metodologias ativas, com ênfase na realidade e seus preceitos de vida real.

Por todas as contribuições citadas nesta obra científica e, a prática desenvolvida no cotidiano com os discentes ao longo de nossa trajetória refinando cada vez mais a aplicação desta metodologia, embasada na cultura ou no sociocultural dos alunos, de maneira altera, interdisciplinar proporcionando interatividade entre o texto e o leitor, permitindo que haja compreensão das poesias trabalhadas no âmbito da sala, garantindo uma ação metodológica

²⁸ É uma figura de linguagem que consiste na repetição de sons de consoantes iguais ou semelhante. É sequência de palavras com a mesma relação semântica onomatopáicos, é usada como recurso de estilo em poesia que possibilita uma pronúncia intensificada.

focada no direito à aprendizagem inovadora, moderna, tecnológica, construtiva, criativa, divertida, inventiva, imaginária, plural e ativa.

Assim, se pautar desse método requer, sobretudo, uma abordagem que vise à construção humana, sua formação crítica-política-social, numa vertente global que seja propósito focar uma prática docente voltada para aprender, o pensar, o brincar, o criar, o imaginar, o estudar, o ler com entendimento. E, acima de tudo primar por um paradigma educacional, onde a intenção seja a concepção do homem integral, visando sua função social e humana no convívio em sociedade e, diante de suas ações cidadã sustentável imbuído nas situações da vida cotidiana.

No entanto, afirmar que uma didática de ensino e aprendizagem que enxerga na poesia a potencialidade de desenvolver a capacidade da sensibilidade poética com seus ganhos ao intelecto, a força natural que tem os textos do gênero em favorecer uma ação dialética, dinâmica, significativa e real.

Transformando a sala num ambiente de aprendizagens fecundas por partir daquilo que insere os educandos, por ser pertinente, fazer sentido em participar ativamente do fazer pedagógico, com mediação dialógica, sendo a poesia um meio e não um fim, de porte positivo a percepção do mundo ao seu redor, fazendo desenvolvimento contínuo, gradual e integral dos aprendizes como é registrado neste referencial.

Submeter o discente como sujeito da ação pedagógica construtor do seu saber autêntico, construtivo, autônomo, capaz de submergir, ascender, transformasse numa corrente metamorfósica a mudar sua vida real, ao aprender e perceber o mundo de outra maneira entender as rimas, os sons sem ser necessário decorar ou ficar sentados meramente recebendo informações como é feita na educação “bancária”, o método dialético, as metodologias ativas traz esse caráter vivo, ativo do participar com condição de ler, entender e transformar sua realidade.

Por fim, educação focada na descoberta, na pesquisa descobrindo o novo com significativo e busca de soluções para uma vida real e sustentável, no sentido amplo da palavra em favorecer desta forma a sobrevivência perpétua da humanidade na esfera hologrâmica²⁹ e global, seu bem-estar mútuo, recíproco entre homem e planeta, com vistas a refletir o processo de ensino e aprendizagem visando á vida social dos educandos, afinal como bem sinaliza com suas concepções Deweyana “a educação é vida”.

²⁹ Assim como as partes estão inscritas no todo, o todo também está inscrito nas partes - “princípio hologrâmico”. No texto se refere à ação sustentável em o aluno aprender a viver na Terra de forma harmoniosa, cuidando da vida de um modo geral, preservando assim sua existência no planeta.

Na teoria que expomos educação não é preparação, nem conformidade. Educação é vida, é viver é desenvolver-se, é crescer. Vida e crescimento não estão subordinados a nenhuma outra finalidade, salvo a mais vida e mais crescimento. O processo educativo, não tendo nenhum fim além de si mesmo, é o processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida. Na frase de Dewey, o hábito de aprender diretamente da própria vida, e fazer que as condições da vida sejam tais que todos aprendam no processo de viver, é o produto mais rico que pode a escola alcançar (WESTBROOK, 2010, p. 53 e 54).

Como podemos ver na ótica do filósofo que a educação vem da vida, do crescimento e volta como forma de desenvolvimento pessoal para a vida das pessoas envolvidas nessa dialética social. Assim vem a poesia como representação das coisas da vida humana dos seres terrenos com sua ampla abrangência para o campo cognitivo dos seres aprendizes, do seu mundo, do seu real, da cultura, das brincadeiras e brinquedos, dos jogos, das comidas, dos animais, da socialização, do preconceito, do racismo, do machismo, da competição, da união, do respeito, do correr, do pular, do sorrir, do brincar, da alegria, da magia, da música, do som, da melopeia, das paisagens, da escrita e leitura aprendendo no processo de viver. Partir do empirismo do conhecimento de vida, favorecendo o crescer, o desenvolver-se porque crescimento é viver e, viver é vida no sentido mais amplo e pleno de ser e existir, a escola tem como missão transformar essas vivências em aprendizagens essenciais a uma vida harmônica em aprendizagens fundamentais a uma vida de aprendizagens.

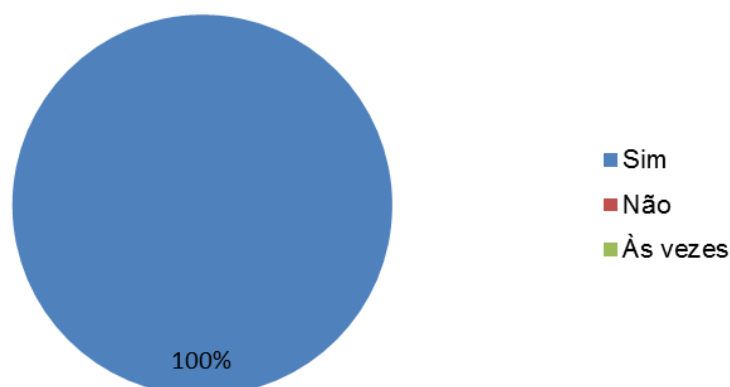
Desta forma apontamos as metodologias ativas, os textos poéticos interativos como uma luz a uma ação metodológica que possibilite atender o homem em sua plenitude integral de desenvolvimento humano almejados com os ideais democráticos garantidos na constituição brasileira, sua vida e sua realidade. Pois, sabemos que educação é vida, portanto, crescer, desenvolver-se e crescimento é primordial ao processo educativo atual.

4.3. ANÁLISE E DISCUSSÕES DA PESQUISA DE CAMPO

Com base na pesquisa efetivada na Escola Municipal Prof.^a Luzanira Maria da Costa Cruz, visando investigar os processos de leitura e o papel, mas precisamente do gênero Poesia na prática pedagógica significativa, interdisciplinar, transversal no que tange as aprendizagens e a formação humana integral dos seres envolvidos, nesta ação metodológica plural inerente aos saberes intelectuais dos aprendizes em desenvolvimento.

Ao questionarmos se os professores gostam de ler, foi unânime a afirmação que sim como mostra o gráfico seguinte:

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 1 - Você gosta de ler?



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Sendo assim, a leitura é uma prática que faz parte da vida dos professores com 100% gostando de ler. É essencial ter o hábito de leitura constante em sala de aula pela mediação como indica a seguir, segundo Cosson (2007) a literatura delinea a nossa personalidade, nos organiza, liberta e humaniza.

Nesta perspectiva Reis (2015, apud CANDIDO, 2009, p.176) aponta pelo menos duas formas de mostrar o teor humanístico da literatura concordando com os demais pensadores: “(2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”.

Principalmente, o professor em manter hábitos de praticar a leitura como bem aponta as contribuições Freirianas, vislumbrando a importância da prática, do treino, do fazer, do exercício seja literário ou escrito, podemos afirmar que só se ler lendo, só se escreve escrevendo e, é dessa prática que se tem o propósito maior que é o direito de desenvolver-se plenamente aprendendo, construindo para executar suas atividades de linguagem social na vida cotidiana.

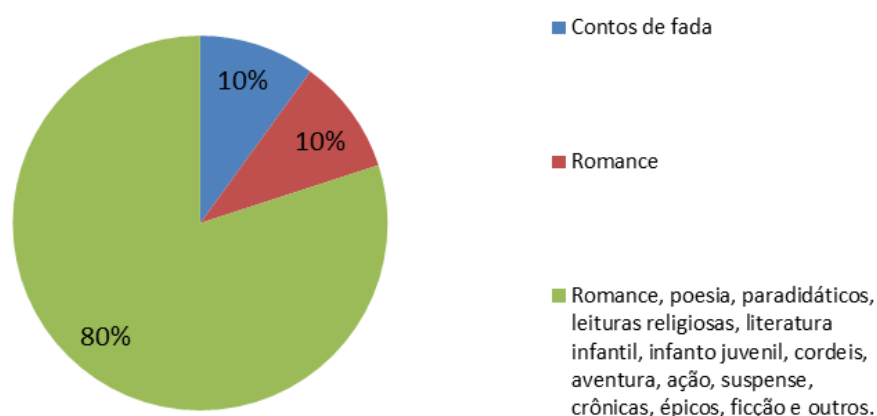
Se praticando que se aprende a nadar,
 Se é praticando que se aprende a trabalhar,
 É praticando também que se aprende a ler e a escrever
 Vamos praticar para a aprender
 E aprender para praticar melhor
 (FREIRE, 1992, p. 55).

Sabendo, da amplitude do pressuposto leitura na formação das faculdades psicológicas e intelectuais, partindo dessa premissa se pode ressaltar a real significância dessa prática no âmbito escolar e seu uso diário no fazer docente como treino para uma melhor aprendizagem.

Portanto, é mais que fundamental em toda prática de ensino e aprendizagem, haver a necessidade de treino, de exercitar, tentar, fazer, refazer para poder com o exercício melhor em busca de uma performance. Nos pressupostos ler e escrever não são diferentes, se fundamenta praticar para aprender como bem sugere Freire. Cosson e Candido asseguram a grande importância do ler na nossa vida, em especial os benefícios da literatura em confabular com a elaboração de pessoas mais capazes, sensíveis, humanas, libertas e conhecedoras. Pois, quem ler tem cultura, conhecimentos inerentes a esse fabuloso hábito salutar.

Na segunda pergunta, podemos ver uma diversificação no gosto de cada entrevistado e a tipologia textual lida por cada indivíduo.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 2 - Que tipo de livros gosta de ler?



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

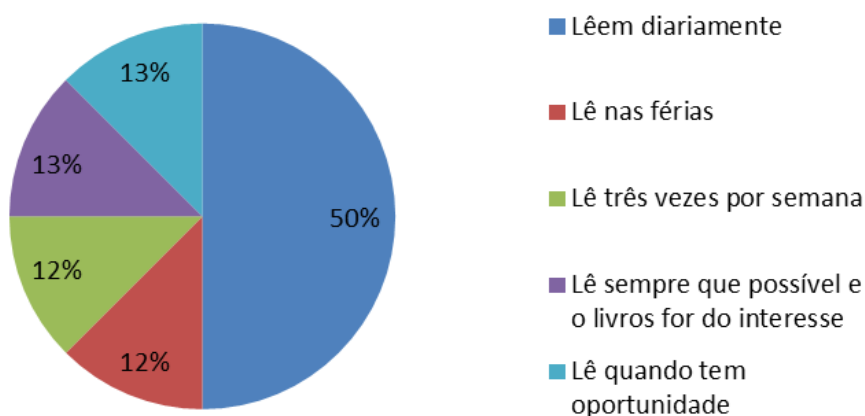
Vimos que 80 % dos professores (a) tem um gosto literário múltiplo ao lerem diversos gêneros textuais seja por hábito ou na ação pedagógica cotidiana. Desta forma, 20% dos pesquisados mostraram cada um ter um gosto único por um gênero como vemos os contos com 10% e o romance com a mesma proporção. Como bem vimos nas concepções Freirianas, Colomer (1996), caminha na mesma direção em pensar a real importância do hábito de ler como prática inerente à vida, pois o papel principal da leitura é propiciar condições de saber ler com compreensão e interação entre o que se ler o que pensa o autor. A escola e o professor precisam ter isso bem definido como objetivos plenos do papel da leitura em ler para compreender o lido e ler compreendendo sua vida real, seu mundo, sua realidade.

(...) O papel central da leitura não ler para aprender a ler, mas ler por um claro interesse em saber o que diz o texto para algum propósito bem-definido. E é dessa ótica que os professores devem focar o acesso à língua escrita a partir das múltiplas situações que a vida da escola lhes oferece. (COLOMER, 2002, p. 90).

Desta forma, faz parte do papel do professor tornar o ambiente um espaço alfabetizador, literário, assim como também o espaço escolar, e as adjacências que os insere tornando a leitura uma prática social, lendo todos os tipos de gêneros possíveis, cartazes, placas, propagandas, convite, avisos, cordel, imagens, panfletos, calendários, textos pictográficos e escritos autorais, gibi, as paredes da sala, os materiais escolares, correspondências entre outros. É importante disponibilizar ao acesso a diversos gêneros desde a visualização ao contato impresso para que a partir daí se estimule o gosto pela leitura, provocando-os a ler não pelo simples ato de ler, mas sim ser capaz de ler entendendo o escrito compreendendo, sobretudo as situações da vida que a escola oferece, numa espécie de conexão entre escola e vida real. Sequenciando as respostas dos educadores sobre leitura para saber com que frequência eles leem, livros fora dos livros didáticos, utilizados no ambiente escolar. Obtivemos os seguintes resultados. Questionando os educadores para saber com que frequência eles leem, livros fora dos livros didáticos, utilizados no ambiente escolar.

A seguir veremos no gráfico 03(três) a frequência os professores leem livros fora os didáticos que utilizam na escola:

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 3 - Com que frequência você ler livros fora os livros didáticos que utiliza na escola?



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Contamos que 50% dos educadores da escola têm os hábitos constantes da leitura em sua vida, sabemos que trabalhamos com formação humana e isso é fundamental. Porém, os outros 50% cada qual deu uma resposta diferente quanto ao uso da leitura em seu cotidiano,

não dando a devida importância defendida pelos autores no uso da leitura na construção do epistemológico. Contudo, podemos entender que boa parte dos educadores não tem o hábito de ler fora de suas atribuições, sendo isto um fator negativo para quem trabalha com a concepção da leitura como matriz na geração dos demais saberes intelectual. Vemos haver convergência entre a pesquisa e o pensamento dos teóricos citados abaixo.

Para Cosson (2007) independente das situações descritas estamos segundo ele adiante da falência do ensino da literatura. Isso significa que apesar do exercício à docência independentemente, do seu tempo de atuação requer do profissional de educação pelo fato de estar formando pessoas focar nesta vertente, pois sabemos que a verdadeira função social da literatura é formar e reformar a palavra que nos sensibiliza e humaniza. Nesta ótica vem reiterar Reis, embasada nas concepções de Soares (2011) concordando os pensadores em apontar a decadência da literatura no âmbito escolar e quando é feita, se faz de forma errônea.

[...] a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desvirtua-o, desvirtua-o, falseia-o.” (REIS, 2015 apud SOARES, 2011, p.78.)

No gráfico 04 (quatro) ao indagar se o gênero poesia faz parte de suas leituras confirmado abaixo na tabulação dos dados, foi notório afirmar que sim 100%, Comprovando os dados da pesquisa com as colaborações dos estudiosos desta obra, constatamos que é necessário que o professor seja um ser sensível as questões poéticas, reconhecendo na poesia um universo imenso de oportunidades para o campo intelectual, que da poesia deriva das aspirações primitivas das crianças em expressar cores, suas primeiras palavras, sons, rimas, fala, fonética, deixando aflorar a veia artística das crianças estimulando a inventabilidade, a criação, o pensar. Aqui o professor sensível surge como porta-voz desta ferramenta como aponta os dados e a autora.

(...) É preciso, antes de mais nada, que o professor seja ele mesmo sensível ao texto poético, permeável à comunicação do artista, para que se torne um porta-voz desta comunicação. A descarga emocional provocada pela sensibilização a um texto poético tem seu circuito interrompido antes de chegar ao aluno, se ele passar por um professor indiferente e fechado ao apelo da arte. (AVERBUCK, 1991, p. 69)

Assim podemos comprovar que a poesia é um gênero popular de grande uso na cultura das pessoas, fazendo parte do seu cotidiano abordando o prévio e o mundo real das pessoas as quais os inserem e, esse contato de apresentar os textos poéticos tem no professor a abertura dele para o universo poético transmitindo comunicação entre a obra do artista e o aluno, porque se assim não acontecer há uma interrupção antes do aluno ter o contato com a poesia e suas

vantagens, se o professor for indiferente a causa da sensibilização da arte e, o entendimento do mundo na sua maneira mais simples que é as simbologias por meio das cantigas de ninar, das rimas, da rítmica, enfim, da poesia.

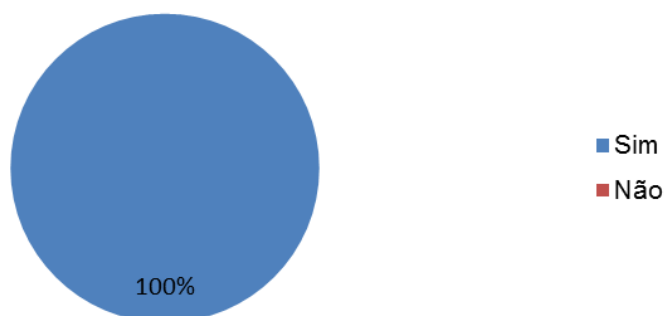
Podemos dizer que Olímpio, seguida pelas ideias de Bamberger (1986) bebem da mesma fonte que os demais sábios aqui referenciados inclinando-se a reafirmar o papel grandioso do professor, como mediador nesse processo, em ser um exemplo, um influenciador do aluno na dinâmica de sala, como bem mostram os dados catalogados bibliograficamente e na pesquisa.

[...] a personalidade do professor e particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce. (OLÍMPIO, 2008 apud BAMBERGER, 1986, p.3).

Havendo interatividade comunicativa entre o outro e o leitor. Se o professor negar essa sensibilização e o uso de práticas a qual envolva o gênero poesia interrompe a comunicação da arte negando essa oportunidade de favorecer aos discentes condições de manifestarem suas expressões artísticas, tão latente em sua existência e na vida infantil. A criança ver magia, luz, imagina, viaja, brinca, pula, corre, fantasia, inventa. Então nada mais apropriado ao mundo das crianças do que uma pedagogia embasada na essência poética e artística que a insere.

Podemos verificar no gráfico 04 (quatro) se gênero poesia faz parte de suas leituras, confirmando os registros acima.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 4 - O gênero poesia faz parte de suas



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

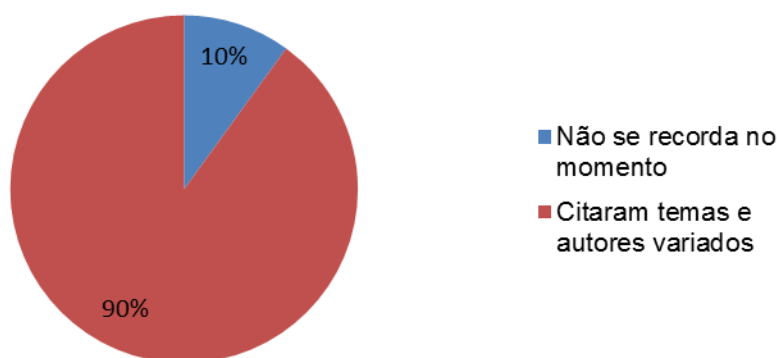
Partindo dos dados obtidos com a enquete pode-se perceber com clareza que diversos autores concordam que a poesia deriva das culturas, das raízes do povo, de suas vertentes mais singelas, figurando no folclore, principalmente vemos a poesia se materializar nos textos, no

cordel, nos versos, nos repentes, na música sendo esta última um estágio marcante da nossa literatura e, por que não dizer no início da literatura na vida dos brasileiros. Em particular de haver aproximação do povo e a literatura, é dessa maneira que deve acontecer os contatos iniciais das crianças com os textos poéticos como nos aponta a pensadora sabiamente.

(...) a poesia popular, da tradição oral, são também constantes na tradição da oralidade brasileira e indicadoras de um estágio inicial da literatura e, portanto, da capacidade de aproximação dos povos com o fenômeno literário. Ora, este deve ser, pois, o primeiro passo no caminho para os contatos das crianças com textos poéticos. (AVERBUCK, 1991, p. 74).

Quando se pergunta no gráfico 05 (cinco) pode citar algum livro de poesia que gosta de ler? Veremos os seguintes dados abaixo:

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 5 - Poderá citar algum livro de poesia



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Podemos ver na sua maioria autores como: Fernando Verissimo, Fernando Pessoa, Elias José, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Sérgio Caparelli, Manoel de Barros, Glácia Marilac, Mario de Andrade, entre outros citados pelos entrevistados. Isso nos dar uma noção básica de que a diversidade poética entre os professores é salutar com 90% deles tendo acesso a poesia e literatura como sugere os autores em citar como o maior segredo da literatura, proporcionar envolvimento em estar no mundo mágico das letras e palavras.

Havendo, unanimidade a visão de enxergar a poesia como elemento que faz parte de suas leituras os professores apresentam estar em conexão direta com o que pensam os teóricos. Como bem ratifica Olímpio debruçada sobre a ótica de Elias José (2003).

[...] Então, se todos podemos brincar de poesia, por que não trabalharmos a poesia de forma lúdica? Assim proponho atividades que oportunizem momentos lúdicos aos alunos, tendo em vista exercícios de imaginação, de fantasia e de criatividade e ao mesmo tempo mostrar a vida de uma forma mais poética, com maior liberdade para construir seu conhecimento. (OLÍMPIO, 2008 apud ELIAS JOSÉ, 2003, p. 101).

A sabedoria estar em se articular nesse processo, entendendo como a cotidiana influência e age ao nosso redor diretamente em nós, mostrando o poder iluminista de ler e compreender o mundo das palavras, livrando-nos da treva da ignorância ampliando nossos horizontes com amplitude e clareza, em ler múltiplas formas de leituras diversas no mundo, sendo o conhecimento uma chave para a descoberta de como entender as estruturas ao nosso entorno adaptando-se, assimilando-se e acomodando-se, é evidente o pensamento dos pensadores em ir na direção de afirmar a importância da poesia como gênero literário e, o professor sempre a frente desta empreitada como principal ator, bem como indica Leite a seguir:

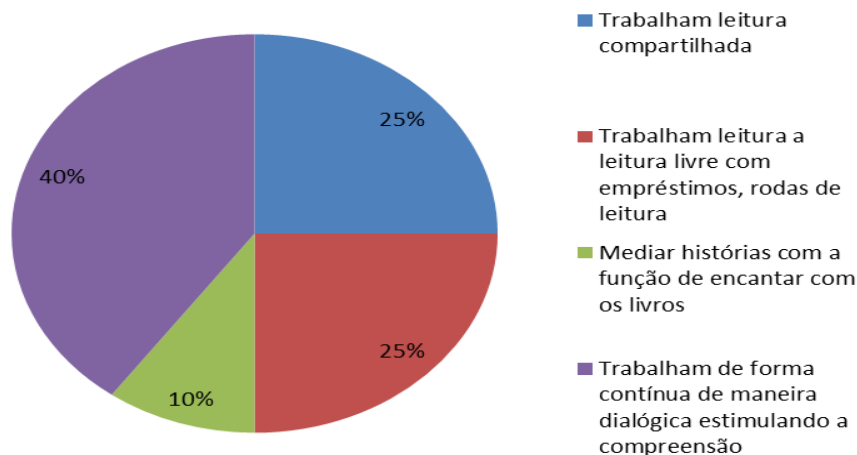
(...) o segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulando, como ele age sobre nós, não eliminara seu poder antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (...) Ao professor cabe criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos. (LEITE apud COSSON, 2007, p. 29).

Ligando o que evidencia a pesquisa referente a algum possível livro de poesia que o professor ler, com o que indicam os autores em reafirmar os benefícios claros de se ler ou trabalhar com poesia partindo das suas aspirações de vida de mundo como prega Elias José, observando a vida com mais arte, lúdico, brilho, cores e aprender no processo de viver como bem afirmar as correntes filosóficas de Dewey. Ainda, podemos trazer as colaborações de Cosson, em fomentar o poder iluminista da literatura.

Desta maneira vem o professor como mediador criando condições para que haja um encontro do aluno com a cultura literária, em que aconteça sentido, significância para sua interação entre o leitor e o texto literário, assim o próprio aluno deve ser beneficiado e, conseqüentemente a sociedade a qual o engloba, tendo acesso a uma ação metodológica que assegure aprendizagens significativas.

Para sabermos como cada educador leciona a prática de leitura em sala de aula na escola analisada veremos a seguir no gráfico 06 (seis).

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 6 - Como você trabalha a leitura na sala de



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Portanto, observando como os professores (a) lecionam o pressuposto leitura em sua sala, identificamos que 25% trabalham a leitura compartilhada em sua dinâmica diariamente, outros 25% lecionam a leitura de forma livre buscando estimular o gosto pela leitura, o hábito de ler livremente. Outros 10% faz a mediação de histórias com a função de encantar, estimular o prazer e a magia implícita no mundo literário. Ademais, 40% veem a necessidade de lecionar continuamente as práticas de leituras diversas, principalmente dialogando estimulando a formação da compreensão e a interação do texto com o leitor, sempre relacionando as leituras ao seu nível prévio e sua realidade, indicados pelos autores.

Segundo Colomer (2002), a essencial condição fundamental para o desenvolvimento da leitura na escola se norteia em ressignificar o sentido da prática social e cultural para o aluno. De forma que os educandos entendam sua aprendizagem e participe da elaboração do seu fazer, estimulando o prazer de modo a acontecer o ensino e aprendizagem significativa, além de indispensavelmente, colaborar para o entendimento daquilo que se lê nas variadas formas de leituras existentes. Sendo o principal desafio de o professor superar um círculo de atividades repetitivas monótonas, buscando sim uma ação metodológica ativa de acordo com o público heterogêneo e seu real.

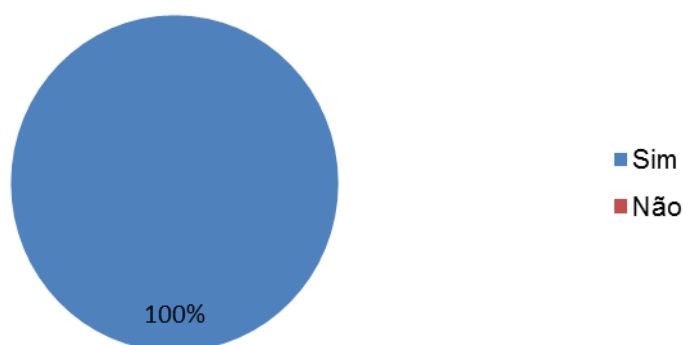
E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada. Aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais a aprendizagem da leitura e alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (FREIRE, 1992, p. 8).

Podemos perceber que Colomer (2002), comunga da ideia de Freire (1992), no ponto em que o objetivo principal da leitura e o compreender, os distintos contextos que insere o educando, esse fenômeno ocorre de modo dinâmico, a saber, articular linguagem e realidade, num exercício de pensar e interpretar com clareza e compreensão, deixando de lado as formas mecânicas, decodificadas, mas, sim a leitura da realidade em todos os aspectos.

A condição básica e fundamental para um bom ensino de leitura na escola é a de restitui-lhe seu sentido de prática social e cultural, de tal maneira que os alunos entendam sua aprendizagem como um meio para ampliar suas possibilidades de comunicação, de prazer e de aprendizagem e se envolvam no interesse por compreender a mensagem escrita. Dar razões para ler, multiplicar e variar as situações de autentica leitura é o principal desafio par uma renovação educativa que deva superar o engessamento generalizado nos hábitos rotineiros de leitura assinalados anteriormente. O papel central da leitura não ler para aprender a ler, mas ler por um claro interesse em saber o que diz o texto para algum propósito bem-definido. E é dessa ótica que os professores devem focar o acesso à língua escrita a partir das múltiplas situações que a vida da escola lhes oferece [...] (COLOMER, 2002, p. 90).

Ao questionarmos aos envolvidos na pesquisa, enquanto profissional da educação, se você reconhece a leitura como sendo uma prática relevante e necessária aos processos de aprendizagem, identificamos os seguintes dados. Desta forma subentende-se que os educadores reconhecem a relevância do uso de práticas de leituras em sala de aula na sua dinâmica cotidiano contribuindo positivamente para múltiplas colaborações para o aprendizado.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 7 - Enquanto profissional da educação você reconhece a leitura como sendo uma prática relevante e necessária aos processos



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

De acordo com a questão podemos perceber que 100% dos entrevistados apontam a leitura como sendo uma prática relevante necessária aos processos de aprendizagem vivenciadas na dialética de ensino desenvolvida cotidianamente, quanto a construção do saber elaborado e sistematizado na esfera educacional. Segundo Cosson (2007) a leitura e a escrita

nos aproximam de nós mesmos ao fazermos interações de nossas crenças, valores, costumes, culturas, conhecimentos prévios e reais da comunidade. Porque o uso na literatura faz uma interligação do ser com os elementos da nossa realidade, permitindo o desenvolvimento do saber embasado nas suas experiências.

Vindo a somar com a ideia e os dados anteriores as autoras mostram a necessidade do trabalho com leitura quanto aos ganhos no campo das aprendizagens.

A leitura individual, independente de qualquer trabalho escolar as atividades de apresentação e difusão dos livros que se pode ler as formas de iniciar a sua leitura, a criação de um clima propício ao comentário, o debate a recomendação e o intercâmbio constituem um tipo de atividades que podem fazer parte, com naturalidade, desse contexto de leitura [...] (COLOMER E CAMPS, 2002, p. 94).

Enfatizando a relevância de se lecionar respeitando os conhecimentos prévios dos alunos, sua cultura, seu meio, sua forma de aprender, perceber os elementos que lhe cerca para embasado nesta dialética, propor uma ação metodológica que inclua todos numa dinâmica de ensino e aprendizagem, verdadeiramente, inclusiva, fértil, lúdica, literária, mágica, prazerosa, compreensiva, construtiva, inventiva, inovadora, ativa, problemática, significativa e biófila³⁰ viva que a escola faça sentido para o educando e sua aprendizagem continuamente formulada, fabricada, tecida pelo aluno como se ele fosse um artesão do seu saber constante pensando a educação para à vida.

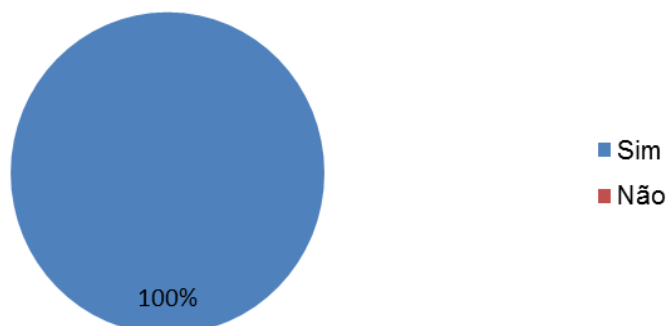
(...) A leitura do mundo precede a leitura da palavra daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1992, p. 11 e 12).

Analisando o ponto de vista dos pensadores aqui referenciados, notamos que cada um com seu conceito convergem no quesito em questão, em entender que o elemento mais propício a construir um caminho fértil, dialético no tocante aos conhecimentos articulados dos discentes, é basear-se na “leitura” seu mundo, na sua “leitura” de vida e da realidade.

Atualmente, com os avanços tecnológicos e o acesso a aparelhos com celular na maioria dos lares se torna um desafio estimular os estudantes a ler livros físicos. Sendo assim com a tecnologia, estudantes que utilizam de redes sociais, inquietos e ansiosos torna-se um desafio para poder motivar o desenvolvimento da leitura. Diante de tal quadro econômico e social consegue-se estimular seus estudantes para ler?

³⁰ É o amor à vida. Uma tendência natural a voltarmos nossa atenção às coisas. Este termo se justifica por tratarmos de pessoas, e pessoas por natureza são vivas e carecem de amor, de transformar-se, as situações muitas vezes exploradoras, escravista e opressoras. Que nega o amor e a vida.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 8 - Com a tecnologia, estudantes que utilizam de redes sócias, inquieto e ansioso é um desafio para motivação para o desenvolvimento da leitura. Você consegue estimular seus alunos para ler livros?



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Em plena era tecnológica dos tempos atuais e sendo uma realidade constante do uso de recursos digitais nos lares brasileiros, e por não dizer em boa parte dos educandos os quais lecionamos tem esse contato com essas ferramentas tecnológicas. Muitas vezes o contato com esses aparelhos trazem vantagens e desvantagens, se usados de maneira inadequada, interferindo no seu comportamento social, principalmente na escola, dentro desta perspectiva vem os professores entrevistados apontando que conseguem atrair seus alunos.

Diante deste problema existente nas nossas salas de aula e no mundo de hoje, a pesquisa aponta que os professores conseguem a atenção dos seus alunos, Morin nos alerta para o perigo de ficarmos refém das máquinas, desfrutar de toda a gama de recursos tecnológicos é maravilhoso, porém nunca perder a capacidade de entender o outro, o ser humano, afinal, nós que somos os seres pensantes não se pode deixar dominar por um elemento artificial.

[...] Se esforça para controlar os humanos. O problema dos humanos é beneficiar-se das técnicas, mas não submeter-se a elas. Estamos, contudo, em via de subordinação às I.A. instaladas nas mentes em profundidade, sob forma de pensamento, pertinente para tudo que se relaciona com as máquinas artificiais, é incapaz de compreender o vivo e o humano aos quais se aplica, acreditando-se o único racional. (MORIN, 2000. p. 43).

Frente a este dilema vem o letramento literário como uma prática social e, como sendo, vem à escola como responsável. O cerne da questão não é, que tipo de escolarização da literatura cabe à escola fazer como bem nos alerta Soares (2011), mas sobretudo, fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem negar seu poder puramente transformador, humanizador,

transcendendo para além do texto a essência da formação do ser cidadão nas vertentes hoje estabelecidas na BNCC com ênfase ao desenvolvimento humano integral.

(...) devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escolar. A questão a ser enfrentada, não é se, a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mas nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2007, p. 23).

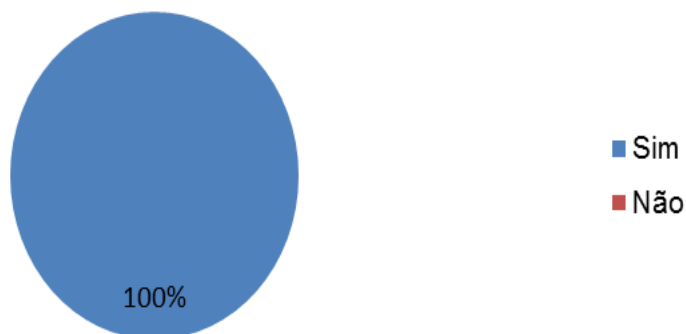
Segundo Cosson (2007) a literatura nos tempos tecnológicos para continuar sendo, utilizada no campo educacional precisou se adaptar as culturas contemporâneas como: músicas populares da atualidade, crônicas, séries, filmes, jogos, desenhos animados, vídeos e outros elementos culturais objetivando interagir com a realidade dos educandos. Sendo assim a escola necessita adequar-se as culturas contemporâneas para não ficar desatualizada e ou conseguir fala a mesma língua da sua clientela.

Com base nas respostas podemos interpretar que mesmo com as dificuldades elencadas anteriormente referente as tecnologias, as redes sociais, a inquietação e a ansiedade dos estudantes inseridos neste mundo, é bastante complexo despertar o interesse dos educandos por livros físicos ou literaturas mais sofisticadas. Diante de todas as questões emocionais, psicológicas, comportamentais e sociais existentes na dinâmica de sala de aula diária. Assim, percebemos que 100% dos profissionais da escola conseguem estimular e incentivar seus estudantes no gosto pela leitura.

Abordamos questionando se os professores (a) lecionam em sua prática pedagógica o gênero literário poesia em sala de aula, se utilizam que metodologia que caminho percorre que ou utilizam?

Veremos no gráfico a seguir os dados coletados abaixo que na totalidade dos interrogados concordam que abordam o tema em estudo nas suas incursões pedagógicas nos espaços escolares, cada qual com sua ação estratégica diferente, mas com propósito único, claro de lecionar o assunto em suas paulatinas práticas docentes. Bem culminadas as informações dos entrevistados com as teorias dos autores seguintes.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 9 - Você trabalha o gênero poesia em sua aula?



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Estamos vendo a unanimidade entre os pensadores sobre a significância do tema, assim para Averbuck (1991) combina sua opinião com a dos entrevistados, no uso do gênero. Desta forma é o professor como mediador o responsável por assegurar um ambiente capaz de garantir fluidez no trabalho poético, facilitando com esta abordagem as possibilidades variadas a inventabilidade, deste modo se apoiando em todos os elementos culturais de leitura que possa existir, desenhos, objetos, jogos visuais, telas de Artes, foto, linguagem verbal e não verbal, formal e informal, rimas faladas, atividades de som, fonética, rítmica. Paródias, poesias cantadas, contos, jogos com nomes, jogral e, entre outros. Não é preciso uma enxurrada de textos e imergir a crianças nesse universo, mas, é fundamental criar uma metodologia que desenvolva a capacidade de criar, fazer, construir, uma espécie de oficina de montar e desmontar para construir o conhecimento gradualmente.

Nessa perspectiva colabora Araújo sob a orientação de Goldstein (1994) elencando a relevância do trabalho com o gênero poesia nas escolas.

(...) ressalta que a poesia foi feita para ser falada, recitada e que, mesmo lendo um poema silenciosamente, percebemos seu lado musical, sonoro, pois a nossa audição capta a articulação (modo de pronunciar) das palavras do texto, passando o leitor da percepção superficial para uma análise cuidadosa do ritmo do poema, tornando provável a descoberta de significados. (ARAÚJO, 2012 apud GOLDSTEIN, 1994, p. 5).

Para tanto, podemos verificar que as metodologias usadas com as poesias em sala de aula são diversificadas. Desta maneira 100% fazem utilização da poesia com mediação pelos espaços da escola, inclusive no jardim literário, um lugar em que se declama poema para as flores. Ainda há o uso da poesia deleite, a qual esporadicamente é feita interpretações dos textos poéticos e possivelmente significando-os numa releitura pessoal do que foi lido em sala.

Assim podemos perceber que é fundamental concordar com as concepções Freirianas em que é essencial a compreensão da leitura do mundo e, sequencialmente a leitura das palavras, trazendo ao universo das crianças interação do real com o entendimento do que se lê, relacionando com sua realidade se a poesia vem das aspirações culturais dos alunos representando a identidade e contexto ao seu redor, onde ler é um ato cidadão, cultural, vivo, um fator preponderante a prática correta de ler e seu aperfeiçoamento intenso de relacionar texto e contexto, numa tarefa cultural de crescimento gradual de compreender seu universo a sua volta de uma maneira simples, principalmente sobre aquilo que ele gosta e faz parte de sua existência de ser e existir, pois estamos lendo o mundo e relacionando, associando ao nosso prévio.

(...) Compreensão portanto da relação entre “leitura” do mundo e leitura da palavra, a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. (FREIRE, 1992, p. 38).

Os professores (a) investigados nesta abordagem acadêmica se materializam como sendo sensíveis a utilizar poemas na escola. Estes fazem utilização de metodologias como exposição oral, escrita na lousa, sarau poético, tarefas fragmentadas, declamação de poesias e, com base nestas obras incentivo a criar suas próprias rimas, versos e textos do seu modo, além de exposição em varais literários. Nesse sentido percebemos nas colaborações dos autores em apontar as várias possibilidades de se trabalhar este pressuposto no cotidiano escolar na sala, partindo da leitura de textos que haja identificação dos alunos com seu meio e, sobretudo, dar importância a essa ferramenta que democratiza o ensino e favorece o prazer, a liberdade, o gosto, o aprender e outras faculdades mentais dos alfabetizados.

Ler, ouvir poesia, escreve Koes, exige o lazer, recreação, a liberdade de estar disponível. Quer dizer que é preciso ao mesmo tempo agir para a conquista de um lazer verdadeiramente liberado e para uma democratização do ensino (AVERBUCK, 1991 apud JEAN 1991, p. 64).

Deste modo, foi possível compreender que cada pedagogo com sua pedagogia e metodologia distinta contribui no campo do ensino e aprendizagem, no uso do elemento poesia e, o gosto dos alunos pelo assunto contribuiu para algumas aprendizagens como bem aponta a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1982). No trabalho docente de acordo com suas concepções desenvolvem seu papel com afinco e reconhecendo seu valor na construção de saberes na dinâmica pedagógica baseando-se na poesia como elemento prévio do aluno propício a construir cada vez mais uma educação humana e integral com vistas a cultivar aquilo que há de mais sublime na essência literária que é humanizar, sinalizando a luz do pensamento da

autora concluindo essas questões com sapiência atrelando o consenso dos colaboradores desta catalogação de dados apurados.

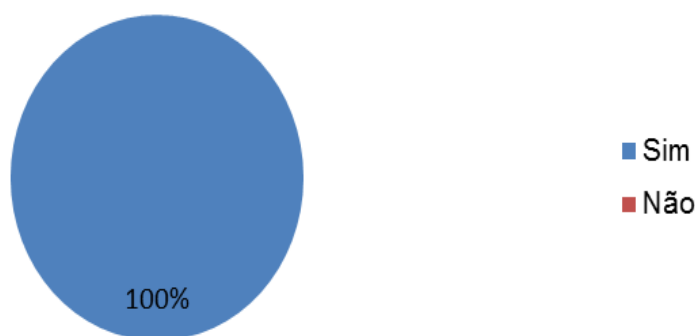
Associada a outras formas de dizer como o teatro, a declamação, a música, a expressão visual e escrita, a poesia na escola pode cumprir, portanto, um papel integrador na medida em que, apoiando-se na palavra do aluno e do poeta, busca a essência da expressão do homem. (AVERBUCK, 1991, p. 82).

Os dados revelam que 100% dos participantes da pesquisa (os professores) fazem uso do gênero poesia em suas práticas pedagógicas, ao trabalhar os textos cada qual com sua metodologia específica.

Como podemos identificar no gráfico 10 (dez) a questão é se seus alunos gostam de ler livros de poesia?

Mario Quintana (1975) “ao dizer que os livros de poemas deveriam ter sempre margens grandes para as crianças desenharem”.

Gráfico 10. Gráfico de pizza ABABIC 10. Seus alunos gostam de ler livros de poesia?



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Sendo assim, confirmamos a unanimidade dos alunos quanto ao gosto pelo gênero em análise, como podemos ver nos dados mostra que a poesia exerce um grande poder e magia, encanto para os alunos por várias colaborações para o intelecto e, sobretudo com bem indica Cosson (2007), seu maior poder e a humanização, tudo isso por sua constituição puramente, plástica, artística, bela, leve em rimar, cantar, combinar sons, brincar com as palavras, rítmica, a cadência, construir e desconstruir para organizar, no exercício natural para a criança, o gosto literário dos indivíduos na sua totalidade pela poesia se justifica, simplesmente por toda a grandeza que o gênero poético exerce nas faculdades mentais do ser em contato com essa prática, sua arte, sua, magia, seu jogo em brincar com as palavras acaba sendo uma tipologia

bem aceita e, principalmente por versar muitas vezes por aquilo que lhe identifica e faz parte do seu mundo, seu prévio e sua realidade. Bem defendida nos pensamentos Freirianos como veremos a seguir culminando com aquilo que acabamos de dissertar.

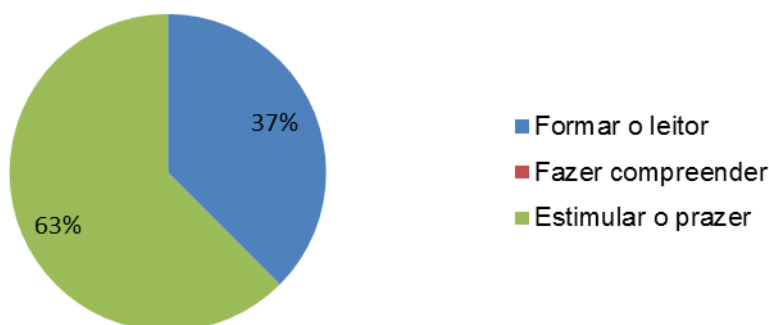
(...) Aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais a aprendizagem da leitura e alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 1992, p. 8).

Ao questionarmos se os alunos gostam de ler livros de poesias vimos que é unânime o gosto pelo gênero por todas vantagens já ditas na literatura como defende Cosson (2007), e comunga da mesma ideia de Freire (1992), quando aponta a leitura numa dinâmica ligada a linguagem e realidade, lendo com finalidade em compreender seu contexto, numa leitura ampla de ler o mundo com as aprendizagens advindas dos atos de educação.

Averbuck, (1991 apud Jean, 1979) dizendo que “Uma criança que lê poesia, a institui em fato como real. Não se trata de criar uma espécie de mística da evasão, mas, ao contrário, de suscitar uma aproximação concreta do real e, diria mesmo, do real cotidiano”.

Verificamos no gráfico 11 (onze) que na sua concepção das opções a seguir, qual é o principal objetivo da leitura na formação humana? Conforme mostra o diagnóstico visto no gráfico seguinte 37% dos professores (a) apontam que o principal objetivo da leitura na formação humana é formar o leitor, por outro lado vindo por uma ótica diferenciada 63% acreditam que a leitura se objetiva em estimular o prazer, numa outra visão nenhum entrevistado afirmou sobre a alternativa de fazer a leitura como compreensão como o objetivo primordial no tocante a formação humana. Foi diagnosticado que os entrevistados não tem claro o papel fundamental da leitura nos tempos atuais defendidos por todos os autores nesta obra científica bibliográfica, que é primar pela compreensão do que é lido. Assim podemos comprovar nos dados abaixo:

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 11 - Na sua concepção dentre as opções a seguir, qual o principal objetivo da leitura na formação humana?



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Quando perguntamos de acordo com a concepção de cada um a pergunta acima. Logo se identifica dentre as alternativas os seguintes dados do gráfico. Segundo afirma Colomer (2002), a condição essencial do ensino da leitura no âmbito escolar não é somente para estimular o prazer dessas práticas sociais e culturais, mas principalmente, por meio dessas práticas vivenciadas se envolverem por meio de aprendizagens prazerosas e, sobretudo, com o objetivo principal de compreender a mensagem escrita. Dar motivos para ler, ampliar e variar momentos de leituras próprias autênticas dos alunos, esse será um foco principal numa recriação, renovação educativa, o qual nos leva sair do engessamento rompendo com hábitos rotineiros de leitura frisados anteriormente. Daí surge um novo paradigma na renovação educativa onde ler se fundamenta no ato de compreender contextos interagindo leitor e autor.

[...] O papel central da leitura não ler para aprender a ler, mas ler por um claro interesse em saber o que diz o texto para algum propósito bem-definido. E é dessa ótica que os professores devem focar o acesso à língua escrita a partir das múltiplas situações que a vida da escola lhes oferece. Tanto espaço ambiental (as paredes da escola, as marcas publicitárias das roupas, os livros de contos e o material escolar, os papeis da secretaria, etc.) como os eventos da vida cotidiana e os contatos da escola com o exterior(um aviso, um convite, uma excursão, os acordos de uma reunião, as correspondência , etc.)e, sobretudo, as diversas, tarefas que a escola se propõe a levar a cabo estão cheios de incitações à leitura e oferecem seu contexto natural sem qualquer problema além da necessidade de organizar adequadamente sua utilização (COLOMER, 2002, p. 90).

Reforçando o pensar de Colomer (2002), vem as aspirações Freirianas versando sobre a leitura da palavra, leitura da realidade compreendendo criticamente toda conjuntura que nos rodeia, ler com os olhos, com os ouvidos, com o tato num exercício simples de percepção, ler é fundamentalmente compreender seu mundo.

Reiterando o que pensam os autores vem Reis embasado nos ideais de Todorov, fazendo apontamentos da não didática correta do ensino de leitura nas escolas, isso mostra um diferente resultado da pesquisa de campo e os teóricos ressaltam a compreensão do texto como objetivo, já a pesquisa constata que a leitura deve estimular o prazer.

O perigo que hoje ronda a literatura não está, portanto, na escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura de textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, teoria ou de história literária (REIS, 2015 apud TODOROV, 2009, p. 10).

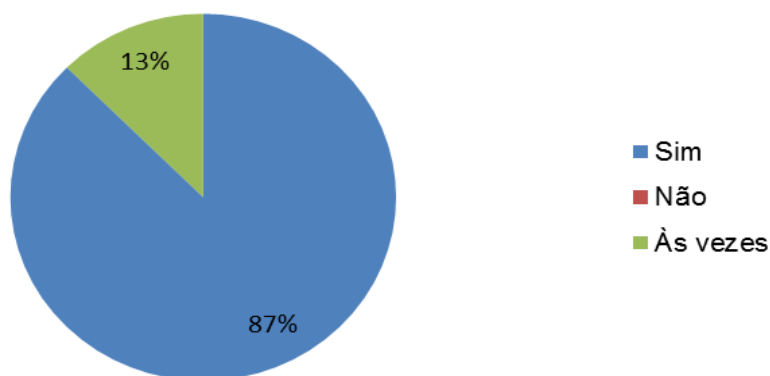
No gráfico 12 (doze) verificamos a magnitude da poesia e sua interdisciplinaridade e transversalidade no ensino e aprendizagem.

Como podemos ver nas aspirações dos estudiosos. OLÍMPIO (2008 apud ELIAS JOSÉ, 2003, p.101) “ser poeta é um dom que exige talento especial. Brincar de poesia é uma possibilidade aberta a todos”. Assim se configura o teor amplo em desenvolver habilidades variadas e, seu cunho puramente interdisciplinar reafirmado no entendimento dos autores.

[...] A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de *viver poeticamente o conhecimento e o mundo*. E conclui: O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (AVERBUCK, 1991 apud DRUMMOND 1974, p. 66 e 67).

Ao indagarmos sobre o constante uso do gênero poesia em sala de aula desenvolvem habilidades de sonoridade, comparação, semelhança, contagem, realidade e benefícios diversos no trabalho interdisciplinar e transversal. Constatamos os dados mostrados abaixo:

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 12 - O uso constante do gênero poesia em sala de aula desenvolve habilidades de sonoridade, comparação, semelhança, contagem, realidade e ganhos diversos no trabalho interdisciplinar e transversal?



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Como se formata os dados apontados no gráfico acima se constata que 13% dos professores (a) acreditam que só às vezes o gênero poesia pode corroborar com as habilidades descritas na pergunta. Assim, como também no trabalho interdisciplinar e transversal essa tabulação assegura haver divergências entre a pesquisa e o que pensam os autores, pois, a maioria dos pensadores aqui estudados defende por unanimidade ser favorável o trabalho debruçado sobre o uso da poesia, ser sempre positivo ao aprendizado de diferentes habilidades no tocante aos discentes envolvidos no processo de alfabetização.

Tudo por se justificar ser a poesia a interpretação do mundo em arte, cores, brilho, luz, sons entre outros, transcrevendo para a criança toda a magia, imaginação existente em seu universo, permitindo haver sinergia entre texto e criança numa interação compreensiva simultânea em se apoiar no real, vejamos as aspirações Freirianas versam sobre a leitura da palavra e a “leitura” da realidade que ambas convergem em si mesmo numa espécie de simbiose³¹ do mundo, onde uma depende da outra e, o maior trunfo é entender o mundo a sua volta, da mesma maneira vem Colomer (2002), falando do ato de ler no espaço escolar numa dinâmica de aprendizagem prazerosa com foco principal na compreensão e revolução nos hábitos educacionais em quebrar o engessamento e tornando o ensino moderno e satisfatório.

Não podemos deixar de fora desse discurso Averbuck (1991) com suas contribuições magníficas acerca da poesia como prática libertadora, inovadora, mágica, criativa, lúdica em favorecer múltiplas habilidades ao utilizarmos esse método próprio do ensino embasado nas práticas poéticas.

Por outro ângulo temos 87% dos educandos os quais acreditam que ação didática com o gênero poesia é sim capaz de favorecer múltiplas capacidades, habilidades aos discentes na interlocução social, transversal e interdisciplinar desenvolvidas com essa prática pedagógica plural a construção dos saberes intelectuais bem mostrados na concepção da autora abaixo.

Pela expressão da fala, a criança se apropria de suas possibilidades, adquirindo o domínio de sua palavra. Por esta via, se a poesia pode desenvolver a personalidade, formar o gosto e a sensibilidade, possibilitar à criança o falar e o conhecimento do próprio “eu”, ela auxilia a compreensão da comunicação do irracional e do incomunicável, funcionando como “antídoto” em uma civilização urbana e técnica. O desenvolvimento do gosto da beleza, de um gosto pelo ritmo, e o jogo da linguagem asseguram, assim, seu domínio e levam à consciência ao mesmo tempo libertadora e lúdica da linguagem, à descoberta de níveis da língua e do real (AVERBUCK, 1991, p. 68 e 69)

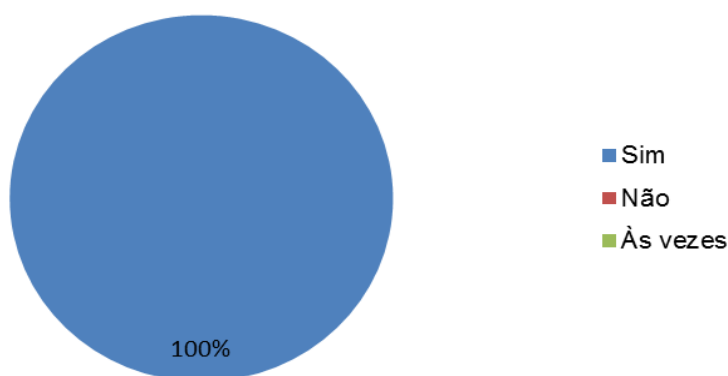
Como podemos perceber com colaboração da autora, vem reafirmar os dados coletados mostrando as várias contribuições do uso da poesia em sala e aula para o intelecto e para a vida dos educandos, permitindo aos alunos uma descoberta de quem somos, nos possibilitando enxergar à beleza que existe na essência poética, a criança apropria-se da sua palavra por domínio, desenvolve a personalidade, falar o conhecimento próprio do “eu”, auxilia a compreensão do seu mundo, desenvolve o sentido de entender a plástica, o belo, o gosto pelo ritmo, o jogo das palavras, da fala, da linguagem, o domínio dessa arte leva-o a uma consciência pensante, libertadora e lúdica da linguagem do homem e, por fim a descoberta de diversos níveis

³¹ Interação entre duas espécies que vivem juntas. Na literatura o termo assegura uma relação entre aluno e a realidade, onde um depende do outro numa relação de compreensão; Entender o mundo a sua volta.

da língua real, dele numa espécie de transformação, pelo simples fato de o discente fazer-se sua a palavra, escrever, pensar sobre seu mundo e tudo aquilo que lhe constitui, enquanto ser social que é, perante a sociedade, aprende pelo contato com algo nato do seu existir e ser.

Notamos no gráfico 13 (treze) que a leitura literária tem seu objetivo em estabelecer interação entre texto e leitor, e, se os professores consideram importante considerar o prévio, a realidade como fonte de partida para produzir conhecimentos.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 13 - A leitura literária tem como foco principal a interação entre o texto e os conhecimentos prévios dos educandos. Você considera importante à leitura da realidade dos seus educandos como inicial na



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

No tocante a leitura literária e seu foco principal a interação entre o texto e os conhecimentos prévios dos educandos. Você considera importante à leitura da realidade dos seus educandos como base inicial na produção de saberes.

Todos os educadores julgaram a “leitura” de mundo ou “leitura” da realidade, como sendo um aporte para o ponto de partida para produzir conhecimentos sistematizados com base naquilo que faz parte da vida social, cultural e real de cada ser humano englobando no processo dialético ensino e aprendizagem como bem mostra a estatística do gráfico acima.

Desse modo, colaborando com nosso estudo bibliográfico e a pesquisa qualitativa vem às concepções de alguns autores já referenciados anteriormente e, por que dizer Freire (1992) sinalizando para importância magro, fundamental de se apoiar essencialmente no mundo dos aprendizes para inicialmente ler por meio da percepção do existir no mundo e, dele ser parte, entender sua casa, seu quintal, sua rua, seu lugar, seu mundo, a “leitura” da realidade do sentir, do tato, do pegar, do ver, do viver e a partir dessa compreensão construir as bases prévias do

saber embasado, sobretudo no real, na vida, na cultura de cada indivíduo envolvido no processo de dialética do saber.

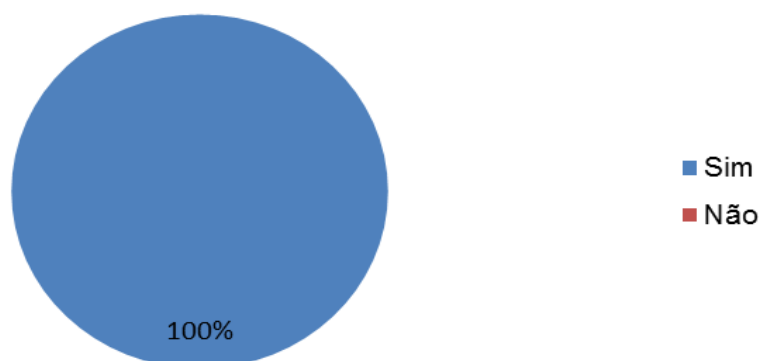
Como nos aponta as colaborações Freirianas sabiamente, vindo como luz as vertentes pedagógicas significativas, perceptivas, ativas de produzir conhecimentos numa formatação dinâmica, viva e não passiva, bancária, mecânica, codificar e decoreba que não possibilita o ser construir, mas meramente reproduzir Xerox, cópia. Ser ativo, produtivo. É natural do ser humano a pró-atividade, e algumas práticas que caminham por essa direção passiva estão e sempre estiveram fadadas ao fracasso. É preciso experimentar, perceber, viver, crescer para estimular a capacidade de percepção do mundo a nossa volta e ver o quão é literário, é poético viemos do mundo e aprendemos para o mundo.

(...) tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Só “textos”, as “palavras”, as “letras” aquele contexto_ em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber__. (FREIRE, 1992, p. 13).

Considerar os conhecimentos prévios dos alfabetizando na elaboração do saber sistematizado, é mais que primordial, vimos que o autor disserta sobre sua infância, seus primeiros passos ao perceber o mundo, adaptar-se e acomodar-se durante o processo de aprendizagem o qual o inseria, é neste ambiente que a criança se apropria das suas primeiras leituras, nesse espaço entramos em contato com as letras pronunciadas pelos mais experientes, as palavras, as frases e os textos e quanto mais praticamos essas experiências, mais percebemos, a repetição, o experimentar ativa automaticamente a condição de perceber e aprender, embasado nas suas bases prévias, primitivas de ser enquanto ser social que somos e, sujeito ativo da aprendizagem constante.

Valem salientar, as colaborações de Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1985) no que tange a leitura e os saberes já trazidos com as crianças de suas vivências culturais, familiares e do mundo ao seu redor, em sentir, com o tato, com os olhos, com os ouvidos, com o olfato, o paladar entre outras formas de sentir e ler sua realidade, desse modo os autores convergem em assegurar ser importante, considerar os conhecimentos dos educandos fazendo disso um norte para uma partida em busca de formular um saber elaborado com mais facilidade e de forma significativa com afirma Ausubel (1982).

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 14 - Usar a poesia e sua interdisciplinaridade no cotidiano escolar pode desenvolver a capacidade mental dos educandos, a compreensão do que foi lido, contemplando todos numa atividade de leitura



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Verificamos que no gráfico 14 (quatorze) a poesia como um elemento interdisciplinar que pode contribuir com uma gama de múltiplos conhecimentos:

Usar a poesia e sua interdisciplinaridade³² no cotidiano escolar pode envolver a capacidade mental dos educandos, a compreensão do que foi lido, contemplando, todos em atividades de leituras literárias múltiplas, bem defendidos por muitos autores, por exemplo: as colaborações Vygotskyanas quando aponta na sua teoria zona de desenvolvimento real e proximal, o professor ao mediar intervenções poéticas em sala de aula favorece, assim a saída do aluno da zona de desenvolvimento real em que se encontra e, vai em busca da zona de desenvolvimento proximal ao experimentar novas experiências, novos saberes, numa crescente evolução e voos mais altos na sua trajetória de aprendizagem. Analisando os dados seguintes teremos a devida comprovação acerca da questão em análise e os pensamentos proferidos pelos estudiosos combinando o científico bibliográfico e a pesquisa de campo chegando ao mesmo fim.

Com base na análise deste gráfico que representa a questão anterior, podemos afirmar que majoritariamente 100% dos educandos concordam com a função interdisciplinar do gênero poesia na formação do intelecto dos aprendizes. Assim como ampliar seus horizontes em compreender interagindo entre o texto e o leitor a seu modo, garantindo deste modo um ambiente democrático, plural, diverso, equânime, inclusivo e igualitário. Assegurando o direito de aprender como é parâmetro, atual na BNCC visando o desenvolvimento físico, social,

³² Parte da palavra “interdisciplinar”, que tem, como conceito, o que é um comum a duas ou mais disciplinas. Diz respeito ao processo de ligação entre as disciplinas.

emocional e intelectual do ser humano com a tão sonhada formação integral do ser. Como se confirma na ideia da autora a seguir:

É preciso que o professor, na sala de aula, crie o clima capaz de assegurar ao trabalho de exploração do texto poético todas as possibilidades de inventividade, desde a utilização dos elementos visuais como os desenhos, os jogos visuais, as representações plásticas variadas, as atividades rítmicas, os jogos com as palavras do poema. Não basta selecionar textos expressivos e entregá-los às crianças para que elas se sintam tocadas pela “magia verbal”. O que é preciso verdadeiramente, é criar uma atmosfera de uma legítima “oficina poética”, em que a desconstrução dos textos seja o caminho para novas construções (AVERBUCK, 1991, p. 76).

A afirmação sábia da estudiosa sinaliza para a sensibilidade do professor entender a grandeza do trabalho poético em sala de aula e favorecer condições em assegurar a exploração do texto poético com suas várias possibilidades a inventar, a criar, a produzir, dando abrangência de disseminar os elementos como os desenhos, as figuras, os personagens, os jogos visuais, jogos imaginários, jogos com letras e palavras, as formas plásticas diversificadas, sequenciais rítmicas, rimas, sons de fonemas e por fim jogos com palavras da poesia.

Não cabe lê textos poéticos verbalmente, apenas por a poesia apresentar “magia”. É fundamental, um laboratório, uma fábrica de poesia, em que desconstruir textos, faça parte de um novo caminho para construções futuras. Corroborando com essas ideias a cima outros autores consagrados a exemplo: Cosson (2007), atribuindo a importância do uso da literatura e do letramento literário na formação humana e sua humanização, Colomer (2002) com sua visão de leitura prazerosa na escola e a busca da compreensão autêntica do aluno sobre aquilo que ler, Freire (1992), com sua “leitura” de mundo e da realidade dos alfabetizando-os, daí as aspirações para criar produzir poesias e alfabetizar letrando. Teberosky e Ferreiro (1985), reconhecendo que o aluno traz em sua vivência seus saberes sobre a língua, pois falamos, sentimos, ouvimos, olhamos.

Ainda, vem com seus pensamentos magistrais a educação contemporânea de Morin (2000), com seus quatro pilares da educação, aprender a ser, a fazer, a viver juntos e conhecer defendidos na obra **os sete saberes necessários a educação do futuro**, indispensáveis a qualquer prática educativa que pense o homem e sua ação hologrâmica, entre outros e por fim temos as ideias Vygotskyanas com a zona de desenvolvimento real e proximal tão cabível no tema estudado por falarmos da aprendizagem por meio das faculdades psicológicas, intelectuais do ser usando a literatura.

A leitura e, em particular a poesia e suas múltiplas facetas indispensáveis no processo de alfabetização, justamente por ser algo fértil, que tem sua vertente maior as vivências dos

educandos, a cultura, seu meio social, sua família, seu prévio, seu mundo, suas leituras, sua existência e a compreensão do livro maior que é o universo a sua volta.

Na sua forma mais simples, a poesia (cantigas de ninar, cantos, etc.) constitui uma maneira de ensinar a dominar certos ritmos fundamentais do ser, entre eles o de respirar. Um poema, para ser dito, implica uma diversidade de suas estruturas acentuais, rítmicas, uma disciplina do sopro, mediante a qual se conquista a liberdade de dizer. Pela expressão da fala, a criança se apropria de suas possibilidades, adquirindo o domínio de sua palavra. Por esta via, se a poesia pode desenvolver a personalidade, formar o gosto e a sensibilidade, possibilitar à criança o falar e o conhecimento do próprio “eu”, ela auxilia a compreensão da comunicação do irracional e do incomunicável, funcionando como “antídoto” em uma civilização urbana e técnica. O desenvolvimento do gosto da beleza, de um gosto pelo ritmo, e o jogo da linguagem asseguram, assim, seu domínio e levam à consciência ao mesmo tempo liberadora e lúdica da linguagem, à descoberta de níveis da língua e do real (AVERBUCK, 1991, p. 68 e 69).

Esta afirmativa contribui com tudo que foi afirmado ao longo desta enquete proposta no quesito acima, assim Averbuck reitera o grau de abrangência do tema, sua riqueza e vantagens no trabalho docente, em favorecer aprendizagens e atingir todos numa ciranda lúdica, interdisciplinar desenvolvendo o máximo de capacidades possíveis na elaboração do saber construtivo em sala na dinâmica pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou esta obra científica bibliográfica e qualitativa surgiu necessariamente em nos dedicarmos a investigar o assunto em análise, **Uma experiência de Arte Poética e Cultura no Ensino Fundamental**, pela inquietação subjetiva de enquanto professor regente de sala de aula, e por ser de grande relevância o termo para a comunidade escolar. Pois na sociedade vemos tantas crianças com dificuldades de leitura e, conseqüentemente de escrita básica nas séries iniciais do ensino fundamental, já que leitura e escrita uma estar ligada a outra intrinsecamente entrelaçada em uma mesma órbita. Se ler para escrever e, escreve para ler. Desta forma a leitura representa nossas primeiras percepções de leitura e escrita do mundo o qual nos insere. Essa teoria se comprova nas formas de leitura do mundo e escritos rupestres pictográficos dos povos antigos nas rochas, os hieróglifos representando seu tempo histórico, sua cultura e costumes étnicos daquela civilização.

Hoje na era tecnológica contemporânea persiste o mesmo comportamento do homem se expressar desta maneira, é comum nas casas que tem crianças vemos, principalmente nas paredes rabiscos, desenhos, garatujas das crianças expressando suas linguagens, sentimentos, desejos, sonhos e suas expressões escritas do seu mundo literário.

Combinando com as concepções dos autores estudados nesta obra acadêmica efetivada desde o projeto e desta maneira alcançamos os objetivos propostos elencados na ideia central deste trabalho, concretizando resultados que coincidem com a fundamentação teórica que norteia este documento de iniciação científica, tendo como lócus de pesquisa a Escola Municipal Professora Luzanira Maria da Costa Cruz, com esta finalidade a que se cumpre seu propósito fundamental nos debruçarmos sobre o vasto campo da leitura.

Buscamos sempre mostrar que é possível respeitando o prévio, a leitura de mundo e a realidade construir uma ação metodológica enraizada nas vertentes culturais que resulte em construção do saber apontados no estado da arte do projeto de pesquisa.

Nesse contexto, podemos considerar que o trabalho possui o objetivo geral de sucintamente, investigar as contribuições que o uso da poesia pode proporcionar no desenvolvimento das crianças no Ensino Fundamental e inserir as crianças no universo poético.

Com base nos objetivos elencados no projeto observamos que a leitura deve acontecer, numa ótica geradora na sala como indica os pensadores, inclusive a teoria Freiriana como norte, ponto de partida e de maneira interdisciplinar. Assim podemos dizer que alcançamos os objetivos específicos elencados em primeiro: Discutir esse tema tão importante e significativo como ferramenta pedagógica no Ensino Fundamental. Fomos prontamente atendidos ao ser

feita essa discursão salutar aos processos de aprendizagens no âmbito da escola, levando essas questões ao auditório da escola despertando a curiosidade de outros alunos, assim como também de professores que utilizam poesias do próprio autor desta obra, houve discursões em reuniões escolares bimestrais trocando experiências exitosas no processo de aprendizagem, desta maneira, afirmamos que alcançamos os propósitos desejados.

Como segundo objetivo específico de investigar as teorias de aprendizagens significativas nos processos interdisciplinares da poesia. Essas teorias acontecem de forma múltipla no cotidiano escolar dos alunos e professores entrevistados, não com a frequência desejada, pois cada profissional tem sua metodologia. Seria prioritário o uso didático de conteúdos vindos da vida cotidiana dos educandos que faz sentido pra eles, como prega Ausubel, Colomer, Freire e outros.

Sendo uma prática que permeia suas ações metodológicas quase sempre é importante a construção do saber discente. Desta forma alcançamos os objetivos propostos por observar que percebemos ser de suma importância incentivar o uso do gênero poesia em sala de aula como prática interdisciplinar, com o intuito de proporcionar melhor aprendizagem aos discentes.

Através do uso de metodologias ativas, da produção de textos curtos e frases alcançando propósitos chegando aos objetivos, sendo os processos diversificados com leituras compartilhadas no ambiente escolares tais como; construção de textos e desconstrução, livros em um cantinho da leitura com acesso ao aluno, empréstimos de livros, leituras deleite, relaxamento com leitura (textos diversos), varal poético, declamação de poesias, poesia cantada, músicas, poesia contada, textos em cartazes expostos no espaço escolar democratizando a literatura e incentivando, contação de histórias, leitura da realidade, leitura de imagens, releitura de músicas, telas, textos pequenos estimulando prazer, compreensão, produção textual, dinâmicas, poesia interativa, oficinas entre outras.

Nesta pesquisa analisou-se que se faz necessário se fundamentar em práticas de leitura prazerosas, reais, voltadas ao mundo e a compreensão podendo contribuir, fazer aprender os conhecimentos fundamentais ao ser em construção e no terceiro objetivo incentivar o uso do gênero poesia em sala de aula como prática interdisciplinar, com intuito de proporcionar melhores condições de aprendizagens aos discentes. Por isso a hipótese foi confirmada em reafirmar o valor indispensável da leitura e suas contribuições para campo epistemológico.

Observou-se por se tratar de um tema de abrangência dialética social, a metodologia acontece lendo obras essenciais que enxergam a leitura como prática interdisciplinar, é mais que fundamental e de diferencial prioritário quanto aos conhecimentos os quais podem ser

explorados e desenvolvidos pelo uso desta estratégia de ensino, a qual colabora com a aquisição de distintas habilidades.

Determinante, de caráter essencial do aprendizado significativo, para os discentes e toda comunidade científica, sendo uma obra a qual servirá de fonte base para a realização de trabalhos futuros nesta área específica.

Nesta direção apontar algumas limitações como, por exemplo: não ter mais tempo para dialogar com os professores para continuamente trocarmos ideias, foram entrevistadas um grupo pequeno de professores, somente o turno matutino o qual exerce docência, devido à vida corrida de cada um e, o tempo para se reunir ser um entrave a discutir sobre uma inovação, uma renovação nos moldes da educação moderna com objetivo de constituir o desenvolvimento humano integral do ser.

Este trabalho apresenta uma metodologia voltada para a realidade, pois pensamos assuntos, temas diversos que possam ser interessante para os alunos e que tenham sentido real em suas vidas, abordando sua cultura, seu brincar, seu mundo, seu cotidiano, sua infância, seu universo mágico, fantasioso, do faz de conta e da imaginação, do jogo de letras e palavras, do lúdico, do som, da rima. Para isso escrevemos poesias curtas, agradáveis que versam sobre elementos da vida das crianças como comidas, animais, brinquedos e brincadeiras.

Tudo com o propósito de tornar a dinâmica de sala de aula mais afetiva, mostramos uma maior discussão deste assunto nas dependências da escola, isto ajudaria numa melhor ação metodológica em toda escola continuamente.

Difundindo melhor as tendências pedagógicas buscando alcançar a um número maior de alunos do turno matutino com um método dialético, alegre, onde se busque aprender partindo do conhecimento de mundo, sendo a poesia o reflexo da alma e, espelho do mundo é a representação de nossas aspirações sentimentais em palavras, seja falada, escrita ou cantada, sabendo que no Brasil o gênero poético cantado é muito forte na nossa cultura, a prova disso é vermos trechos de textos poéticos em livros e, crianças cantando facilmente vários tipos de músicas dando voz a poesia.

Outra limitação é um período para executar oficinas com o corpo docente, mostrando que poesia tem a capacidade de sensibilizar, se bem escolhida, adequada ao público a ser trabalhado facilita o aprendizado no processo de alfabetização por várias habilidades elencadas nesta obra, e, sobretudo, pelo fato de estimular as faculdades mentais, sons, combinação das rimas sem ser algo “necrófilo, mecânico, bancário”, mas sim por representar as aspirações do mundo que nos rodeia de maneira autêntica, de modo vivo com cores, com beleza, com luz, com foco no humanismo, fazendo-nos ler, escrever sem métrica, mas, simplesmente do modo

que lhe é conveniente produzir seu saber na esfera educacional com foco no aprendizado dialético e epistemológico do aluno.

Essa abordagem utilizando as metodologias ativas se faz necessária, hoje nos tempos tecnológicos atuais por garantir, leitura, prazer, plasticidade, beleza, compreensão, escrita, ludicidade, inventabilidade, interação do leitor com o autor, possibilitando o discente vivenciar o texto na prática do brincar, participar ativamente do fazer pedagógico estimulando suas ideias para assim ter inspirações de criação, pensar, estudar, hipotetizar entre outros.

Portanto, podemos concluir recomendando este trabalho para contribuir de forma significativa na construção do conhecimento científico aliando à teoria a prática, este estudo pode ser aprofundado auxiliando outras áreas como: a psicologia da educação, a biologia, neolinguística, linguística nos processos de semiótica, semântica e fonética. Esta pesquisa pode ser direcionada aos estudiosos da área de educação ou outros profissionais que manifeste interesse nesta área específica do conhecimento elaborado.

Colaborando com as áreas da educação, estudantes de pedagogia, professores que desejem adquirir uma didática pedagógica inovadora, robusta e que necessita de contribuições e aperfeiçoamento para servir de ferramenta teórica a uma ação metodológica capaz de fazer a diferença na vida dos educandos envolvidos nesta dialética de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Aline Maria Gomes de. **O emprego da Poesia na sala de aula: a leitura como meio de formação intelectual dos educandos do Ensino fundamental.** Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1499/1/PDF%20-%20Aline%20Maria%20Gomes%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf>>. Acesso em Março de 2020.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa:** a teoria de David Ausubel, São Paulo: Moraes, 1982.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p.
- BRASIL, Ministério da Educação-MEC. **Conheça a História da Educação Brasileira.** Disponível em < [portal.mec.gov.br/acessibilidade-sp-940674614/3371-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira](http://portal.mec.gov.br/ acessibilidade-sp-940674614/3371-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira)> Acesso em Março de 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum- BNCC.** Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em Maio de 2019.
- BUFFA, Ester. **A educação negada:** introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. 3 ed, São Paulo, Cortez, 2001.
- COLOMER, Teresa. CAMPS, Anna. **Ensinar a ler ensinar a compreender.** Porto Alegre, Artmed, 2002.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.
- FAZENDA, Ivani (org). **O que é Interdisciplinariedade.** São Paulo: Cortez, 2008.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 1994.55/75p.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** São Paulo: Cortez, 1996.
- FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. Coleção polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1983.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- IVIC, Ivan, COELHO, Edgar Pereira (org). **Lev Semionovich Vygotsky.** Recife, Massangana, 2010.
- LENOIR, Rey, B. Fazenda. **Les fondements de l'interdisciplinarité dans la formation à l'enseignement.** Canadá. Éditions du CRP/ Unesco, 2001.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>> Acesso em 01 de outubro de 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento: pesquisa: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Hucitec, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. Tradução de Catarina Elonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed. São Paulo, Cortez, Brasília –DF UNESCO ,2000.

OLÍMPIO, Luciana Claudia de Castro. **Como Trabalhar a Poesia em Sala de Aula**. Disponível em< <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/como-trabalhar-a-poesia-em-sala-de-aula/3985>> Acesso em Março de 2020.

REIS, Luciana Carvalho dos. **Os PCNEM: Concepções de Literatura e Ensino**. Disponível em< <https://www.revistaacademicaonline.com/>> Acesso em Março de 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. 9 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SILVA, Eliseu Ferreira da, JESUS, Wellington Gomes de. **Como e Porque Trabalhar com a Poesia na Sala de Aula**. Disponível em < www2.uefs.br/dia/graduando/n2/n2.21-34pdf> Acesso em Março de 2020.

SOUZA, José Clécio Silva e. **Educação e História da Educação no Brasil**. Disponível em< <https://educacao publica.cecierj.edu.br/artigos/18/23/educacao-e-historia-do-educacao-no-brasil>. Acesso em Maio de 2019.

TEBEROSKY, Ana. **Compreensão da Leitura: a língua como procedimento**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre, Artemed, 2003.

TEIXEIRA, Anísio Spinola. **Educação no Brasil**. 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional, Brasília, 1976.

WESTBROOK, Robert B. **JOHN DEWEY**. Coleção Educadores. Ministério da Educação. Brasília 2010.

ZILBERMAN, Regina. (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO DA PESQUISA****Mestrado: EM EDUCAÇÃO****Mestrando: Carlos Alexandre Firme de Oliveira****Nome do participante:** _____**Escola que trabalha:** _____**Quanto tempo de atuação profissional:** _____**QUESTIONÁRIO**

1. Você gosta de ler?

 Sim Não Às vezes

2. Que tipo de livros gosta de ler?

3. Com que frequência você ler livros fora os livros didáticos que utiliza na escola?

4. O gênero Poesia faz parte de suas leituras?

 Sim Não

5. Poderá citar algum livro de poesia que gosta de ler?

6. Como você trabalha a leitura na sala de aula?

7. Enquanto profissional da educação você reconhece a leitura como sendo uma prática relevante e necessária aos processos de aprendizagem?

Sim Não

8. Com a tecnologia, estudantes que utilizam de redes sociais, inquieto e ansioso é um desafio para motivação para o desenvolvimento da leitura. Você consegue estimular seus alunos para ler livros?

Sim Não

9. Você trabalha o gênero poesia em sua aula? Se sim, cite metodologia utilizada.

Sim Não

10. Seus alunos gostam de ler livros de poesia?

Sim Não

11. Na sua concepção dentre as opções a seguir, qual o principal objetivo da leitura na formação humana?

Formar o leitor Fazer compreender Estimular o prazer

12. O uso constante do gênero poesia em sala de aula desenvolve habilidades de sonoridade, comparação, semelhança, contagem, realidade e ganhos diversos no trabalho interdisciplinar e transversal?

Sim Não Às vezes

13. A Leitura literária tem como foco principal a interação entre o texto e os conhecimentos prévios dos educandos. Você considera importante à leitura da realidade dos seus educandos como base inicial na produção de saberes?

Sim Não Às vezes

14. Usar a poesia e sua interdisciplinaridade no cotidiano escolar pode desenvolver a capacidade mental dos educandos, a compreensão do que foi lido, contemplando, todos numa atividade de leitura literária múltipla?

Sim Não

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado (a) **Leitura Interdisciplinar: Uma Prática Dialética com Metodologias Ativas**. Desenvolvida (o) Carlos Alexandre Firme de Oliveira Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por D^a Elvira Bezerra Pessoa, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 81 996798732 ou e-mail elvirabe@gmail.com. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é Compreender os processos de leitura para a produção do saber dos Educandos no 3º ano do Ensino Fundamental, numa perspectiva interdisciplinar significativa da aprendizagem. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada e observação. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu(s) orientador (es) / coordenador(es). Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Gonçalo do Amarante, 27 de novembro de 2019

Assinatura do (a) participante: Maria Góti de Azevedo (gestora)

Assinatura do (a) pesquisador (a): Carlos Alexandre Firme de Oliveira

Assinatura do (a) testemunha (a): Françoise Pereira da Silva

APÊNDICE C

Tabela 01 - Você gosta de ler?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	8	100,00
Não		0,00
Às vezes		0,00
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 02 - Que tipo de livros gosta de ler?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Contos de fada	1	10,00
Romance	1	10,00
Romance, poesia, paradidáticos, leituras religiosas, literatura infantil, infanto-juvenil, cordéis, aventura, ação, suspense, crônicas, épicos, ficção e outros.	8	80,00
Total Geral	10	100,00

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 03 - Com que frequência você ler livros fora os livros didáticos que utiliza na escola?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Leem diariamente	4	50,00
Lê nas férias	1	12,50
Lê três vezes por semana	1	12,50
Lê sempre que possível e o livros for do interesse	1	12,50
Lê quando tem oportunidade	1	12,50
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 04 - O gênero Poesia faz parte de suas leituras?
--

Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	8	100,00
Não		0,00
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 05 - Poderá citar algum livro de poesia que gosta de ler?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Não se recorda no momento	1	10,00
Citaram temas e autores variados	9	90,00
Total Geral	10	100,00

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 06 - Como você trabalha a leitura na sala de aula?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Trabalham leitura compartilhada	5	25,00
Trabalham leitura a leitura livre com empréstimos, rodas de leitura	5	
Mediar histórias com a função de encantar com os livros	2	10,00

Fonte: Elaboração Própria.

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 07 - Enquanto profissional da educação você reconhece a leitura como sendo uma prática relevante e necessária aos processos de aprendizagem?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	8	100,00
Não		0,00
Total Geral	8	100,00

Tabela 08 - Com a tecnologia, estudantes que utilizam de redes sócias, inquieto e ansioso é um desafio para motivação para o desenvolvimento da leitura. Você consegue estimular seus alunos para ler livros?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	8	100,00
Não		0,00
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 09 - Você trabalha o gênero poesia em sua aula?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	8	100,00
Não		0,00
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 10 - Seus alunos gostam de ler livros de poesia?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	8	100,00
Não		0,00
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 11 - Na sua concepção dentre as opções a seguir, qual o principal objetivo da leitura na formação humana?		
Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Formar o leitor	3	37,50
Fazer compreender		0,00
Estimular o prazer	5	62,50
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 12 - O uso constante do gênero poesia em sala de aula desenvolve habilidades de sonoridade, comparação, semelhança, contagem, realidade e ganhos diversos no trabalho interdisciplinar e transversal?

Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	7	87,50
Não		0,00
Às vezes	1	12,50
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 13 - A leitura literária tem como foco principal a interação entre o texto e os conhecimentos prévios dos educandos. Você considera importante à leitura da realidade dos seus educandos como inicial na produção de saberes?

Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	8	100,00
Não		0,00
Às vezes		0,00
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 14 - Usar a poesia e sua interdisciplinaridade no cotidiano escolar pode desenvolver a capacidade mental dos educandos, a compreensão do que foi lido, contemplando todos numa atividade de leitura literária múltiplas?

Respostas possíveis	Quantidade	Percentual
Sim	8	100,00
Não		0,00
Total Geral	8	100,00

Fonte: Elaboração Própria.